Matrizes do pensamento em psicologia - psicanálise

Matrizes do pensamento em psicologia: psicanálise

Cássio Ricardo Fares Riedo
Weber Mário de Lima Rosa

Sumário

Palavras do autor

A área clínica da Psicologia é provavelmente a mais reconhecida socialmente. Consequentemente, é a área que mais atrai estudantes para o curso de Psicologia. Contudo, ela é complexa e bastante segmentada, oferecendo modelos teóricos muito diferentes que resultam em práticas também bastante distintas. Esta disciplina irá abordar as matrizes do pensamento da psicanálise, provavelmente a área da clínica também mais reconhecida socialmente. É muito importante, para a escolha da futura área de atuação, que os estudantes conheçam bem as matrizes de pensamento de todas as áreas da Psicologia, compreendendo conceitos que deram origem e embasarão o desenvolvimento profissional do futuro psicólogo.

Portanto, é importante - tanto para uma atuação profissional qualificada como para a formulação de críticas cientificamente embasadas - que o estudante se dedique e se aprofunde no estudo de seus interesses, mediante a compreensão dos principais conceitos e especificidades de cada área, seja da Psicologia (enquanto um vasto campo profissional), seja dos principais referenciais teóricos da clínica psicológica. E, especificamente nesta disciplina, o estudante deve buscar conhecer os fundamentos, pressupostos, conceitos e estratégias metodológicas que caracterizam a teoria psicanalítica.

Nosso percurso de estudo está dividido em quatro seções, que abordarão: 1) uma visão contextual do final do século XIX e os conceitos iniciais da psicanálise; 2) a compreensão dos pilares da psicanálise a partir dos principais mecanismos de defesa; 3) a compreensão das fases psicossexuais e do complexo de Édipo; e 4) uma visão crítica sobre a aplicação da psicanálise em relação não só ao indivíduo, mas à sociedade, à cultural e às ciências.

Bem-vindo a essa jornada! Esperamos que sua dedicação aos estudos propicie a aquisição de conhecimentos realmente significativos para toda sua vida.

O contexto histórico psicanalítico

Convite ao estudo

A psicanálise surgiu no final do século XIX. Seu fundador, considerado o pai da psicanálise, Sigmund Freud, nasceu em 1856 na cidade de Freiberg-in-Mahren, pertencente então ao Império Austríaco. Freud foi o primeiro filho do terceiro casamento de Jacob Freud, um comerciante de lã não muito bem-sucedido, com Amalie Nathanson, vinte anos mais jovem do que ele. O primogênito Freud foi seguido por outros 7 filhos, sendo três meninos (Julius, Dolfi e Alexander) e quatro meninas (Anna, Rosa, Marie e Paula). Sua família seguia o judaísmo como religião, e por problemas financeiros e de saúde, aos quatro anos de idade, Freud e sua família mudaram-se para Viena, onde ele morou até 1938. Aos 17 anos, entrou para a faculdade de medicina na Universidade de Viena, graduando-se em 1881. Freud, como médico neurologista, propôs um método para a compreensão e análise do homem. Esse método este que abrangia a investigação do psiquismo e seu funcionamento, um sistema teórico sobre o comportamento humano e um tratamento médico voltado para problemas psicológicos que não apresentavam suporte necessariamente biológico para sua compreensão e cura, ou seja, em síntese, propôs uma teoria da personalidade e procedimentos para terapia.

O objetivo desta unidade é conhecer os fundamentos, pressupostos, conceitos e estratégias metodológicas que caracterizam a teoria psicanalítica, possibilitando a aquisição de uma visão contextual do final do século XIX e a compreensão de conceitos iniciais sobre a psicanálise, utilizando a iniciativa e a curiosidade dos estudantes, aliadas à persistência e à criatividade, para desenvolver o raciocínio crítico, voltado para a ampliação da capacidade comunicativa e a solução de problemas.

Para tanto, considerando o contexto de aprendizagem, imagine que você já tenha alguma experiência em Psicologia e foi procurado por um colega mais novo, o João Ismite, para conversar sobre suas escolhas, pois João não sabe se deve ou não escolher a abordagem psicanalítica. Pense em como apresentar da maneira mais compreensível possível os conceitos estudados nesta seção para ajudá-lo em sua escolha, se possível, apontando suas interpretações e críticas sobre o que aprendeu. Não se esqueça de considerar e refletir sobre como a concepção de homem e suas relações sociais podem influir em tratamentos clínicos, principalmente em relação à formação inicial, às condições socioeconômicas e ao núcleo familiar.

Para ajudá-lo em sua elaboração, a Seção 1.1 apresentará o contexto socioeconômico e histórico em que a psicanálise surgiu no final do século XIX. A Seção 1.2 abordará os primeiros métodos e técnicas usados para a investigação do inconsciente. Aprofundando a seção anterior, a Seção 1.3 entrará nos primeiros conceitos propriamente psicanalíticos, conceituando desde o trauma até a fantasia, relacionando-os ao desenvolvimento psicossocial.

Seção 1.1

O surgimento da psicanálise no final do século XIX

Diálogo aberto

A concepção sobre o que é ser humano sempre foi motivo de reflexão para nossa espécie. É a partir da concepção de homem que são estabelecidas as nossas relações sociais. Entretanto, é possível afirmar que tal concepção é socialmente construída, principalmente pelo fato de que o ser humano só pode existir e se desenvolver em sociedade. É inimaginável, ou mesmo impossível, pensar em um ser humano se desenvolvendo de maneira saudável isolado ou distante de outros seres humanos. Portanto, é importante reconhecer as relações que propiciam ou inibem o surgimento das diferentes maneiras de pensar sobre o ser humano. Assim, a psicanálise, de um modo bastante amplo, não deixa de ser uma maneira de pensar sobre o ser humano e suas relações sociais, isto é, em como o ser humano se desenvolve e é afetado por toda e qualquer relação social, desde a mais remota idade. Num primeiro momento, será abordado o contexto sociopolítico-econômico do momento em que a psicanálise surgiu, e pensaremos em como tal contexto pode ter afetado as formulações de Sigmund Freud, o pai da psicanálise.

A compreensão do contexto pode ser considerada fundamental para o estabelecimento de relações entre a teoria e a prática psicanalítica. Sem a influência das relações familiares, da religião, da profissão, da situação econômica e de todas as relações sociais, que tanto inspiraram as concepções de Freud no momento de criação da psicanálise, não haveria material "subjetivo" para nenhum tipo de análise. De um modo geral, o que a psicanálise faz é analisar a sociedade para compreender o indivíduo. A proposta freudiana é de determinismo psíquico, isto é, a base da personalidade e, consequentemente das escolhas do sujeito, se formam durante a infância a partir de instintos (que são inatos) e das fantasias e desejos inconscientes que se desenvolvem através de um processo de repressão dos instintos mediante a relação do bebê e, posteriormente da criança, com a realidade e na relação com os pais (FREUD, 1996c; FREUD, 1996d).

Em sua primeira situação-problema (SP), você deverá explicar a um colega mais jovem e indeciso sobre a área a seguir num curso de psicologia, da maneira mais clara possível, como a concepção de homem influenciou Freud e quais ainda são seus reflexos nas atuais concepções psicanalíticas.

Não pode faltar

Comecemos por um conceito básico e fundamental que permeará toda esta seção: a concepção de homem. Vejamos como o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define a palavra *concepção*:

> “1. ato ou efeito de conceber [...] 2. obra da inteligência; produção, criação, teoria 3. trabalho de criação; projeto, plano, ideia 4. fantasia, imaginação, ficção 5. faculdade ou ato de apreender uma ideia ou questão, ou de compreender algo; compreensão, percepção 6. modo de ver ou sentir, ponto de vista; entendimento, noção - Concepção do mundo: maneira subjetiva de ver e entender o mundo, especialmente as relações humanas e os papéis das pessoas e o seu próprio na sociedade, e também as respostas a questões filosóficas básicas, como a finalidade da existência humana, a existência de vida (e castigo ou recompensa_ após a morte etc.; visão do mundo, cosmovisão" (HOUAISS; SALLES, 2001, p. 784)

Além desses significados, o dicionário também informa que essa palavra entrou para a Língua Portuguesa no século XV. Mas será que antes do século XV não existia nenhuma *concepção* em português? Talvez a palavra ainda não tivesse sido usada, mas o conceito é, sem dúvida, anterior, pois sua origem vem do latim *conceptio*, que é a ação de conter, de abranger, do que é contido, ideia, noção.

Reflita

Existem muitos dicionários e alguns trazem até significados diferentes da mesma palavra. Por exemplo, em relação à palavra concepção, há também no dicionário indicado um significado mais biológico, relacionado à reprodução. Reflita sobre os significados apresentados, suas possíveis relações com o conceito biológico de reprodução e também sobre o sentido de “Natureza Humana”, como encontrado na Wikipédia, na qual há até uma referência a Sigmund Freud.

Considerando o significado da palavra *concepção* é possível perceber o sentido de criação, de imaginação, de compreensão ou de entendimento. Se trocarmos o significado de ***Concepção do mundo*** para ***Concepção do homem***, podemos inferir a maneira subjetiva de ver e entender o homem, especialmente as relações humanas e os papéis das pessoas na sociedade, o que ressalta a importância da compreensão do contexto sociopolítico-econômico em que o ser humano vive e se desenvolve para que se possa compreendê-lo. Justamente por isso é que se busca compreender melhor o momento do surgimento da psicanálise no final do séc. XIX, século das invenções e descobertas, sendo que a psicanálise só pode ganhar sentido em relação ao seu tempo histórico, provavelmente impossível de existir anteriormente. O momento histórico do surgimento da psicanálise é chamado de Modernidade.

Assimile

O conceito de Modernidade é fundamental para a compreensão da concepção de homem que serviu como alicerce para o desenvolvimento de conceitos básicos da psicanálise. Portanto, procure deixá-lo o mais claro possível em sua própria visão de mundo.

Do ponto de vista dos períodos históricos, a visão de mundo da Modernidade abrange tanto a Idade Moderna quanto a Idade Contemporânea. A Idade Moderna pode ser considerada de 1453 até 1789 e é caracterizada pelo nascimento do modo capitalista de produção, pelos descobrimentos marítimos europeus (que vão do séc. XV até o séc. XVII), pela invenção da imprensa (séc. XVI) e pelo Renascimento (que vai do fim do séc. XIV até o fim do séc. XVII, com transformações evidentes na cultura, na sociedade, na economia, na política e na religião). A Idade Contemporânea vai desde 1789, data do início da Revolução Francesa, até praticamente os dias atuais, sendo caracterizada pela valorização da razão em detrimento da religiosidade, na qual o regime capitalista se consolidou.

Por definição, a Modernidade marcou a ruptura com a tradição medieval, dominada por dogmas religiosos, caracterizando-se pelo estabelecimento da autonomia da razão, com reflexos e repercussões sobre a filosofia, a cultura e toda a sociedade ocidental. Um dos marcos do início da Modernidade foi a publicação do livro "Discurso sobre o método", em 1637, do filósofo, físico e matemático francês René Descartes (1596-1650), considerado o primeiro pensador moderno. A afirmação "penso, logo existo" (*cogito ergo sum*, em latim) estabeleceu a importância do uso da razão para a compreensão do mundo à sua volta, tomando por base a verificação de evidências, a análise racional dos fenômenos naturais e a síntese e enumeração de princípios que permitiram ordenar o pensamento e propiciaram o aparecimento e desenvolvimento do método científico.

Pesquise mais

O conceito de Ciência foi muito importante para toda a Modernidade, seja enquanto afirmação de seu valor para o desenvolvimento social, seja enquanto reflexão crítica sobre seus métodos. Para uma melhor compreensão da metodologia científica, recomenda-se a leitura de "Cientificidade" (DEMO, 2011, p. 09-34), e para uma melhor compreensão do processo de evolução da Ciência, recomenda-se a leitura de "Thomas Kuhn: A estrutura das revoluções científicas" (TOZZINI, 2014, p. 08-16).

É interessante notar como a palavra *concepção* surge na Língua Portuguesa no sec. XV, exatamente num momento de transição entre o modo de produção e visão de mundo feudal e a modernidade. Uma possível justificativa é que, no mundo feudal, o pensamento individual não tinha importância diante dos dogmas religiosos usados para explicar o mundo, relembrando que, após as invasões bárbaras na Idade Média, foram os mosteiros que preservaram o conhecimento nas bibliotecas não queimadas pelos bárbaros, nas quais os monges transcreviam à mão, mesmo sem entender, os livros antigos. Ou seja, era a Igreja, enquanto instituição, que detinha "fisicamente" o conhecimento, fazendo valer suas interpretações. Por exemplo, a visão geocentrista do universo, na qual a Terra era o centro do mundo, era dominante contra a visão heliocentrista, que afirmava que a Terra girava em torno do Sol. Foi a revolução copernicana a partir das observações do matemático e astrônomo polonês Nicolau Copérnico (1473-1543), cônego da Igreja Católica, que estabeleceu a separação entre o pensamento dogmático religioso e o pensamento científico. Na tentativa de manter seu domínio sobre o conhecimento, a Santa Inquisição até julgou Galileu Galilei (1564-1642), personalidade fundamental na revolução científica e que defendia o heliocentrismo, fazendo-o renunciar publicamente às suas crenças, mas não sem reafirmar, com sua célebre citação, que, contudo, a Terra se move (em latim, *eppur si muove!*).

Pesquise mais

Galileu foi um personagem ímpar na história da humanidade e vale a pena ser mais bem conhecido. Um pequeno livro, com apenas 56 páginas e muitas ilustrações, está disponível em: <trial.minhabiblioteca.com.br> (acesso em: 23 out. 2016). Trata-se de "Galileu e o sistema solar em 90 minutos" (STRATHERN, 1998).

O aspecto religioso sempre foi muito importante para a humanidade e não deixou de ser para Freud, um judeu. Convém ressaltar o judaísmo como religião monoteísta e origem das várias vertentes do cristianismo, inclusive a da Reforma Protestante (movimento reformista cristão do séc. XVI que protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica e propôs a reforma do catolicismo da época). A visão

monoteísta, isto é, de um único Deus, que criou o mundo em sete dias e o homem a sua imagem e semelhança, que tudo sabe e tudo vê, se contrapõe à das religiões politeístas da antiguidade e de outras regiões não centradas no ocidentalismo Europeu. Uma característica importante, presente já no judaísmo, é a culpa de Adão e Eva pela perda do paraíso por terem comido o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal, surgindo assim o pecado original, enquanto tendência inata de pecar e como necessidade de resgatar a humanidade presente no ser humano.

Reflita

Será que a psicanálise existiria se Freud não fosse seguidor de uma religião monoteísta? Como poderia ser a psicanálise se tivesse se originado a partir de uma religiosidade politeísta, como na Índia, e em crenças de reencarnações para a evolução espiritual? Ou, então, sem o conceito de Deus, mas centrada em um "caminho da libertação" por meio de renúncias, como no budismo?

Para a psicanálise, o desejo humano não obedece a regras morais, direcionando a libido e a agressividade aos elementos que compõem o psiquismo. O sofrimento humano resultaria do esforço mental que fazemos para contermos esses desejos. Freud não utiliza os mitos como parábolas, as quais na literatura judaico-cristã são usadas para transmitir ensinamentos religiosos (e, portanto, morais), ele usa os mitos como alegorias do funcionamento mental inconsciente. O exemplo mais clássico é o conceito de complexo de Édipo em que Freud faz um recorte da peça Édipo Rei, de Sófocles, para estudar o direcionamento que a criança entre 3 e 5 ou 6 anos faz de sua libido à figura parental de sexo oposto com consequente rivalidade e medo de vingança da figura parental do mesmo sexo. A consequência do desfecho do complexo de Édipo é a formação de uma instância psíquica moral, o Superego, que se forma devido à repressão do desejo. Entretanto, em momento algum Freud faz uma crítica moral do desejo que, como mencionado, é sempre tratado como algo livre de moral uma vez que é instintivo (FREUD, 1986b). Mas veremos isso de maneira mais detalhada posteriormente. Neste momento, é mais importante perceber como torna-se possível afirmar de que modo a estrutura familiar é influenciada pela visão de mundo de sua época. Por exemplo, a família, defendida até hoje pela Igreja Católica, constituída por um núcleo familiar composto por pai, mãe e filhos, vivendo numa mesma casa, é típica da Modernidade, não existindo, por exemplo, no período feudal, no qual a população se organizava em guildas, de acordo com as profissões, sendo que os filhos estariam destinados a seguir a profissão dos pais, aprendendo com estes as habilidades necessárias para sua inserção na sociedade. É possível inferir que, como os filhos seguiam a profissão dos pais, os filhos dos nobres eram nobres e os filhos dos servos continuavam servos, e por isso a sociedade tendia a ser mais estável. Não havia necessidade de os direitos serem iguais para todos, pois o futuro de cada um era determinado por sua própria origem. Não havia necessidade de escolas, nem de direitos individuais, pois as classes sociais eram mais importantes do que os indivíduos. Nesse contexto, a religião era usada para justificar a organização do mundo.

Outro importante pensador do séc. XIX, Karl Marx (1818-1883), chegou até a afirmar que a religião era o ópio do povo, isto é, aquilo que manteria a população anestesiada dos verdadeiros problemas sociais. Do ponto de vista econômico, a Modernidade está diretamente associada ao surgimento e desenvolvimento do modo de produção capitalista. Marx ficou conhecido principalmente pelo conjunto de livros denominados "O capital", sendo que o primeiro foi publicado em 1867, no qual é feita uma análise crítica da sociedade capitalista. Marx pode ser considerado, juntamente com Freud e Darwin, um dos três principais pensadores do séc. XIX, isto é, os pensadores que mais influenciaram as posteriores transformações sociais. "O capital" é predominantemente um livro de economia, mas aborda também aspectos sociais, culturais, políticos e filosóficos ao apresentar a divisão de classes na sociedade capitalista entre a burguesia e o proletariado. Nessa divisão, a burguesia, enquanto classe dominante e detentora do poder econômico, se apropria do trabalho proletário por meio da "mais-valia" (diferença entre os custos envolvidos na produção, incluído o valor que o empregado recebe pelo trabalho, e o valor obtido na venda do produto final, que gera o lucro para a classe dominante).

Contudo, foi na Modernidade, principalmente a partir da Revolução Francesa (movimento de intensa agitação política e social ocorrido entre 1789 e 1799), que se estabeleceu o conceito de cidadão de que todos deveriam ser iguais perante as leis. Ou seja, o súdito ou vassalo não estaria mais à disposição do monarca da região onde tinha nascido, mas, tanto o monarca quanto a população de maneira geral deveriam se submeter às mesmas regras sociais, elaboradas pelos seres humanos e não mais, como no período feudal, consideradas como imposições divinas, reforçadas pelas organizações religiosas. É interessante notar que a palavra *cidadão* surge na Língua Portuguesa em 1269, fazendo referência àquele que mora nas cidades, e não como "indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui de direitos civis e políticos garantidos pelo mesmo Estado" (HOUAISS; SALLES, 2001, p. 714), até porque a palavra *indivíduo* entrou para a Língua Portuguesa no séc. XV (mais especificamente, em 1619), enquanto "ser humano considerado isoladamente na coletividade, na comunidade de que faz parte; cidadão" (HOUAISS; SALLES, 2001, p. 1607). Portanto, é possível estabelecer relações entre o conceito de cidadão e de indivíduo, conceitos formulados na Modernidade, principalmente por que o conceito de individualidade, relacionado diretamente com o conceito "eu", é fundamental para a psicanálise.

Pesquise mais

A leitura do capítulo "A trajetória do eu" (GIDDENS, 2002, p. 70-103), que também aborda aspectos relacionados à terapia, pode ajudar no estabelecimento das relações entre a Modernidade e a individualidade.

Retomando a influência da religião, tanto em Freud como na população ocidental de modo geral, principalmente considerando o pecado original, apregoado desde o judaísmo, que determinou a expulsão de Adão e Eva do paraíso, ressalta-se o acesso ao fruto

proibido da "árvore do conhecimento", ou seja, evidencia-se o conflito da religião com a Modernidade, pois as religiões monoteístas, mas não apenas estas, não estimulam a busca pelo conhecimento além do que é traçado pela interpretação religiosa. A importância de Charles Darwin (1809-1882), naturalista britânico e o terceiro principal pensador do séc. XIX, vem justamente do conceito de evolução relacionado às espécies, isto é, da teoria que as espécies animais e mesmo vegetais evoluíram por meio de uma seleção natural, porém não necessariamente do "melhor" sobre o "pior", mas daqueles mais adaptados às situações naturais do momento sobre os menos adaptados. Considerando os fósseis disponíveis em várias regiões do planeta, ao apontar as semelhanças entre homens e macacos e inferindo que ambos possam ter ancestrais comuns, a teoria da evolução de Darwin coloca em cheque a justificativa religiosa para existência de Adão e Eva.

Assimile

As bases e os procedimentos científicos foram fundamentais para as transformações sociais e influenciaram o desenvolvimento não só da psicanálise, mas de toda a Psicologia. Portanto, procure apreender a relevância que tiveram e ainda têm sobre toda a humanidade.

O desenvolvimento da Ciência é uma das principais características da Modernidade, que trouxe consigo a proliferação das escolas fundamentais para todos e o desenvolvimento das universidades. Com isso, ou como consequência, acentuaram-se a especialização e a fragmentação dos saberes. Com a Modernidade, a pesquisa científica passou a ser cada vez mais valorizada. Em 1810, foi fundada a Universidade Humbolt de Berlim, que, enquanto modelo universitário voltado principalmente para a pesquisa, influenciou muitas outras universidades europeias e ocidentais. A organização universitária levou à separação do conhecimento entre ciências e humanidades, reforçando a especialização profissional em subáreas do conhecimento, dando origem a institutos e departamentos universitários que promoviam a formação em áreas inicialmente tradicionais, como Engenharia, Direito e Medicina, e posteriormente numa fragmentação cada vez maior, de acordo com objetos cada vez mais restritos de pesquisa, como Enfermagem, Psicologia, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Odontologia, Nutrição etc. Especificamente em relação à área da Saúde, Foucault (2012) faz uma análise interessante de como se deu a evolução do discurso empregado pelos médicos na clínica, o qual também ajuda a compreender as relações contextuais entre a sociedade e a profissão médica. E, considerando o desenvolvimento da Medicina no séc. XIX, relacionado com a migração, a superpopulação das cidades e as precárias condições de vida da classe trabalhadora e que conduziu à medicina social, a formação de Freud foi em neurologia, na especialidade que trata de distúrbios estruturais do sistema nervoso, e não na medicina cientificamente mais avançada para a época e relacionada à teoria microbiana das doenças, ou na medicina da evolução das espécies de Darwin, ou na medicina da genética de Gregor Mendel (1822-1884), monge agostiniano, botânico e meteorologista austríaco.

Reflita

Considerando principalmente o contexto histórico da Modernidade, será que Freud teria proposto uma teoria psicanalítica semelhante à que elaborou se não tivesse tido formação médica? Quais seriam as influências de sua religião e de sua família na elaboração de suas teorias?

Freud começou sua clínica com o tratamento de pacientes com histeria, sob a orientação de Jean-Martin Charcot (1825-1893), médico e cientista francês, famoso na área da psiquiatria e neurologia, que empregava a hipnose experimentalmente. Segundo Zimmerman (2008), desde épocas primitivas, a histeria sempre esteve cercada de mistérios e tabus: desde sua origem grega (*hysteros*, traduzível por útero), esse transtorno psicológico era atribuído apenas às mulheres, havendo ainda "a crença de que estariam sendo presas de maus espíritos e, por isso, deveriam ser banidas da comunidade ou submetidas a rituais de exorcismos por meio de torturas" (ZIMMERMAN, 2008, p. 184). Ao observar a melhora de pacientes de Charcot, Freud elaborou a hipótese de que a causa da doença era psicológica e não orgânica. Ao escutar os pacientes, ele tentava compreender a natureza do que era conhecido como doenças nervosas funcionais, caracterizadas pela impotência da medicina em encontrar uma cura para tais doenças ao buscar explicações em fatos físico-químicos ou patológico-anatômicos, não se preocupando com fatores psíquicos. Para Freud, os problemas se originavam na não aceitação cultural ou em consequência de desejos reprimidos, geralmente associáveis a fantasias de natureza sexual.

Assimile

A histeria é um conceito psicanalítico importante e bastante usado, que pode "aparecer nos textos psicanalíticos com formas e significados bastante distintos" (ZIMMERMAN, 2008, p. 184). Portanto, vale o esforço para compreendê-lo bem.

Em 1895, em parceria com Josef Breuer (1842-1925), médico e fisiologista também austríaco, Freud publicou o livro "Estudos sobre a histeria", quando ainda esboçava suas ideias psicológicas ligadas ao dinamismo da sexualidade reprimida, as quais se chocavam com as ideias da comunidade médica de então, que considerava a histeria como uma doença degenerativa, causada principalmente pela sífilis. De qualquer modo, deve-se considerar que "a histeria é tão plástica que, a rigor, pode-se dizer que, de alguma forma, ela está presente em todas as psicopatologias" (ZIMMERMAN, 2008, p. 185). Foi com a intenção de compreender o psiquismo, que era deixado pelos médicos para filósofos, místicos e charlatães, e para buscar tratamento e cura dos sintomas neuróticos e histéricos, que Freud começou suas investigações sobre os processos mentais.

Exemplificando

A compreensão do contexto do surgimento da psicanálise auxilia na compreensão da própria psicanálise, pois esta se desenvolveu a partir da visão de mundo da modernidade, na qual o ser humano é sempre um indivíduo único, mas também fruto de seu meio social. Portanto, é essa individualidade que permite e possibilita seu desenvolvimento, tornando necessária a formulação de teorias que tentem explicar tanto sua personalidade quanto as maneiras de resolver os possíveis problemas encontrados durante o desenvolvimento individual. E foi justamente para isso que Freud propôs a psicanálise.

A importância de Freud como um dos principais pensadores do séc. XIX vai muito além de seus estudos médicos baseados no sistema nervoso a partir do modo tradicional da Medicina. Um dos conceitos mais importante é justamente o "inconsciente", que revela que a racionalidade não é suficiente para explicar o comportamento humano. Além disso, não é possível deixar de considerar a importância que ele deu para o desenvolvimento sexual, levando em conta principalmente as críticas surgidas justamente por essa abordagem, como também pelo modo como a religião católica anteriormente tentava controlar a população por meio da inibição dos estímulos sexuais. Mas esse será o tema da próxima seção.

Sem medo de errar

Atenção

O objetivo da situação-problema (SP) é principalmente fazê-lo refletir sobre os conceitos básicos e consolidar as relações existentes entre as definições conceituais e os contextos socioeconômico e cultural da época do surgimento da psicanálise no séc. XIX, relacionando-os com o contexto atual.

Para resolver a SP, recomenda-se a criação de um mapa conceitual com as principais ideias abordadas no texto, de forma a sistematizar o conhecimento transmitido a fim de torná-lo realmente significativo. Para que um conhecimento torne-se significativo, ele deve ser associado ao conhecimento prévio já possuído, e, portanto, o mapa conceitual não deve se restringir apenas aos novos conhecimentos propostos, mas deve buscar as definições e relações com o que já se sabe sobre o assunto abordado e ir além do texto, aprofundando conceitos que podem não ter ficado muito claros ou que puderam ser expandidos mediante as sugestões dos quadros de apoio, como o Reflita e o Pesquise Mais, ou por seu próprio interesse.

Com o mapa conceitual ou mesmo um esquema pessoal dos principais conceitos abordados em mãos, organize em forma textual a apresentação dos conceitos numa sequência coerente e atrativa. Se quiser, use sua criatividade para criar uma parábola ou mesmo uma história que represente o desenvolvimento e a relação dos conceitos. Preferencialmente, use exemplos práticos, relacionados com seu conhecimento, de modo a transmitir os conceitos da maneira mais detalhada possível para João.

Pontos que não devem ficar fora da apresentação são as concepções de homem na Modernidade, em contraposição com o período feudal; a importância da razão, do conhecimento e da Ciência diante das transformações na religião, na família, na escola e na formação profissional; o conceito de cidadão e sua relação com o conceito de indivíduo; e os pensadores mais influentes no séc. XIX (Marx, Darwin e Freud) e suas principais ideias.

Avançando na prática

A apresentação num congresso sobre história da psicanálise

Descrição da situação-problema

Você foi convidado para fazer uma apresentação sobre o contexto sociopolítico-econômico no surgimento da psicanálise em um importante congresso de Psicologia. Para tanto, você poderá usar como ponto de partida a carta escrita para João. Crie uma apresentação em PowerPoint com os principais conceitos abordados.

Resolução da situação-problema

Lembre-se de que, numa apresentação, os textos devem ser resumidos, apresentados com fontes legíveis (preferencialmente com fonte de tamanho superior a 30 pontos), e as imagens ajudam a fixar melhor os conceitos. Portanto, crie um *slide* para cada conceito importante e ilustre-o com imagens, esquemas ou tabelas para deixá-lo bem claro. Não esqueça de criar um título para a apresentação, além de um *slide* de abertura e outro slide de agradecimento a ser apresentado depois da apresentação.

Faça valer a pena

1. A Modernidade sucedeu o sistema feudal e tem como uma de suas principais características o surgimento e desenvolvimento do modo de produção capitalista. Além do modo de produção, as relações sociais e a concepção de ser humano também se modificaram no período. Em relação às transformações que ocorreram na passagem do sistema feudal para a Modernidade, marque V para verdadeiro ou F para falso:

(   ) A Revolução Francesa, com uma nova interpretação do conceito de cidadão, pode ser considerada um marco na passagem do feudalismo para a Modernidade.

(   ) Os direitos e deveres do cidadão, assim como a aplicação da Lei para todos, contribuíram para o reconhecimento da individualidade do ser humano.

(   ) A estrutura familiar centrada no núcleo com pai, mãe e filhos, vivendo numa mesma casa, defendida até hoje pela Igreja, praticamente não se modificou com a Modernidade.

(   ) Considerando a formação profissional, percebe-se a especialização e fragmentação cada vez maior do conhecimento na Modernidade, que se reflete também nas estruturas das universidades.

Agora, assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

a) V – V – V – V.

b) F – V – V – V.

c) V – F – V – F.

d) V – V – F – V.

e) F – V – V – F.

2. A valorização social da Ciência é uma das principais características da Modernidade, e os pensadores mais influentes do séc. XIX (Marx, Darwin e Freud) abordaram diferentes áreas. Em relação às proposições dos pensadores mais influentes do séc. XIX, avalie as afirmações a seguir:

I. Karl Marx apresentou uma análise crítica do capitalismo, expondo a divisão da sociedade entre burguesia e proletariado, na qual a burguesia enriquece com a mais-valia do trabalho assalariado.

II. A Teoria da Evolução de Charles Darwin questionou a concepção religiosa sobre a criação do homem por Deus, uma vez que tanto o ser humano quanto os macacos teriam ancestrais comuns.

III. Para Sigmund Freud, os transtornos históricos seriam originados na não aceitação cultural ou em consequência de desejos reprimidos, geralmente associáveis a fantasias de natureza sexual.

É correto o que se afirma em:

a) III, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

3. A histeria foi o primeiro transtorno estudado por Freud no início de sua carreira médica, tornando-se um conceito psicanalítico importante e bastante usado, além de aparecer nos textos psicanalíticos com formas e significados bastante distintos. Considerando como a histeria era vista desde a antiguidade até a época de Freud, marque V para verdadeiro ou F para falso:

( ) A histeria era atribuída apenas às mulheres, havendo já na antiguidade a crença de que elas estariam sendo presas de maus espíritos.

( ) Ao observar pacientes de Charcot, Freud elaborou a hipótese de que a causa da histeria era psicológica e não orgânica.

( ) Na época de Freud, a Medicina era impotente para curar a histeria e buscava explicações em fatos físico-químicos ou patológico-anatômicos.

( ) A comunidade médica da época de Freud considerava a histeria como uma doença degenerativa, causada principalmente pela sífilis.

Agora, assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

a) F – V – V – V.

b) V – F – V – V.

c) V – V – F – V.

d) V – V – V – F.

e) V – V – V – V.

Seção 1.2

Métodos e técnicas de investigação do inconsciente

Diálogo aberto

João gostou tanto de sua resposta que deseja continuar a conversa com você por meio de carta, respeitando a distância e a falta de tempo de ambos para um encontro pessoal. Ele até apontou conteúdos mobilizados, talvez inconscientemente, pelo que compreendeu de suas explicações. Portanto, é hora de aprofundar o conhecimento sobre o inconsciente, um conceito fundamental em psicanálise e um dos "mais controversos da história do conhecimento" (XAVIER, 2010, p. 54). Na situação-problema (SP) desta seção, você deve buscar manifestações do inconsciente no relato de João, se possível, ampliando os conceitos com outras situações típicas encontradas no cotidiano, de modo a possibilitar que João realmente tenha fundamentos para julgar a teoria psicanalítica com conhecimento de causa, pois deverá fazer uma escolha muito importante que refletirá no resto de toda sua vida enquanto futuro psicólogo. Muito mais importante até do que se fosse apenas um paciente.

O reconhecimento do contexto do surgimento da psicanálise foi importante para compreender as bases científicas das quais Freud partiu para elaborar a teoria psicanalítica. Por exemplo, foi nesse contexto que surgiu o conceito de inconsciente enquanto "fenômeno cuja história tem sido pouco ou nada discutida" (XAVIER, 2010, p. 54), e deve ser reconhecido como algo que vai além da racionalidade humana. Por mais que muitos filósofos tenham valorizado a racionalidade como uma das principais características do ser humano, nossa espécie não é governada somente pela razão. "Sua simples menção já suscita certo incômodo, contrariando uma ciência que se respalda em princípios como os de 'razão', 'controle' e 'materialidade' [...], abrindo-se brechas muito interessantes para a exploração de conteúdos que passariam abaixo da superfície dos domínios da ortodoxia científica" (XAVIER, 2010, p. 54). Então, justamente pelo fator polêmico do conceito, é comum se deparar com distorções das origens como também em sua compreensão. Assim, você se preocupa em fazer com que João o entenda da melhor maneira possível, e deverá apresentar de modo claro os métodos e técnicas de investigação do inconsciente, como a hipnose, o hipno-catártico e a associação livre, que serão estudados nesta seção e deverão alicerçar e avançar com a compreensão sobre a psicanálise.

Não pode faltar

Para começar os estudos, podemos recorrer novamente ao dicionário a fim de buscar quando a palavra *inconsciente* entrou na Língua Portuguesa. Foi em 1873, e com o seguinte significado:

"1. que não é dotado de consciência 2. que perdeu o conhecimento, que está privado de consciência, encontra-se em estado de torpor 3. feito de maneira irresponsável, inconsequente 4. que acontece sem que se preste atenção; automático, maquinal, involuntário 5. que ou aquele que não se dá conta de certas coisas, não percebe as circunstâncias à sua volta 6. que ou aquele que age impensadamente, sem medir o alcance de suas palavras ou atos; insensato, irresponsável, inconsequente [...] 8. MED relativo a ou o estado em que o indivíduo encontra-se temporária ou permanentemente privado de consciência [...] 10. PSIC que ou o que não é consciente, mas pode influenciar o comportamento sob forma simbólica ou sublimada (diz-se de processos psíquicos)". (HOUAISS; SALLES, 200

Vemos também que seu antônimo é *consciente* e que é facilmente percebida, tanto pelas definições quanto pelo antônimo, a oposição à consciência e ao conhecimento, dando um sentido de falta ou perda de algo, do conhecimento ou da consciência, como aponta o item 8, no qual MED é uma referência à medicina, ou no item 10, enquanto termo relacionado à psicologia (PSIC), que ressalta a possibilidade de "influenciar o comportamento sob forma simbólica ou sublimada".

Apesar de Houaiss e Salles (2001) indicarem que o termo *inconsciente* apareceu num dicionário de Língua Portuguesa somente em 1873, ele já era usado anteriormente por escritores e pesquisadores (CURADO, 2012), pois "importantes parcelas da atividade mental poderiam furtar-se ao controle das atividades conscientes racionais, vindo a formar, assim, a face obscura das paixões da alma, de todos os modos homologada aos processos irracionais da mente" (BARATTO, 2002, p. 158). Contudo, o conceito daquela época era diferente de sua compreensão atual, não apresentando ligação com a vida pessoal, não influenciando o estado de saúde, não dependendo de interpretações pessoais e não sendo decisivo na vida das pessoas, isto é, apesar de mais amplo e relacionado à natureza, era menos influente no sujeito do que a atual noção de inconsciente. Foi, a partir da conceituação de inconsciente de Freud, não mais o oposto simétrico da consciência, mas um conceito radicalmente novo em relação ao teorizado por seus predecessores, como um ponto de opacidade no interior do psiquismo e com sua irredutibilidade à apreensão conceitual (NUNES;

FERREIRA; PERES, 2009), que um profundo desconhecimento do sujeito em relação a si mesmo e à realidade que o cerca passou a ser reconhecido.

Assimile

O inconsciente foi um conceito fundamental para Freud e constituiu o ponto em torno do qual se sustentou o edifício teórico e técnico da psicanálise. Para Freud, a maior parte da vida psíquica é inconsciente, não dominada pela razão, mas regida pela força das pulsões e das paixões. Portanto, procure compreendê-lo muito bem.

Curado (2012) ressalta que a noção de inconsciente faz parte da atual cartografia do espaço interior, ainda que ninguém saiba realmente do que se trata, nem onde reside. Segundo Freud, que estudou cientificamente os processos psíquicos inconscientes, a equivalência entre o psíquico e o consciente não era só inadequada como também revela uma supervalorização da consciência (BARATTO, 2009). Entretanto, a noção relativa à existência de processos mentais que se desenrolam à margem da consciência é conhecida no pensamento de algumas tradições filosóficas, as quais postulam que a "consciência poderia submeter-se a um processo de divisão" (BARATTO, 2002, p. 158).

Um problema atual, decorrente da falta de compreensão das representações oitocentistas do inconsciente, é que o conceito ultrapassado de inconsciente continua "a influenciar muitas áreas da vida contemporânea, da Literatura ao Direito, da Psicologia às teorias filosóficas sobre a mente. Pior do que tudo, não há progresso evidente no conceito de inconsciente, nem, aliás, no conceito de consciência" (CURADO, 2012, p. 179), podendo ser encontradas tais influências em amplas aplicações "nos tribunais, na teoria da educação, na prática psicoterapêutica, na clínica médica e na explicação dos processos de criatividade artística" (CURADO, 2012, p. 180). Portanto, é importante compreender a estreita ligação do fenômeno do inconsciente com todas as formas de estado psíquico, uma vez que "qualquer tipo de transe ou estado alterado de consciência remete o investigador à noção de inconsciente, e os pesquisadores de outrora não tinham pudores para encarar de frente estes fenômenos" (XAVIER, 2010, p. 61).

O termo *inconsciente* foi compreendido inicialmente como a ligação entre o homem e a natureza, um fundamento do ser humano enquanto ser enraizado na vida do universo. Ao recuar de 1892 até o início do século XIX, é possível encontrar manifestações sobre a noção de inconsciente substancialmente diferentes da que Freud propôs, a qual teve luz tão intensa e eclipsou os autores anteriores, incluindo autores portugueses, pois até "em Portugal existiu um grande número de autores que, dentro e fora das universidades, publicaram obras sobre aspectos da mente humana, contribuindo assim para a descoberta da noção de inconsciente" (CURADO, 2012, p. 167).

Reflita

Considerando a afirmação de Curado (2012, p. 180) sobre a influência das representações oitocentistas do inconsciente em aplicações atuais, compare e reflita sobre diferenças conceituais entre tais representações e o inconsciente proposto por Freud, ressaltando suas influências mais significativas atualmente.

Entretanto, como o inconsciente é tomado em contraposição à consciência, consideremos a relação entre a consciência e o sujeito racional, isto é, aquele que não somente pensa, mas é capaz de apreender-se enquanto ser pensante, como formulado por Descartes em "*Penso, logo existo*", ou seja, é próprio da atividade de pensamento ser consciente e, portanto, racional (BARATTO, 2002). Assim, a consciência seria a superfície estabelecida pelo fluxo de pensamentos, na qual as percepções lutariam por emergir, não havendo lugar para contradições. "A disputa entre as ideias é decidida pela intensidade das associações estabelecidas entre elas, ou seja, o grupo das ideias que se fortalece pelas associações construídas é o que consegue vir à luz da consciência" SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S., 1996; ELLENBERGER, 1970 apud XAVIER, 2010, p. 61). Contudo, deve ser ressaltado que, para vários pensadores, "não é a razão que define o gênio, e sim o berço último de nossas ideias, aquela região subterrânea que nos habita e que [...] será batizada pelos românticos de inconsciente, [...] raiz coincidente com o divino, verdade última e ponto de partida do homem" (BORNHEIM, 2005, p. 82).

Pesquise mais

O Romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico das últimas décadas do século XVIII que se estendeu pelo século XIX, caracterizando-se por uma visão de mundo contrária ao Racionalismo e ao Iluminismo. Considerando as formulações sobre o inconsciente, talvez valha a pena conhecer um pouco mais desse movimento.

Sugerimos a leitura de: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998. p. 109-117. Disponível em: <https://ideiasconcretas.files.wordpress.com/2010/05/o_individuo_e_a_liberdade__georg_simmel.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

Porém, retomando a revolução no conceito de *homem* e a valorização da razão e da ciência na Modernidade, devemos relembrar que, num primeiro momento, o homem deixou de ser o centro do universo ao constatar que o Sol não girava em torno da Terra. Posteriormente, deixou de ser consciente dos próprios atos, pois a existência do inconsciente mostrou que era um outro eu, inconsciente, que determinava muitas das ações humanas. Segundo Curado (2012), a partir do final do séc. XIX e início do

séc. XX, houve a tendência de privatizar o inconsciente, isto é, de localizá-lo com precisão em pessoas concretas que viviam suas vidas de maneira autônoma. Esta privatização do inconsciente acompanhou uma idêntica privatização da consciência, numa privatização de todo o edifício mental, seja consciente, seja inconsciente. Contudo, para alguns pensadores, "a soberania da razão afastou o homem da natureza, afastou o homem de si mesmo, uma vez que ele também é natureza" (XAVIER, 2010, p. 58). Portanto, tais pensadores encaravam a consciência como um acidente ou um obstáculo desagradável, e os seres humanos poderiam ser "mais felizes se vivessem sem consciência, isto é, de forma automática, de um modo literalmente inconsciente" (CURADO, 2012, p. 164). Além de tudo, segundo a interpretação de Curado (2012) a respeito de alguns pensadores da época, principalmente em relação ao Romantismo, a atividade consciente seria um incômodo em relação à vida, uma angústia em relação às decisões a tomar.

Em oposição à valorização do inconsciente e considerando o desenvolvimento da ciência na Modernidade, a metáfora estabelecida entre a natureza e o espírito, mediada pelo inconsciente, "ficou condenada a permanecer na obliteração ocasionada pelo Positivismo, o movimento que vigorou a partir da segunda metade do século XIX, e que consagrou o ideal de ciência moderna" (XAVIER, 2010, p. 59), ou seja, para muitos cientistas, os fenômenos inconscientes não deveriam ser considerados científicos ou se tornar objetos de estudo da ciência. Entretanto, "Freud jamais deixou de considerar a psicanálise como ciência, nem tampouco deixou de acreditar na eficácia terapêutica do método analítico" (ROCHA, 2008, p. 110). Mas, com sua proposta de inconsciente, subverteu a concepção clássica de sujeito do conhecimento, tal como inaugurada por Descartes, pondo em cena uma dupla revolução. Primeiramente, ao afirmar que o inconsciente produzia pensamentos, Freud desalojou a consciência como sede privilegiada do ato de pensar, alterando assim o privilégio concedido aos pensamentos racionais. Em segundo lugar, promoveu uma ruptura ao considerar que o ser e o pensar não se situavam no mesmo lugar (BARATTO, 2002). "O que se desfaz neste momento não é o sonho de fazer da psicanálise uma ciência, mas o paradigma neopositivista da ciência" (ROCHA, 2008, p. 111).

No início de suas formulações, Freud estava convencido de que, quando as representações inconscientes se tornavam conscientes sob a razão, a experiência analítica conseguia transformar a "miséria neurótica" na "infelicidade" que é comum a todo ser humano mortal e finito, não duvidando que tal transformação seria vantajosa diante do sofrimento emocional de seus pacientes (ROCHA, 2008). Contudo, segundo Roudinesco (2005), a história da teorização da noção de inconsciente pode e deve ser separada da história de sua utilização terapêutica, uma vez que a noção de inconsciente teria começado com filósofos da Antiguidade e continuado com as hipóteses dos grandes místicos, vindo a ser precisada no século XIX por Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e pelos trabalhos da psicologia experimental, por exemplo, com Johan Friedrich Herbart, Hermann Helmholtz e Gustav Fechner. A arte

de bruxos e xamãs lançava mão ao inconsciente de forma terapêutica, provocando no doente a emergência de forças inconscientes, sob forma de possessões ou sonhos. A figura do médico, posteriormente, mantém a origem desse processo, fazendo algo semelhante.

Foi no tratamento centrado na doença que Freud elaborou suas teorias e definiu a psicanálise como *um método de investigação dos processos psíquicos inconscientes*, os quais, de outro modo, permaneceriam para sempre inacessíveis e desconhecidos. O método de investigação do inconsciente pôde ser validado no espaço da análise, em um trabalho persistente, que teve "um longo percurso evolutivo e que começou com o método catártico de Breuer. Graças a este método, a psicanálise pôde fazer constantemente, e continua fazendo, novas descobertas no campo do psiquismo" (ROCHA, 2008, p. 105). Nessa perspectiva, uma primeira grande tentativa de integrar a pesquisa do inconsciente à sua utilização terapêutica começou com as experiências de Franz Anton Mesmer (iniciador da primeira psiquiatria dinâmica) e terminou com Charcot. Foi a partir de um magnetismo tornado hipnotismo que surgiu uma segunda psiquiatria dinâmica, "dividida em quatro grandes correntes: a análise psicológica de Pierre Janet, centrada na exploração do subconsciente; a psicanálise de Freud, fundada na teoria do inconsciente; a psicologia individual de Adler; e a psicologia analítica de Jung" (ROUDINESCO, 2005, p. 590).

Entre os anos de 1893 a 1899, quando Freud iniciava suas teorizações, a hipnose era método utilizado no tratamento da histeria. A hipnose era considerada uma manifestação do inconsciente e descrita como "um fenômeno que havia sido anteriormente denominado magnetismo, magnetismo animal, mesmerismo, fariismo e braidismo [...], muitas vezes associado à busca da resolução de problemas de ordem afetiva, cognitiva ou comportamental" (CURADO, 2012, p. 158). Foi nesse momento histórico que fenômenos como o sonambulismo, os transes hipnóticos e as personalidades múltiplas passaram a ser estudados de forma sistemática, e o filósofo e médico francês Pierre Janet tornou-se o primeiro a propor um sistema de psiquiatria que acabou por substituir o conceito anterior ligado ao magnetismo animal. Em sua teoria, por não serem controláveis pela consciência, Janet considerava tais fenômenos como "formas inferiores da vida mental", assim como a catalepsia, os sonhos, os hábitos, os instintos e as paixões.

Exemplificando

Segundo a abordagem psicanalítica, sonhos e lembranças que surgem aparentemente do nada são manifestações inconscientes, não controláveis pela razão, ou, voltando no tempo de Janet, "formas inferiores da vida mental".

Segundo a teoria de Janet, a personalidade seria constituída de uma instância que conservava as organizações do passado e de outra que sintetizava e organizava os fenômenos do presente, devendo funcionar de forma harmônica e integrada em condições normais. Fenômenos como alucinações, delírios e obsessões seriam decorrentes do fracasso na capacidade de síntese do psiquismo, rompendo a arquitetura intrapsíquica habitual ao permitir a emergência de atividade mental inconsciente, ou seja, em condições normais, as chamadas "formas inferiores da vida mental" se encontrariam presentes no indivíduo, mas submetidas ao controle de sua livre vontade.

A pesquisa sobre histeria e hipnose interessava não apenas a especialistas, mas também ao conjunto de intelectuais e homens de ciência da época, e Freud reconheceu em 1925 que as obras de Janet anteciparam resultados que ele e Breuer haviam encontrado durante o emprego do método catártico em pacientes histéricas. No período em que o método da sugestão hipnótica foi utilizado, o objetivo da terapia era identificar a origem dos sintomas. O trabalho buscava localizar as causas que haviam determinado o sintoma, que, segundo Freud, era causado pela lembrança de um trauma que não tinha sido ab-reagido, isto é, não tinha sido devidamente simbolizado pela linguagem e integrado ao sistema simbólico do sujeito, permanecendo no aparelho psíquico e atuando como um corpo estranho ao próprio sujeito, o que justificava a importância de procurar a origem dos sintomas, pois as ideias não integradas à consciência não eram eliminadas, mas apenas isoladas no inconsciente. Vale ressaltar a distância no tempo entre o evento traumático e o surgimento dos sintomas, pois o sintoma não surgia imediatamente após a ocorrência do trauma, permanecendo em atividade constante no psiquismo. Contudo, apesar da lembrança continuar no aparelho psíquico, o paciente não recordava de sua ação ao produzir os sintomas (BARATTO, 2009).

Usando a hipnose, Freud buscava aliviar o sofrimento do paciente ao promover a catarse pela ab-reação, procurando identificar a causa que desencadeava o sintoma e o momento em que o trauma ocorreu, pois os acontecimentos traumáticos não ab-reagidos precisavam estabelecer a expressão verbal para serem agregados à consciência. Portanto, a catarse possibilitava que o inconsciente, local em que as lembranças não ab-reagidas se encontravam, se tornasse consciente, ou seja, a ab-reação, a partir da verbalização, conseguia liberar a "emoção estrangulada" pela integração simbólica da linguagem. A catarse era como uma purificação, identificada, desde a antiga Grécia, com a ideia de purgação, apaziguamento e eliminação de tensões.

Assimile

Catarse é um conceito presente em todo o desenvolvimento da psicanálise. Portanto, tenha segurança de que o entendeu muito bem e não deixe de procurá-lo no "Vocabulário contemporâneo de psicanálise" (ZIMMERMAN, 2008).

Contudo, Freud identificou a resistência no paciente, que impedia as ideias inconscientes de se tornarem conscientes. Portanto, para acessar o inconsciente, era preciso romper a resistência pela sugestão hipnótica que, temporariamente, a suspendia, permitindo ao sujeito, sob hipnose, elaborar com palavras as lembranças associadas ao sintoma. Todavia, Freud descobriu que os métodos sugestivos desencadeavam as resistências e tornavam o desejo inconsciente ainda mais inacessível, podendo também conduzir a alienação imaginária do sujeito a outro objeto do inconsciente, ao qual o paciente passava a se submeter. Por isso, a hipnose não continuou sendo usada na prática clínica de Freud, pois os resultados obtidos não duravam ao longo do tempo.

Diante da resistência, o pressuposto do estado de dupla consciência foi reelaborado como uma teoria da defesa que, posteriormente, originou a teoria do recalque ou repressão. A repressão tornou-se um dos principais conceitos da psicanálise e passou a ser descrita como uma operação na qual as representações de desejo eram inscritas no inconsciente. Enquanto Breuer foi o responsável pela noção de estados hipnoides e enfatizava a existência da divisão da consciência em estados análogos aos produzidos nos estados de hipnose, Freud desenvolveu os conceitos de defesa, recalque e resistência.

A introdução da teoria do recalque por Freud o levou a divergências teóricas com Breuer, as quais atingiram seu ponto culminante quando Freud relacionou as ideias carregadas de conteúdo sexual com o recalcamento, o qual seria o responsável pela existência de grupos de ideias situadas à margem da cadeia associativa consciente, causando assim a divisão da consciência. Ao introduzir a repressão como causa da divisão psíquica e processo pelo qual as representações do desejo eram expulsas da consciência em direção ao inconsciente, Freud colocou a teoria da repressão como fundamento da teoria psicanalítica.

Era por meio da repressão que as lembranças traumáticas se tornavam inacessíveis à consciência. A repressão não eliminava a representação traumática indesejável, mas a isolava psiquicamente. Assim, as ideias de caráter aflitivo formavam um grupo externo à consciência, delimitado pela resistência, o qual se organizava com leis diferentes daquelas da consciência, impondo ao sujeito uma luta permanente contra o retorno daquilo que fora recalcado por meio de substitutos oriundos do inconsciente. Freud concluiu que os sintomas não eram determinados por uma única ideia patogênica, mas pela sucessão de traumas entrelaçados e parciais, os quais formavam uma cadeia de ideias e sequências de pensamentos associadas umas com as outras, organizadas em torno de um núcleo. E, ao redor dos núcleos, existia abundante material psíquico que se estruturava de maneira relacional e estratificada em três formas diferentes de organizar as ideias. Então, Freud apresentou sua primeira tópica do aparelho psíquico como um arquivo de memórias, que não obedecia a relações cronológicas ou temporais nem se organizava por semelhança temática.

Nessa primeira tópica, Freud, certo da existência de pensamentos inconscientes e de que estes poderiam ser traduzidos em símbolos linguísticos, apresentou o aparelho psíquico dividido em consciente, pré-consciente e inconsciente, no qual a associação de ideias ocorria por meio de fios lógicos que mantinham as ideias e os núcleos ligados entre si, não em ordem temática concêntrica, mas em forma de ramificações, de modo a possibilitar o acesso ao inconsciente pela técnica da associação livre. Com essa concepção, aquilo que era interditado da memória consciente, devido à ação da repressão, não eram os eventos, mas os fios de articulações lógicas estabelecidos entre os sintomas manifestos e as cadeias de representações do desejo inconsciente. Este, por definição, é ilógico, pois não obedece a lógica da realidade; antes, entra em choque com ela, pois busca a satisfação das pulsões. Neste sentido, Freud parte do pensamento consciente para investigar o desejo reprimido, o qual é produto das pulsões que foram reprimidas uma vez que a realidade e a moral introjetada a partir da relação com os pais na vivência do complexo de Édipo, é ilógico, amoral e atemporal (FREUD, 1996f; FREUD, 1996e; 1996d; FREUD, 1996c; ZIMERMAN, 1999/2006)

Assimile

Outro conceito muito importante é a associação livre, tanto presente na teoria quanto fundamental para a prática. Portanto, procure entendê-lo bem e veja-o no "Vocabulário contemporâneo de psicanálise" (ZIMMERMAN, 2008).

Caminhamos mais uns passos para compreender melhor a matriz do pensamento psicanalítico e aprofundamos o conhecimento sobre a histeria e sua relação com o inconsciente. Na próxima seção ampliaremos o escopo da clínica terapêutica em relação a outros transtornos mentais, passando também pelas críticas que a psicanálise recebeu. Bons estudos.

Sem medo de errar

O mapa conceitual é uma ferramenta que ajuda a organizar e relacionar os conceitos estudados. Não se esqueça de que, durante a elaboração do mapa conceitual, é muito importante estabelecer relações entre os conceitos previamente conhecidos e os novos conceitos apresentados. Portanto, como a prática ajuda a levar à perfeição, elabore um mapa conceitual com os principais conceitos estudados na seção e relacione-os com os que já conhecia. Então, se possível, discuta com seus colegas sobre as diferenças encontradas entre cada mapa conceitual individual, de modo a elaborar um único mapa conceitual coletivo.

Atenção

O objetivo da SP desta seção é conseguir extrair do relato de João alguns fenômenos relacionados ao inconsciente e ao que foi estudado até aqui sobre os fundamentos da psicanálise.

O ponto principal da seção é o inconsciente, que estará diretamente relacionado com outros pontos fundamentais da psicanálise. Portanto, procure retratar sua evolução histórica enquanto conceito, indicando seus relacionamentos com os outros fundamentos. Sempre que possível, aponte o que é um conceito teórico e o relacione com os exemplos dados e outros exemplos já conhecidos por você. Não deixe de considerar as informações passadas por João na solicitação que ele fez a você, indicando suas relações com os conceitos teóricos presentes no mapa conceitual.

Além do já mencionado inconsciente, conceitos que não podem faltar no mapa conceitual são a histeria, a hipnose, a resistência, o recalque, a linguagem, a catarse e a associação livre. Mas não basta somente identificar os principais conceitos: deve-se buscar as relações entre eles e reconhecer exemplos tanto no texto como na própria experiência pessoal. É importante também identificar o que se relaciona com cada conceito na carta do João, isto é, como os dados da carta do João podem ser usados como exemplo do conceito relacionado.

Com o mapa conceitual finalizado, organize em forma textual a apresentação dos conceitos numa sequência coerente e atrativa. Sugere-se usar a criatividade na criação de uma parábola ou uma história que represente o desenvolvimento e a relação dos conceitos, pois isso facilitaria a compreensão de João.

Avançando na prática

A interpretação de um caso clássico

Descrição da situação-problema

Freud relata no livro “Estudos sobre a histeria”, publicado em 1985, os casos de cinco pacientes. Selecione pelo menos um caso e use-o no mapa conceitual, isto é, identifique como os conceitos do caso escolhido podem ser encaixados no mapa conceitual, indicando as relações entre os conceitos teóricos e os exemplos encontrados no caso.

Resolução da situação-problema

Tenha em mãos o mapa conceitual, e à medida que for lendo o caso selecionado, vá marcando os conceitos encontrados no caso que estão presentes no mapa. Caso

encontre algum conceito que ache importante e não esteja presente no mapa, o anote numa folha à parte e, depois de finalizar a leitura/identificação dos conceitos, insira-o no mapa. Se possível, discuta com os colegas, que utilizaram o mesmo caso ou não, sobre as diferenças encontradas em cada mapa individual, elaborando um mapa coletivo final.

Faça valer a pena

1. Apesar do termo inconsciente ter aparecido num dicionário de Língua Portuguesa somente em 1873, ele já era usado anteriormente por escritores e pesquisadores. Contudo, o conceito usado anteriormente era diferente da compreensão atual. Considerando a evolução do conceito de inconsciente, avalie as afirmações a seguir:

I) O conceito anterior era mais amplo e relacionado à natureza.

II) O conceito atual apresenta ligação direta com a vida pessoal.

III) É possível admitir que o conceito anterior influenciava diretamente o estado de saúde do sujeito.

Após avaliar as três afirmações anteriores, é CORRETO o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

2. A pesquisa sobre histeria e hipnose interessava não apenas a especialistas, mas também ao conjunto de intelectuais e homens de ciência da época. Em 1925, Freud reconheceu que as obras de Janet anteciparam resultados que ele e Breuer haviam encontrado durante o emprego do método catártico em pacientes histéricas. Considerando conceitos de Janet apontados por Freud, analise as assertivas a seguir e marque V para verdadeiro ou F para falso:

( ) Para Janet, fenômenos como o sonambulismo, os transes hipnóticos ou as personalidades múltiplas não eram controláveis pela consciência.

( ) Fenômenos como a catalepsia, os sonhos, os hábitos, os instintos e as paixões foram considerados como “formas inferiores da vida mental”.

( ) Segundo a teoria de Janet, a personalidade seria constituída de uma única instância que sintetiza e organiza racionalmente os fenômenos do momento presente.

( ) Para Janet, fenômenos como alucinações, delírios e obsessões seriam decorrentes do fracasso na capacidade de síntese do psiquismo.

Agora, assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

a) F – V – V – V.

b) V – F – V – V.

c) V – V – F – V.

d) V – V – V – F.

e) V – V – V – V.

3. Na primeira tópica de Freud, o aparelho psíquico era dividido em consciente, pré-consciente e inconsciente, e a associação de ideias ocorria de acordo com fios lógicos que as mantinham ligadas entre si. Diversamente de uma ordem temática concêntrica, esta apresentava a forma de ziguezague e obedecia a associações que evocavam a imagem de ramificação arbórea. Considerando o método da associação livre para acessar informações no inconsciente, analise as assertivas a seguir e marque V para verdadeiro ou F para falso:

( ) Segundo Freud, o método era eficiente porque não existiam pensamentos inconscientes.

( ) O método possibilitava a tradução do pensamento em palavras.

( ) Eram os fios de articulações lógicas que eram perdidos pela memória consciente.

( ) As perdas ocorriam devido à ação de recalcamento.

Agora, assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

a) F – V – V – V.

b) V – F – V – V.

c) V – V – F – V.

d) V – V – V – F.

e) V – V – V – V.

Seção 1.3

Do trauma à fantasia

Diálogo aberto

João apresentou uma situação pela qual uma amiga estaria passando e gostaria de saber as relações da situação com o inconsciente e se existe um tratamento adequado para sua amiga. Ela contou que, há mais ou menos um ano, estava sozinha em casa quando foi à cozinha e começou a sentir-se mal, como se algo horrível fosse acontecer. Suas mãos começaram a formigar, o coração disparou e mal conseguia respirar. Ainda que se sentisse como se fosse morrer, não havia nada de diferente em sua rotina. Ela achou que o coração ia parar e começou a chorar, não entendia o que acontecia com ela. No dia seguinte foi ao médico, mas ele disse que não era nada e lhe passou um remédio do qual nem se lembra o nome. Desde então, essa estranha sensação se repetiu mais de uma vez, sempre de repente, quando ela menos espera, deixando-a apavorada e sem saber o que vai acontecer. Diz que tem medo de enlouquecer ou ter um ataque cardíaco, apesar de ser atleta, não usar nenhuma droga e o médico ter afirmado que está tudo bem com sua saúde. Disse também que sua relação com os pais e mesmo com o namorado estão boas, mas não consegue nem ir à faculdade de Educação Física sem sentir medo, e fica ainda mais preocupada quando fica em casa. Ela gostaria de saber o que há e se tem algum tratamento para controlar essas sensações quando elas aparecerem.

Considerando seus estudos e como responder a João, pense em qual poderia ser a origem do problema e qual seria o tratamento possível recomendado. Convém ressaltar que a referida situação tem afligido muitas pessoas nos dias de hoje, além de ser semelhante a uma questão que caiu na prova do Enade em 2009. Portanto, assuma desde já uma postura crítica e profissional, e esteja pronto para responder a colegas de outras áreas que, inevitavelmente, venham procurar mais informações a respeito de sua atuação na Psicologia, campo tão vasto em relação ao ser humano.

Fique atento aos conceitos que serão apresentados nesta seção, passando pelo trauma e pela fantasia, até chegar aos transtornos mentais e às críticas feitas à psicanálise, tentando ir além das definições ao buscar, sempre que possível, situações de seu conhecimento que possibilitem estabelecer as devidas relações entre teoria e prática, além, é claro, de refletir sobre como poderá ajudar João e sua colega com o problema relatado.

Não pode faltar

O conceito de trauma, no início da psicanálise, estava diretamente ligado a acontecimentos externos reais, que sobrepujavam a capacidade do indivíduo de processar a angústia e a dor psíquica provocados por um evento traumático. De modo geral, o trauma psicológico é o resultado de uma experiência de dor ou sofrimento emocional/físico que, como um dano emocional, pode acarretar a exacerbação de emoções negativas e envolver mudanças físicas no cérebro, além de também afetar o comportamento e até mesmo o pensamento da pessoa, que fará de tudo para afastar qualquer lembrança do evento traumático.

Assimile

O conceito de trauma perpassa todo o percurso teórico de Freud e é recomendado que todo estudante de Psicologia, e não só aquele com interesse em relação à psicanálise, o entenda profundamente, compreendendo tanto sua evolução quanto as possíveis relações com a prática. Portanto, esteja muito atento a esse conceito!

O termo *trauma* apareceu pela primeira vez nas obras de Freud por volta de 1893, enquanto fazia seus estudos com pacientes histéricas, relacionando-o a uma primitiva sedução sexual perpetrada pelo pai contra a paciente. Posteriormente, reconheceu também o trauma do "nascimento", do "impacto da cena primária", da "angústia da castração" e, em 1926, reconheceu o trauma representado pelas perdas precoces, como a perda do amor da mãe ou de outras pessoas significativas (ZIMMERMAN, 2008, p. 419-420).

O trauma, que em grego quer dizer ferida, é um conceito essencialmente econômico em relação à energia psíquica, pois indica uma frustração na qual o ego sofre uma injúria que não consegue processar, recaindo num estado de desamparo e atordoamento, além de gerar também angústia excedente que será escoada por meio de sintomas corporais. Múltiplos traumas podem ser precocemente impingidos às crianças, tanto sob a forma de separações traumáticas quanto de modo invasivo e decorrente de violências de várias naturezas, os quais podem repercutir seriamente no psiquismo da criança, ficando impressos sob a forma de vazios, isto é, como uma vivência de desamparo e de feridas abertas.

A teoria do trauma foi importante no nascimento da psicanálise, pois Freud considerou que a causa dos sintomas da histeria estaria na lembrança de um trauma não ab-reagido, isto é, que não tivesse sido devidamente simbolizado pela linguagem e integrado ao sistema simbólico do sujeito. Em seus primeiros textos, o trauma foi abordado como um incremento da excitação no sistema nervoso, mediante o qual

não se tinha ação ou palavras que permitissem sua dissipação, ainda se ligado a um fato real. Ao tentar promover a simbolização do evento traumático pelo método hipno-catártico, Freud chegou à associação livre, abandonando posteriormente a hipnose no tratamento da histeria devido ao retorno dos sintomas em consequência de um provável deslocamento da causa.

Foi justamente o deslocamento da causa que levou Freud a levantar a hipótese de que o evento traumático não era suficiente para explicar o surgimento dos sintomas e que tal evento não era necessariamente real, isto é, não teria realmente ocorrido, mas poderia ser causado por fantasias da paciente na tentativa de chamar a atenção sobre a figura paterna. De qualquer forma, um trauma, mesmo se real, tende a ser utilizado de forma defensiva, servindo como álibi para explicar as perturbações presentes, obstruindo o caminho para identificar a causa verdadeira e limitando as possibilidades de questionamento e transformação. Assim, Freud logo se deu conta de que, por trás das histórias contadas por seus pacientes, havia muita fantasia, e passou a se interessar mais pelo significado do que era trazido do que pelo contexto real como relatado. Ele também já tinha passado a supor que a temporalidade do trauma era posterior à ocorrência da impressão relatada, a qual não podia ser significada no momento da percepção, mas era fixada e retornava posteriormente em outros eventos.

Reflita

Roudinesco e Plon (1998) não apresentam uma definição do termo *trauma* no "Dicionário de Psicanálise", mas o associam à histeria, neurose de guerra, Otto Rank e Teoria da Sedução, aparecendo 49 vezes em suas páginas. Procure compreender e justificar a opção desses autores em relação ao termo *trauma*.

De 1905 a 1920, Freud começou a elaborar os conceitos da metapsicologia psicanalítica a partir do desenvolvimento sexual infantil, no qual o paradigma da situação traumática passou a ser as fantasias originárias, isto é, aquelas que envolvem angústias de sedução e castração, são relativas à cena primária etc. Com isso, o trauma, surgido como decorrente de um fator ambiental saturado de energia libidinal que não tinha como ser descarregado, passou a ser compreendido em função da urgência e da pressão das pulsões sexuais. A sedução sexual apresentou-se como um paradigma para a situação traumática. No entanto, tendo percebido a falta de eficácia do tratamento a longo prazo, Freud também estranhou a alta frequência com que cenas com a situação traumática eram relatadas com semelhança por suas pacientes, levantando a hipótese de que talvez os relatos não tivessem realmente acontecido, o que o levou à compreensão do mecanismo de repressão e da importância da fantasia para a vida psíquica. Então, os conflitos e as vivências traumáticas passaram a ser compreendidos a partir das fantasias inconscientes e da realidade psíquica interna,

chegando ao ponto de ser possível afirmar que a única realidade válida tanto para o paciente como para o analista seria a realidade psíquica.

A partir de 1920, Freud começou a reformular sua concepção do aparelho psíquico e extraiu da Embriologia a metáfora de "vesícula viva", cuja camada mais externa se transformaria em um escudo protetor, argumentando que os estímulos traumáticos seriam aqueles que conseguiriam atravessar o escudo protetor devido à falta de preparo do eu e a fatores diversos como surpresa ou susto, e o trauma adquiriu uma dimensão essencialmente intersistêmica e pulsional. Posteriormente, por volta de 1925, Freud propôs uma nova teoria da angústia que relacionava o trauma à perda de um objeto de afeto, fazendo distinção entre as situações traumáticas: uma automática enquanto sinalização sobre situações de perigo e aproximação do trauma; e outra relacionada com a ideia da angústia que, diante de uma experiência de desamparo, proporcionava excesso de excitação.

Já em torno de 1934, é possível encontrar uma descrição mais pormenorizada do trabalho do trauma, definido como impressões primitivas da infância, da época em que a criança começa a falar e o conteúdo se relaciona principalmente a impressões de natureza sexual e agressiva, como experiências sobre o próprio corpo ou percepções dos sentidos, de algo visto e ouvido, as quais provocam alterações comparáveis a cicatrizes no psiquismo. Como a criança estaria começando a falar, a linguagem ainda não estaria plenamente desenvolvida, não deixando lembranças no inconsciente, mas apenas traços, não percebidos na superfície, mas registrados em uma camada mais profunda.

Em 1940, no livro "Esboço de psicanálise", Freud comparou o efeito de um trauma psicológico ao de uma agulha perfurando um embrião humano, pois, se uma agulhada em um organismo desenvolvido é inofensiva, numa massa de células em divisão celular poderá promover relevantes alterações naquele ser em desenvolvimento. Tirou ainda conclusões sobre a universalidade do trauma e sobre as repressões originadas pelo evento traumático.

Posteriormente, Lacan reafirmou essa universalidade, mas de outro modo, apontando que todo ser falante é traumatizado e isso é um fato de estrutura, como aquilo que há de inassimilável no real sobre a sexualidade. Esse inassimilável lacaniano pode ser correlacionado ao "umbigo dos sonhos", descrito por Freud no capítulo VII da "Interpretação dos sonhos" (1900): "trecho que tem que ser deixado na obscuridade, [...] emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar, [...] ponto onde ele mergulha no desconhecido". Entretanto, esse inassimilável pode desorientar o sujeito e produzir efeitos e afetos, plenos de angústia, que o arrancam da cena simbólica e tiram-lhe as palavras da boca. Portanto, só resta ao sujeito construir um saber possível que dê, de alguma forma, vazão ao afeto aprisionado. Assim, a fantasia torna-se uma possibilidade de pôr fim à vivência, trazida pelo trauma, de 'não ser', de 'não ter' desejo.

Pesquise mais

Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês que, a partir de 1951, promoveu um retorno aos conceitos originais propostos por Freud, dando uma estrutura filosófica à sua obra. Por exemplo, referiu-se ao inconsciente em praticamente todos seus seminários e à histeria em vários deles. A referência mencionada sobre o trauma encontra-se no seminário 11 (LACAN, 1996).

Depois de abandonar a perspectiva da sedução como algo realmente acontecido, Freud passou a considerar os relatos de sedução como provenientes da fantasia, como uma forma mítica, a nível individual, de abordar a questão da origem dos transtornos. Além disso, observou também que a criança em crescimento, durante suas brincadeiras, substituía os objetos reais pela fantasia, construindo castelos no ar e criando o que foi chamado de devaneio, propondo que, como no sonho, a fantasia expressaria a realização de um desejo, fornecendo ao sujeito uma satisfação independente da realidade (FREUD, 2006).

Freud percebeu que a fantasia, assim como o sonho, o lapso, o sintoma e os atos falhos, seria uma produção do inconsciente e, portanto, sua lógica de funcionamento não seria determinada nem pela racionalidade nem pelo tempo cronológico, mas insubordinada a qualquer ordenação, coexistindo passado, presente e futuro enlaçados no devaneio pelo desejo como um fio condutor. Portanto, no psiquismo, a conexão de uma experiência passada com uma situação atual teria condições de produzir o "por vir", sempre a serviço do desejo, e assim, as fantasias seriam motivadas pelas frustrações impostas pela vida cotidiana, funcionando como um modo natural de aceitar e enfrentar as próprias frustrações. Contudo, a possibilidade de fantasiar não é idêntica em todas as pessoas. Freud (2006) aponta, por exemplo, que os homens adultos se envergonham de suas fantasias e que apresentam muita dificuldade de revelá-las fora da situação terapêutica.

Portanto, a fantasia pode ser considerada como uma válvula de escape para as pulsões inconscientes. Contudo, diante da impossibilidade de fantasiar, seja por qualquer motivo, podem ocorrer outras possibilidades menos saudáveis, e o adoecer está entre elas. Mas doença é um termo muito genérico que implica o conhecimento exato dos mecanismos envolvidos e suas causas, e como em psiquiatria e em psicologia apenas em poucos quadros clínicos mentais todas as características biológicas e funcionais são conhecidas, os termos 'transtornos', 'perturbações', 'disfunções' ou 'distúrbios' são mais usados, até porque o conceito de 'transtorno' foge à norma do conhecimento e se associa a um comportamento desviante, 'anormal'.

Os transtornos mentais formam um campo de investigação interdisciplinar que envolve áreas como a psicologia, a psiquiatria e a neurologia. São usados para

referenciar anormalidades ou o comprometimento de ordem psicológica no indivíduo, sendo caracterizados pela contrariedade, decepção e atitudes que revelam desarranjo ou desordem neurológica. Contudo, podem também, em alguns casos, se referir a qualquer perturbação na saúde do paciente. O tratamento pode ser feito com o acompanhamento de psicoterapeuta, psiquiatra ou equipes de profissionais de saúde mental, incluindo sempre psicólogos e psiquiatras, além de, por exemplo, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, musicoterapeutas e assistentes sociais.

Exemplificando

Sintomas como reações orgânicas inapropriadas e imotivadas (por exemplo, sudorese, aumento ou diminuição no batimento cardíaco, problemas na respiração, choro compulsivo ou incontrolado) podem identificar um transtorno. Entretanto, é necessário um conhecimento mais profundo dos sintomas para conseguir definir exatamente a que tipo de transtorno os sintomas se relacionam.

Considerando desde a gênese até as manifestações, os transtornos mentais são fenômenos muito complexos e podem ser classificados em três tipos:

1) As **neuroses**, caracterizadas pela tensão excessiva e prolongada de um conflito persistente ou de uma necessidade prolongadamente frustrada, a qual leva a modificações na personalidade, mas não a desestrutura nem compromete a percepção da realidade, ou seja, são transtornos que não afetam o ser humano em si, pois, por não apresentarem base orgânica, o paciente continua consciente e com percepção clara da realidade, não confundindo a experiência subjetiva com a realidade exterior.

2) As **psicoses**, caracterizadas pela oscilação entre estados de depressão e de extrema euforia e agitação, que influenciam o modo de agir e se comportar, num claro indício de desestruturação da personalidade, além de apresentar alterações no juízo da realidade, a partir do que o paciente passa a perceber a realidade de maneira diferenciada, mas com convicção de que suas percepções, apesar de parecerem irreais para os outros, são apoiadas na lógica e na razão, sendo comuns as alucinações, provenientes de alterações dos órgãos dos sentidos - como ouvir vozes, ver coisas, sentir cheiros ou toques -, os e delírios, provenientes de alterações do pensamento - sob forma de conspirações, perseguição, grandeza, riqueza, onipotência ou predestinação. Ou seja, são transtornos que afetam o ser humano como um todo e prejudicam as funções psíquicas em nível tão acentuado que a consciência, o contato com a realidade e a capacidade de corresponder às exigências da vida se tornam perturbados.

3) As **psicopatias**, ou perversões, como chamadas por Freud, são caracterizadas por falha na construção da personalidade, mas sem desestruturá-la totalmente.

Podem apresentar a ausência de alucinações e manifestações neuróticas, a presença de um bom nível de inteligência e de baixa capacidade afetiva, a incapacidade de adiar satisfações, a intolerância a esforços rotineiros, a busca por fortes estimulações, a ausência de empatia (decorrente da incapacidade de envolvimento emocional), a falta de confiança tanto em si como (e principalmente) nos outros, a falta de capacidade de aprender com os próprios erros por não reconhecê-los e a diminuição ou ausência da consciência moral, que leva a problemas na diferenciação entre certo e errado ou o permitido e o proibido, fazendo com que o simular, dissimular, enganar, roubar, assaltar ou matar não causem nenhum tipo de sentimento como repulsa ou remorso, seja na própria imaginação ou em ações reais, uma vez que são apenas considerados os próprios interesses.

Pesquise mais

No Brasil, a Câmara Federal aprovou em 17 de março de 2009 o Projeto de Lei 6.013/01, que conceitua transtorno mental. Vale a pena dar uma olhada no site da Câmara para compreender como a política trata essa questão. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=42755>. Acesso em: 24 out. 2016.

O termo neurose foi inventado por William Cullen, na segunda metade do séc. XVIII, quando a abertura de cadáveres passou a ser considerada um método científico para a observação direta e *post mortem* de órgãos que tinham sofrido de alguma patologia. A ideia foi criar uma palavra genérica para designar o conjunto dos problemas da sensibilidade e da motricidade, os quais não apresentavam relação com nenhum órgão, construindo uma descrição metódica pela negação para incluir o domínio das doenças que não encontravam nenhuma explicação orgânica na medicina anatomopatológica daquela época. Philippe Pinel logo retomou o termo ao organizar uma rede de hospitais psiquiátricos supostamente voltados para a saúde mental e, um século depois, Jean Martin Charcot o popularizou ao definir a histeria como uma doença funcional relacionada ao útero, portanto, uma neurose.

Após o encontro de Freud com Charcot, a histeria continuou a ser considerada uma neurose, desvinculada da presunção uterina, mas associada à etiologia sexual e ao enraizamento no inconsciente. A partir do discurso psicanalítico, a histeria tornou-se um modelo para a neurose, e esta passou a ser definida como uma doença nervosa relacionada a um trauma. Posteriormente, com o abandono da teoria da sedução, a neurose tornou-se uma doença ligada a um conflito psíquico inconsciente, de origem infantil e dotada de causa sexual, resultado de um mecanismo de defesa contra a angústia por meio da formação de compromisso entre a defesa e a possibilidade de realização de um desejo. As neuroses podem ser classificadas em perturbação obsessiva-compulsiva, transtorno do pânico, transtornos de ansiedade, fobias, depressão, distimia, síndrome de Burnout, entre outras.

O termo psicose foi usado em 1845 pelo psiquiatra austríaco Ernst von Feuchtersleben para substituir o vocábulo loucura e definir os doentes da alma numa perspectiva psiquiátrica. As psicoses, enquanto conceito proveniente do saber psiquiátrico e pautado na ideia de alienação e perda da razão, foram uma oposição da medicina manicomial às neuroses, tendo designado inicialmente o conjunto de todas as doenças mentais. Mas, posteriormente, a psicose se restringiu às três grandes formas modernas da loucura: a esquizofrenia, a paranoia e a psicose maníaco-depressiva.

Freud retomou o conceito a partir de 1894, usando-o para designar a reconstrução inconsciente de uma realidade delirante ou alucinatória. Entretanto, Freud dedicou mais atenção à neurose, pois julgava a psicose quase sempre incurável. É na correspondência com Jung que melhor se apreende a maneira como, entre 1909 e 1911, foi elaborada a doutrina da psicose, a qual propunha a ideia de dissociação da consciência e privilegiou o conceito de paranoia, em oposição à noção de esquizofrenia. Assim, a paranoia tornou-se o modelo estrutural da psicose em geral, de maneira semelhante à da histeria em relação à neurose. Em 1911, Freud lançou as "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*)", enunciando uma teoria quase completa do mecanismo do conhecimento paranoico, na qual definiu a psicose como um distúrbio entre o eu e o mundo externo, inscrevendo a psicose numa estrutura tripartite em relação à neurose e à perversão. Assim como a neurose, a psicose surgiria do resultado de um conflito intrapsíquico, enquanto a perversão se apresentaria como uma negação da castração. Ao diferenciar a psicose da perversão e da neurose, Freud também apagou o abismo criado pela psiquiatria entre norma e patologia.

A psicopatia, ou perversão, como chamada por Freud, designa um transtorno psíquico que se manifesta no plano de uma conduta antissocial, podendo ser tomada como um defeito moral. Segundo o saber psiquiátrico do séc. XIX, as perversões eram práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o autoerotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais. Contudo, Freud passou a defini-las como a reconstrução de uma realidade alucinatória, na qual o sujeito ficava unicamente voltado para si mesmo, numa situação sexual autoerótica, ao tomar o próprio corpo, ou parte deste, como objeto de amor, sem nenhum tipo de alteridade possível.

A partir de 1896, Freud adotou o conceito de *perversão* sem qualquer conotação pejorativa ou valorizadora, conservando a ideia de desvio sexual em relação a uma norma. O termo *perversão* abrangia um campo mais amplo que a neurose e a psicose, pois tanto as fantasias quanto as práticas e os comportamentos por ele englobados eram apreendidos em relação à norma social, estando geralmente ligada às formas de arte erótica tanto ocidentais quanto orientais. Segundo tal interpretação, a estruturação psicopática se manifestava acompanhada pela falta de responsabilidade e ausência

de culpa, por meio de três características básicas: 1) impulsividade; 2) repetitividade compulsiva, conhecida atualmente como repetitividade obsessiva compulsiva; e 3) uso predominante de atuações de natureza maligna. Apesar de traços da psicopatia serem inerentes à natureza humana, suas três características tornavam-se um fim em si mesmas, acompanhadas por uma total falta de consideração pelas pessoas cúmplices no jogo psicopático. Considerando a prática psicanalítica, os psicopatas dificilmente entram espontaneamente em análise, e, quando o fazem, mostram propensão para atuações e para o abandono do tratamento, não só pela dificuldade de ingressarem numa posição depressiva, como também pela predominância da pulsão de morte e seus derivados, que os obriga a uma conduta hetero e autodestrutiva. Além disso, diante da característica ausência de culpa, em sua própria mania de grandeza, o psicopata sente-se como se estivesse sempre certo, não reconhecendo qualquer necessidade de terapia, mas atribuindo essa necessidade aos outros, num comportamento típico de soberba, como era chamado antigamente.

De qualquer modo, ainda hoje se fala de possíveis ocorrências traumáticas como algo que marca profundamente um sujeito e o leva a sentimentos e comportamentos inusitados, algo externo que desresponsabiliza o sujeito, tornando-o vítima de um infortúnio. Ainda que a humanidade tenha passado por muitas mudanças desde a época de Freud, parece que o ser humano segue traumatizado e, apesar de toda a suposta liberação sexual da atualidade, pode-se dizer que segue recalcado.

Sem medo de errar

Não há dúvida de que a colega de João apresenta um transtorno mental, pois ela afirma abertamente ser saudável, o que, segundo o relato, é confirmado pelos médicos. Releia com atenção a descrição que João fez dos problemas de sua colega e faça uma lista dos sintomas. Depois, tente associá-los a possíveis causas de acordo com aspectos da teoria apresentada na seção.

Atenção

A dificuldade, ou mesmo necessidade, em qualquer atendimento clínico é compreender o paciente numa visão que seja a mais abrangente possível. Portanto, preste atenção em todos os detalhes para chegar ao diagnóstico mais adequado, não esquecendo que qualquer sintoma pode ser classificado em mais de uma tipologia.

Considerando os três tipos de transtorno (neurose, psicose e psicopatia/perversão), use a lista de sintomas e possíveis causas e enquadre-os em um único tipo. Justifique por que escolheu um tipo e também por que os outros não seriam adequados.

Determinado o tipo, considere suas divisões internas e, do mesmo modo que fez anteriormente, enquadre os sintomas em um subtipo, relembrando que um sintoma pode estar presente em mais de uma categoria. Justifique tanto a categoria selecionada como as excluídas. Se quiser e tiver condições, para se aproximar ainda mais da prática profissional, use um livro de referência internacional para a classificação do transtorno, como o CID10-Classificação Internacional de Doenças (OMS, 1993) ou o DSM5-Diagnostical and Statistical Manual of Mental Disorders (APA, 2014).

Para finalizar, escreva uma resposta para João, indicando qual poderia ser o transtorno, um possível tratamento e as relações com o inconsciente. Os seguintes artigos podem ajudá-lo a refletir sobre o tema: "Psicopatologia: entre a psicanálise e a psiquiatria" (FRANÇA NETO, 2015) e "O corpo e o risco: a atualidade de 'o lugar da psicanálise na medicina'" (AGUIAR, 2014).

Avançando na prática

Transtornos mentais comuns (TMC)

Descrição da situação-problema

O artigo "Prevalência de transtornos mentais comuns e contexto social: análise multinível do São Paulo Ageing & Health Study (SPAH)" (COUTINHO et al., 2014) investiga alguns fatores de risco que contribuem para a prevalência de transtornos mentais comuns (TMC) e sugere que características do ambiente contribuem para a saúde mental. Faça uma resenha crítica do artigo e exponha sua opinião sobre ele, ressaltando os aspectos teóricos vistos na seção.

Resolução da situação-problema

O primeiro passo é localizar o artigo na internet e baixá-lo para a leitura. Uma ferramenta que ajuda a procurar artigos na internet é o Google Scholar (disponível em: <http://scholar.google.com.br>. Acesso em: 26 out. 2016). Entrando na página, há um espaço na região central para colocar o nome de artigos, autores ou palavras-chave. No caso, coloque o nome completo do arquivo, mas cuidado para não escrever errado, pois palavras erradas podem comprometer a localização. Clicando no link, o artigo poderá ser facilmente baixado e lido.

Depois de ler o artigo, faça inicialmente um resumo dele. Organize as ideias, relacione-as aos conceitos estudados e comece a resenha crítica, recordando que esta não é apenas um resumo, mas uma análise interpretativa que requer a apresentação das relações entre elementos do texto com outros textos, autores e ideias, além da sua opinião e do contexto no qual a análise está sendo produzida.

Faça valer a pena

1. O conceito de trauma perpassa todo o percurso teórico de Freud. Considerando o trauma psicológico, avalie as afirmações a seguir:

I. É, de modo geral, o resultado de uma experiência de dor ou sofrimento emocional/físico.

II. É um dano emocional que pode acarretar/envolver mudanças físicas no cérebro.

III. Pode afetar tanto o comportamento como o pensamento da pessoa.

Após avaliar as três afirmações anteriores, é CORRETO o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

2. Considerando que Freud percebeu a fantasia como uma produção do inconsciente, analise as assertivas a seguir e marque V para verdadeiro ou F para falso:

( ) A origem da fantasia é diferente das origens do sonho, do lapso, dos sintomas e dos atos falhos.

( ) Sua lógica de funcionamento é determinada pela racionalidade e pelo tempo cronológico.

( ) Está sempre a serviço do desejo devido à conexão entre a experiência passada e a situação atual.

( ) As fantasias geralmente são motivadas pelas frustrações impostas pela vida cotidiana.

Agora, assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

a) F – V – V – F.

b) F – F – V – V.

c) V – V – F – F.

d) V – F – V – F.

e) F – V – V – V.

3. Considerando que os transtornos mentais são fenômenos muito complexos e podem ser classificados em três tipos, associe os tipos de transtornos mentais, numerados com ordinais, com suas características, antecedidas por números romanos:

Tipos de transtornos mentais:

1. Neurose
2. Psicose
3. Psicopatia/perversão

Características dos transtornos:

I. Oscilação entre estados de depressão e de extrema euforia e agitação.

II. Falha na construção da personalidade, mas sem desestruturá-la totalmente.

III. Não desestrutura a personalidade nem compromete a percepção da realidade.

IV. Afeta o ser humano como um todo e prejudica as funções psíquicas em nível acentuado.

V. Diminuição ou ausência de consciência moral, que gera problema na definição de certo e errado.

VI. Tensão excessiva e prolongada de conflito persistente ou de necessidade frustrada.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta de associação:

a) I-2; II-3; III-1; IV-2; V-3; VI-1.

b) I-1; II-3; III-2; IV-1; V-3; VI-2.

c) I-3; II-1; III-3; IV-2; V-2; VI-1.

d) I-1; II-2; III-1; IV-3; V-2; VI-3.

e) I-3; II-1; III-2; IV-3; V-1; VI-2.

Referências

AGUIAR, A. O corpo e o risco: a atualidade de "o lugar da psicanálise na medicina". **Opção Lacaniana OnLine**, v. 5, n. 13, p. 1-13, 2014.

APA. **DSMV**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARATTO, G. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. **Psicologia**: Ciência e Profissão, v. 29, n. 1, p. 74-87, 2009.

______. Descobrindo o encobrimento da descoberta freudiana: a psicanálise e a "Ego Psychology". **Estilos da Clínica**, v. 7, n. 12, p. 156-177, 2002.

BORNHEIM, G. Filosofia do romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O romantismo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 75-111.

CID-10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

COUTINHO, L. M. S. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns e contexto social: análise multinível do São Paulo Ageing & Health Study (SPAH). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, n. 9, p. 1875-1883, 2014.

CURADO, M. A descoberta do inconsciente no século XIX Português. **Revista Diacrítica**, v. 26, n. 2, p. 157-182, 2012.

FRANÇA NETO, O. Psicopatologia: entre a psicanálise e a psiquiatria. **Revista Affectio Societatis**, v. 12, n. 22, p. 113-127, 2015.

FREUD, S. **"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

______. Moisés e o monoteísmo. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição Standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a

______. O futuro de uma ilusão. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição Standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b

______. O ego e o id. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição Standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c

______. As pulsões e suas vicissitudes. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição Standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996d

______. Cinco lições de Psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição Standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996e

______. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição Standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996f

LACAN, J. **Seminário 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Campo Freudiano no Brasil).

NUNES, T. R.; FERREIRA, R. W. G.; PERES, W. G. A suspeita em Freud: o estatuto da interpretação em psicanálise. **Psico**, Rio Grande do Sul, v. 40, n. 4, p. 443-448, 2009.

ROCHA, Z. A experiência psicanalítica: seus desafios e vicissitudes, hoje e amanhã. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 101-116, jun. 2008.

ROUDINESCO, E. Henri Ellenberger e a descoberta do inconsciente. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 587-595, dez. 2005.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

XAVIER, C. R. A história do inconsciente ou a inconsciência de uma história? **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 1, p. 54-63, jun. 2010.

WIKIPEDIA. **Natureza humana**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Natureza_humana>. Acesso em: 22 fev. 2017.

ZIMMERMAN, D. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Metapsicologia freudiana

Convite ao estudo

Quando chegamos ao final da unidade anterior, compreendemos como foi importante, na Seção 1.1, conhecer o contexto filosófico e histórico da Psicanálise. Descobrimos que a medicina daquela época, mesmo tendo desenvolvido técnicas de diagnóstico, ainda demonstrava dificuldades ao se deparar com pessoas portadoras de transtornos mentais como a histeria.

Na Seção 1.2, vimos que coube a Freud a proposição de uma teoria do inconsciente, o uso da hipnose (método hipno-catártico) e o desenvolvimento do método da associação livre.

Por fim, na Seção 1.3 entendemos como Freud pode realizar suas primeiras investigações do inconsciente e assim propor a teoria do trauma e os conceitos de neurose, psicose e perversão, dentre outros.

No contexto de aprendizagem desta unidade, João Ismite continua sua busca por informações que possam ajudá-lo a escolher a área que seguirá na psicologia. Então, foi novamente falar com Ludmila, sua tia psicóloga, que o ajudou a atender que ele ainda sabe pouco a respeito da psicanálise. João, que precisa avançar nos estudos dessa teoria psicológica, permanecia com algumas dúvidas. Como o consciente está relacionado com o inconsciente? Qual é a interação entre o Ego e o Superego? Por que Freud adotou o método clínico para fazer suas investigações do inconsciente?

Para ajudar João a esclarecer essas perguntas, nesta Unidade 2 vamos em direção ao inconsciente. Na Seção 2.1, vamos acompanhar Freud na evolução de sua técnica e na proposição do conceito de energia psíquica. Verificaremos

como foram desenvolvidos, em um primeiro momento, os conceitos de consciente, pré-consciente e inconsciente (modelo topográfico ou primeira tópica), e como posteriormente esses conceitos formaram base para a proposição da existência do "Id", do "Ego" e do "Superego" (modelo dinâmico ou segunda tópica).

Na Seção 2.2, vamos estudar como se dá a formação dos mecanismos de defesa do ego (negação, projeção, repressão etc.) e sua relação com o inconsciente.

Já na Seção 2.3, descobriremos como todos esses componentes do inconsciente interagem para produzir os chistes e atos falhos, os sonhos e os sintomas e, na sequência, veremos como a Psicanálise evoluiu, constituiu adeptos e dissidentes. Dentro dessas dissidências, conheceremos as diferenças entre os conceitos do inconsciente propostos por Sigmund Freud e por Carl Gustav Jung, considerado seu discípulo mais promissor.

Vamos então dar sequência a nossos estudos e entender como João pode responder a essas questões.

Boa leitura!

Seção 2.1

Pilares fundamentais da Psicanálise

Diálogo aberto

Em nosso contexto de aprendizagem, depois de ter conversado com sua tia Ludmila, João percebeu que ainda sabia pouco a respeito de certos conceitos fundamentais da psicanálise. Importantes questões haviam ficado sem resposta. Como o consciente está relacionado com o inconsciente? Qual é a interação entre o Ego e o Superego? O que é a energia psíquica? Como se dá o funcionamento mental? Como Freud mudou o conceito da mente humana de um modelo topográfico para um modelo dinâmico?

Como chegar a respostas objetivas para essas questões e apresentá-las de maneira didática à tia Ludmila?

Para responder a essas perguntas, vamos estudar nesta seção a conceituação de energia psíquica e aparelho psíquico, o estabelecimento dos pontos de vista econômico, topográfico e dinâmico do inconsciente, suas pulsões e a realização de investimento pulsional.

Diante deste cenário, a situação-problema (SP) requer que você responda a essas perguntas e monte uma apresentação das respostas obtidas, de maneira didática.

Não pode faltar

Em sua contribuição para a compreensão da psicologia humana, a teoria psicanalítica de Sigmund Freud traz a proposta de diversos conceitos teóricos que descrevem a estrutura da mente humana (como seria formada e quais seriam seus componentes) e seu modo de funcionamento a partir da visão de seu autor.

Como pensador e escritor perspicaz, Freud concebeu sua teoria a partir de analogias que facilitassem a organização de suas descobertas e, ao mesmo tempo,

simplificassem a explicação de suas ideias à comunidade científica. De acordo com Zimerman (2007, p. 81), ao postular os alicerces da Psicanálise, Freud apresentou **modelos** (metáforas que permitem a compreensão de um conceito ou uma ideia a partir de comparação com uma imagem), **teorias** (conjunto de hipóteses que podem ou não vir a ser comprovadas por meio de estudo clínico ou científico) e **concepções metapsicológicas** (especulações hipotéticas que não podem ser comprovadas cientificamente, mas que permitem investigações teóricas). Como uma parte importante das proposições psicanalíticas foi postulada a partir de concepções metapsicológicas, identificamos didaticamente essas proposições como parte da "**metapsicologia freudiana**".

Inicialmente, Freud constituiu a mente humana como um aparelho psíquico vivo, formado por componentes. Sendo um aparelho vivo, consome e processa determinada energia, que ele denominou como **energia psíquica**. Essa energia deveria ter uma fonte, teria que vir de algum lugar. Logo, propôs que ela só poderia ser originária e proveniente de estímulos do próprio corpo humano e, a partir dele, disponibilizada para os processos mentais.

Em sua formação médica, Freud estudou as ciências naturais e biológicas de sua época. Em seus estudos, foi fácil perceber as diferenças do comportamento dos animais em comparação com o comportamento humano: Freud constatou que, nos animais, a energia psíquica manifesta-se em forma de **instinto** (em alemão, *instinkt*). Ele entendeu que o instinto é um padrão de comportamento típico, geneticamente determinado conforme cada espécie de animal. Exemplo disso é a piracema, período em que os peixes, em resposta a fatores ambientais (estação do ano, mudanças na temperatura e características físico-químicas da água), sobem o rio a fim de retornar ao local exato de seu nascimento para ali proceder atividade sexual e procriar. Os peixes simplesmente sobem o rio por instinto. Não possuem a opção de não agir conforme ele.

O ser humano é diferente. Se possui um instinto, é algo diferenciado dos animais. O ser humano, se assim desejar, pode escolher não proceder atividade sexual, mesmo estando em excitação sexual. O mesmo processo ocorre quando sente fome, raiva ou medo. Pode escolher fazer jejum, perdoar ou submeter-se a um martírio. Ao considerar essa característica humana, Freud postulou então que o ser humano não apresenta o instinto que encontramos nos animais, mas possui um tipo especial de instinto, que denominou **pulsão** (em alemão, *trieb*). A pulsão refere-se à energia psíquica, proveniente das necessidades biológicas do corpo humano. Na literatura freudiana o termo pulsão aparece às vezes com o nome de **impulso** ou **impulso instintivo**, ou ainda **pulsão ego**, que pode ser de dois tipos: pulsão de autopreservação e pulsão sexual (ZIMERMAN, 2007, p. 77).

A pulsão é a parte psíquica dos estímulos oriundos do corpo e possui os seguintes componentes:

Tabela 2.1 | Componentes da pulsão

Componente da pulsão	Descrição
Fonte (em alemão, *quelle*)	O próprio corpo: órgãos internos (estômago) ou partes do corpo (zonas erógenas)
Força (em alemão, *drang*)	Quantidade de energia que busca descarga motora ou satisfação
Finalidade (em alemão, *ziel*)	Realizar uma descarga motora ou satisfação
Objeto (em alemão, *objekt*)	"Aquilo" ou "pelo qual" a pulsão é capaz de atingir a finalidade

Fonte: adaptada de Zimerman (2007).

Na teoria psicanalítica, **descarga motora** refere-se à necessidade do corpo de movimentar-se em resposta a uma pulsão para "gastar" ou "descarregar" uma certa quantidade de energia psíquica. Por exemplo, quando um bebê sente pouca fome, enquanto aguarda sua mãe, chora pouco e pode mexer-se no berço enquanto brinca com o móbile pendurado na cabeceira de seu leito. Mas se está esfomeado, chora muito, grita e berra, enquanto agita braços e pernas de maneira frenética, até que sua necessidade seja atendida.

Exemplificando

O **objeto** de uma pulsão pode ser uma pessoa total, parte de uma pessoa ou um objeto real. Por exemplo: quando namorando, uma jovem sente atração sexual por seu parceiro. Para ela, o seu objeto de amor é a pessoa do parceiro, como um todo (objeto total). Por outro lado, para um bebê recém-nascido faminto, o objeto de sua pulsão é o seio materno cheio de leite (o seio é um objeto parcial, apenas uma parte de sua mãe). E para um adulto faminto, o objeto de sua pulsão alimentar é um alimento, no caso, um objeto real (LAPLANCHE, 1991, p. 321-325).

Ainda no que tange à pulsão, é necessário acrescentar o conceito de **investimento pulsional** (em alemão, *bezetzung*), que, segundo Zimerman (2007), foi traduzido para o inglês como *cathexis* e daí para o português como **catexia**, que designa "uma mobilização da energia pulsional que tem por consequência ligar essa última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou a partes do corpo" (ROUDINESCO, 1998, p. 398). Em outras palavras, catexia é uma certa quantidade de energia que é colocada, investida em um objeto, por meio de um investimento pulsional. Tomemos como exemplo uma forte chuva de granizo que quebrou o para-brisas de dois veículos estacionados em uma rua. Eram carros idênticos, de mesma

marca, cor, modelo, ano de fabricação e valor de mercado. Um desses carros era veículo da frota de uma empresa, cujo proprietário, quando soube do ocorrido, deu pouca importância para o assunto e simplesmente mandou acionar o seguro para realizar o reparo. Para ele o carro é um mero instrumento de trabalho, como é um computador e a mesa de seu escritório. Contudo, o proprietário do outro veículo conseguiu adquiri-lo após muito trabalho, dedicação de seu tempo, e economia, e tinha por ele grande cuidado e estima. O carro era para ele um objeto de afeto. Quando soube do ocorrido, embora também tivesse acionado o seguro para proceder em relação a substituição do para-brisas quebrado, ficou tão aborrecido e incomodado com o inconveniente que não pode se conciliar com o sono naquela noite. Este último proprietário certamente havia feito o investimento ou catexia de quantidade de energia psíquica naquele carro, ou melhor, naquele objeto. Adquirir algo com nosso esforço gera mais cuidado – e aporte de mais catexia. Ao contrário do segundo proprietário, o primeiro realizou pouca ou nenhuma catexia em relação ao veículo.

Assimile

Quando nos referimos à pulsão e objeto, a literatura psicanalítica constata que um mesmo "objeto" pode servir ou atender a diferentes pulsões. Como exemplo disso, Zimerman (2007, p. 77) exemplifica a boca, que pode servir para a satisfação de necessidades alimentares (comer, beber), de necessidades eróticas (beijar) e também de necessidades agressivas (morder, xingar).

De acordo com Laplanche (1991, p. 321), na literatura psicanalítica o "[...] objeto é tomado num sentido comparável ao que lhe conferia a língua clássica ('objeto da minha paixão, do meu ressentimento, objeto amado' etc.)". Não precisa ser externo ao sujeito. O objeto pode ser tudo aquilo que entendemos e tem algum significado ou representa um desejo para nós. Por isso, um objeto pode ser também uma pessoa. Retomemos o exemplo da jovem que tem em seu namorado seu objeto de amor. Neste caso, o corpo dela é fonte de sua pulsão, mas o namorado será aqui seu objeto de amor externo. Contudo, por ironia da vida, ela apaixonou-se por um rapaz narcisista, que dedica sua vida ao fisiculturismo e a atividades físicas. Muito embora ele tenha em seu corpo a fonte de pulsões sexuais, em vez de dirigir essas pulsões a um objeto externo (a namorada), ele as canaliza para si, em forma de amor narcísico manifestado no modo de amar o próprio corpo "sarado", musculoso, fazendo de si mesmo o seu objeto de seu amor.

Atualmente, situações como essas podem ser compreendidas a partir das ideias e conceitos da psicanálise. Mas, naquela época, momento em que a teoria ainda estava sendo desenvolvida, havia muita coisa para ser descoberta. Foi necessário que a

psicanálise prosseguisse em sua investigação psicológica sobre a natureza, a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico.

Na época de Freud (século XIX), a ciência descobriu diversas leis naturais ou princípios que regiam o funcionamento de diferentes tipos de energia, como a energia elétrica e a energia magnética. Muito embora essas energias já fossem conhecidas pelo homem desde a antiguidade, suas leis físicas ainda não haviam sido devidamente compreendidas e cientificamente explicadas. Destaca-se dessa época, apenas a título de ilustração, a publicação das equações de Maxwell (James Clerk Maxwell, físico e matemático escocês) nos anos de 1861-1862, que descreviam as leis físicas que regulavam a relação existente entre a eletricidade e o magnetismo – o eletromagnetismo (WIKIPEDIA, 2016).

De maneira análoga, ao considerar que os conceitos de pulsão, objeto e catexia giravam em torno de uma energia psíquica, Freud descobriu que leis naturais ou princípios governavam essa energia, ao mesmo tempo em que o aparelho psíquico fazia uso dela. Ele descobriu que esses princípios psicológicos possuíam regras próprias e constituíam eventos psicológicos que tinham autonomia e, principalmente, interação entre si.

A Tabela 2.2 a seguir elenca as leis ou princípios que regem o psiquismo, tal como proposto pela psicanálise:

Tabela 2.2 | Princípios que regem o funcionamento psíquico

Princípio	Descrição
Do Prazer	A estrutura do aparelho psíquico busca descarregar estímulos que provocam tensão ou desprazer, como o medo. Contudo, há tensões que, quando temporariamente acumuladas e retidas até certo ponto, provocam prazer. É o caso da tensão sexual. A catexia pulsional demanda ser satisfeita ou gratificada imediatamente, sem levar em conta a realidade exterior. Exemplo: bebê faminto quando chora, exigindo ser alimentado.
Da Realidade	Forma par com o princípio do prazer, modificando-o. Na medida em que consegue imperar como princípio que regula o aparelho psíquico, adia a satisfação da catexia pulsional até o momento em que pode ser devidamente gratificada. Exemplo: um adulto que, embora faminto, aguarda no restaurante a chegada de um convidado para que possam almoçar juntos.
Da Constância (ou Nirvana)	Disposição do aparelho psíquico em levar a zero ou reduzir ao mínimo possível qualquer excitação de origem interna ou externa.
Da Compulsão à Repetição	Tendência do aparelho psíquico em reviver, por meio de lembranças, sonhos e sintomas, experiências penosas e de sofrimento como modo de resolver ativamente essas vivências.
Do Determinismo Psíquico	Premissa de que nada do que ocorre no aparelho psíquico ocorre por acaso ou coincidência. Todo evento psicológico é causado por outro evento psicológico, consciente ou inconsciente, que o antecedeu.

Fonte: adaptada de Zimerman (2007) e Laplanche (1991).

Reflita

Não seria a descrição psicanalítica do princípio da compulsão a repetição útil para compreender a ocorrência de casos de estresse pós-traumático? Confira o artigo *Estresse pós-traumático*, da psicóloga Waldanne Bartholo, que descreve o estresse pós-traumático em relação à teoria freudiana do trauma. O artigo foi publicado na Revista de Psicologia, Saúde Mental e Segurança Pública. Disponível em: <http://ead.policiamilitar.mg.gov.br/repm/index.php/psicopm/article/view/19>. Acesso em: 23 nov. 2016. Consulte também o artigo publicado no Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, denominado *Psicoterapia ajuda no combate ao transtorno do estresse pós-traumático*. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/dpsiq/novo/sobre/noticias/exibir/?id=63>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Uma vez compreendidos os princípios fundamentais que regem o aparelho psíquico, podemos voltar nossa atenção para a questão da energia psíquica, mas desta vez sob a ótica do uso e da distribuição dessa energia, a que chamamos de economia.

Do **ponto de vista econômico** do uso da energia, Freud defendeu a tese de que a energia psíquica era proveniente ou originária de pulsões oriundas do interior do corpo. A pulsão era tão importante para Freud que era considerada por ele como um elemento quantitativo dessa energia.

Para Freud, os processos mentais decorreriam da divisão e da circulação da energia pulsional (ou catexia) quando em passagem pelas vias nervosas (nervos e tecido cerebral), de modo análogo à energia elétrica quando passa por fios elétricos. Essa visão foi logo superada pelo próprio Freud, quando mais tarde propôs a estrutura do aparelho psíquico a partir de outros dois pontos de vista, chamados de **modelo topográfico** e **modelo estrutural ou dinâmico** do aparelho psíquico (ZIMERMAN, 2007, p. 82). Contudo, preferimos utilizar para o modelo estrutural a denominação modelo dinâmico, conforme descrito por Pontalis (1991, p. 121), uma vez que esta última denominação põe em evidência não apenas a estrutura, mas também a dinâmica e interação de seus componentes.

Os modelos topográfico e dinâmico também são identificados na teoria psicanalítica, respectivamente, como primeira e segunda tópica. A palavra tópica, originária do grego, significa teoria dos lugares e é utilizada para referir-se a esses modelos (PONTALIS, 1991, p. 205).

De acordo com Roudinesco (1998, p. 755), a **primeira tópica** freudiana foi concebida e proposta em 1900, quando Freud publicou “A interpretação dos sonhos”. Essa tópica – apresentada no capítulo VII da obra – propõe que o aparelho psíquico é composto por três instâncias, lugares ou sistemas. São eles: o consciente, o

pré-consciente e o inconsciente. Contudo, Quinodoz (2007, p. 160) esclarece que quando Freud define esses lugares, essa "localização em diversas regiões psíquicas não tem nada a ver com a anatomia".

O sistema **consciente** tem a finalidade de receber e processar as sensações advindas do interior e do exterior do sujeito e as revivescências mnésicas (lembranças), além de qualificá-las conforme o nível de prazer ou desprazer que proporcionam. Curiosamente, o consciente não retém (não memoriza ou arquiva) essas informações. De acordo com Zimerman (2007, p. 82), "a maior parte das funções perceptivo-cognitivas-motoras do ego processam-se no sistema consciente". Compõem as funções perceptivo-cognitivas-motoras do ego os processos de: atividade motora, pensamento, juízo crítico e percepção, dentre outros.

O sistema **pré-consciente** também aparece na literatura psicanalítica com o nome "barreira de contato", devido ao fato desse sistema posicionar-se entre o consciente e o inconsciente. A função do pré-consciente é armazenar, de modo verbal (em palavras), informações que são facilmente recuperadas pelo consciente. Nas palavras de Roudinesco (1998, p. 596), o termo pré-consciente "qualifica os conteúdos dessa instância ou sistema que, apesar de não estarem presentes na consciência, continuam acessíveis a ela, diversamente dos conteúdos do sistema inconsciente".

Há, por fim, o sistema **inconsciente**. Este sistema compõe a parte mais antiga do aparelho psíquico. É constituído "por meio de uma herança genética e energias pulsionais" (ZIMERMAN, 2007, p. 83). O inconsciente também armazena memória de afetos e vivências que não podem ser representadas de modo verbal porque são de uma infância muito inicial, em que a criança ainda não dispunha de palavras para nomeá-las. O inconsciente não armazena pulsões, pois elas são oriundas dele mesmo. Pode armazenar energia psíquica em emoções e causar traumas e recalques, chamados também de "Quantum de Afeto" – certa quantidade (fator quantitativo) de afeto vivido subjetivamente (LAPLANCHE, 1991, p. 421). O inconsciente ainda opera muitas funções do ego, bem como do superego.

Já a **segunda tópica** foi desenvolvida e proposta no período de 1920 a 1939. Foi tornada pública com a publicação de "Além do princípio do prazer", em 1920, e de "O ego e o id", em 1923. Nesta tópica, Freud concebe o aparelho psíquico com outros três sistemas: o "**id**", o "**ego**" e o "**superego**". Em português, estes termos também podem ser encontrados na literatura psicanalítica, respectivamente, sob a tradução de "isso", "eu" e "supereu".

É importante registrar que quando Freud postulou a segunda tópica não eliminou ou desconsiderou a primeira; ele apenas concebeu o aparelho psíquico de um ponto de vista diferente, focado em um ponto de vista dinâmico, em cuja estrutura seus componentes interagem entre si. Deste modo, tanto a primeira quanto a segunda tópica não se excluem, mas complementam-se mutuamente.

Para Freud, o id é um componente inconsciente do aparelho psíquico. Do ponto de vista econômico, Pontalis (1991, p. 219) afirma que "o id é para Freud o reservatório inicial da energia psíquica, [...] entra em contato com o ego e o superego". É importante ressaltar também que para Freud "[...] o id constitui o polo pulsional da personalidade, e os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalcados e adquiridos" (PONTALIS, 1991, p. 219). Em outras palavras, o id é a fonte das pulsões humanas.

Zimerman (2007, p. 83) ainda sugere que o id é integrado ao inconsciente de tal modo que "o inconsciente, como instância psíquica, virtualmente coincide com o id, o qual é considerado o polo psicobiológico da personalidade".

Fato importante a ser considerado é que os bebês já nascem com o id estabelecido. Basta observar que se o id é a representação das pulsões biológicas, essas pulsões só podem ser provenientes do corpo do bebê. E se o bebê nasceu vivo, tem corpo. E se tem o corpo, este tem pulsões. Logo, é fácil concluir que os bebês já nascem possuindo o id.

Freud postulou que o **ego** é uma instância consciente que surge ou desenvolve-se a partir do id inconsciente. Laplanche (1991, p. 124) explica que Freud distingue ego do id e do superego. Segundo ele, "o ego está em uma relação de dependência tanto para com as reinvindicações do id, como para com os imperativos do superego e exigências da realidade". O desenvolvimento do ego se dá na infância pela influência do mundo externo, que frustra e adia a satisfação das pulsões (faz uma censura que não permite os reais desejos do id), de modo que o ego se desenvolve para promover a adaptação do sujeito ao mundo e, dessa forma, obter a satisfação das pulsões.

Muito embora o ego seja consciente, ele não o é completamente. Acredita-se que muitas funções do ego sejam também inconscientes. Dentre suas funções, o ego controla de modo consciente o sistema psicomotor (esquelético-muscular), além dos processos cognitivos de percepção, pensamento, memória, atenção e juízo crítico. Mas de todas as suas funções a que mais se destaca é a função mediadora entre as demandas pulsionais do id com as ameaças e interditos do superego e as demandas do mundo exterior. De modo inconsciente, o ego tem funções tais como atuar na produção de angústias, fenômenos de identificação e formação de símbolos, além de produzir o sentimento de identidade e de autoestima (ZIMERMAN, 2007, p. 84).

Pesquise mais

Para aprofundar um pouco mais seu conhecimento sobre a metapsicologia freudiana, não deixe de conferir o artigo intitulado *Sobre a metapsicologia: a epistemologia freudiana*, de Kelly Albuquerque e Rebeca Escudeiro,

publicado na Revista Scientia em junho de 2003. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/2/Psicologia/Sobre_a_Metapsicologia_a_epistemologia_freudiana.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Por fim, resta-nos compreender o que na segunda tópica foi designado por **superego**. Da mesma forma que o bebê nasce sem possuir um ego desenvolvido – porque o ego desenvolve-se a partir do id –, Freud postulava que o bebê também nasce sem possuir um superego desenvolvido. Acredita-se que seu desenvolvimento ocorra ao final do "complexo de Édipo", por volta dos cinco anos de idade. Essa crença é compartilhada tanto por Zimerman (2007, p. 84) quanto por Pontalis (1991, p. 498). Estudaremos o complexo de Édipo na Seção 3.2 deste livro didático.

O superego é formado pelo conjunto de introjeções e identificações (mecanismos de defesa do ego) que a criança faz de seus pais. Em outras palavras, o superego é constituído pela internalização dos valores, regras, proibições, padrões de comportamento e exigências de seus pais. Este fato faz com que o superego tenha a característica de ser transgeracional, ou seja, é transmitido para as pessoas de uma mesma coletividade, de uma geração para outra. Isso ocorre porque se internalizamos os valores de nossos pais, estes também internalizaram os valores de seus próprios pais (nossos avós), e assim sucessivamente. Desta maneira, pode-se afirmar que, por um lado, o superego é o guardião da cultura, dos preconceitos e da ética de uma coletividade. Por outro lado, constitui-se em relação ao ego, crítico juiz ou censor que condena o ego e o proíbe de atender plenamente as pulsões do id. Sob este aspecto, a instância do superego torna viável a vida social humana. Este é um ponto de grande importância para o psicólogo: em terapia de pessoas muito rígidas e sistemáticas, o psicólogo trabalha o ego do paciente para flexibilizar a censura rígida do superego.

Por fim, resta-nos de uma maneira honesta registrar uma polêmica em torno do surgimento do superego a partir da solução do complexo de Édipo. Segundo Zimerman (2007, p. 84), isso não é consenso entre os psicanalistas. Há aqueles que, seguindo a proposição da psicanalista Melanie Klein, afirmam que "respaldados na clínica com pacientes psicóticos e análise com crianças, fazem retroagir o superego, ligando-o à inata pulsão de morte". Dito de outra maneira, para a psicanálise Kleiniana o bebê já nasce com o superego estabelecido.

Pesquise mais

Para aprofundar seu conhecimento sobre o conceito de superego, leia o artigo "A construção do conceito de superego em Freud", de Nadja Laender, publicado na Revista Reverso em setembro de 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Sem medo de errar

Uma vez vencida a etapa de estudo dos conceitos psicanalíticos que tratam do inconsciente, do aparelho psíquico, de seus componentes e de seu modo de funcionamento, podemos agora ajudar João a montar os slides que respondem às perguntas que foram instigadas por tia Ludmila.

Inicialmente, João pode criar um slide mostrando que Freud, como um experiente cientista e pensador, explicou a psique humana a partir de modelos (metáforas que permitem a compreensão de um conceito a partir de comparação com uma imagem) que ficaram conhecidos por metapsicologia freudiana.

Em seguida, pode criar outro slide explicando que o ser humano, diferentemente dos animais que vivem sob a égide do instinto, possui em seu lugar o que Freud denominou de impulso ou pulsão, uma energia psíquica que é proveniente das necessidades biológicas do corpo humano.

Mais uma vez, João pode compor outra tela de apresentação com uma tabela que mostre de forma didática os componentes da pulsão e sua descrição.

João também pode dedicar um espaço em sua apresentação para demonstrar que a energia psíquica se liga a objetos por meio do que Freud denominou de investimento pulsional e catexia.

Na sequência, para explicar os conceitos de consciente e inconsciente e qual é a interação existente entre ego e superego, João pode criar mais dois slides para apresentar, respectivamente, a primeira e segunda tópicas do aparelho mental proposto por Freud.

Avançando na prática

Game over: ajudando uma amiga que terminou um namoro

Descrição da situação-problema

Caminhando pelas ruas da cidade, casualmente você encontra uma amiga que não via há alguns meses. Ela ficou meio "sumida do mapa" depois que começou a namorar um rapaz que conheceu em uma festa. Durante o período de namoro, sua amiga quase não viu seus próprios amigos. Ela estava apaixonada pelo namorado e preferiu ficar curtindo o relacionamento durante o tempo que tinha disponível.

Ao conversar com sua amiga, ela relata a você que está triste porque, apesar de ainda estar apaixonada pelo rapaz, terminou o namoro. O que antes parecia um romance, tornou-se um relacionamento repleto de ciúmes.

Segundo ela, seu maior sofrimento não é ter encerrado o relacionamento há mais ou menos duas semanas. O problema é não saber o que fazer com a saudade que ficou.

A partir dos conhecimentos que adquiriu nesta seção, como você pode ajudar sua amiga a passar por esse momento?

Resolução da situação-Problema

De acordo com o que estudamos, se considerarmos os conceitos de objeto, catexia e investimento pulsional poderemos ajudar sua amiga.

Como ela estava apaixonada pelo namorado, isso significa que ele se configurou para ela como seu objeto de amor. Segundo a psicanálise, todo objeto recebe uma certa carga de energia psíquica, denominada de catexia, que representa o investimento afetivo e pulsional direcionado a determinado objeto.

Ocorre que quando o namoro terminou, o namorado tornou-se ausente, mas a catexia que foi investida nele permaneceu. Como no aparelho psíquico não dá para existir catexia livre, sem objeto, a catexia que antes era investida nele agora produz o sentimento de saudade e a tristeza daí decorrente.

Por essa razão, você pode ajudar sua amiga se orientá-la a fazer algum uso dessa catexia livre. Quando ela conseguir dedicar essa energia a outro objeto, o incômodo da saudade poderá, por fim, se resolver. Ela pode aproveitar agora o tempo que novamente tem disponível para estar mais com as pessoas de sua família, para sair com seus amigos e também para realizar atividades físicas. Estar com pessoas queridas é uma forma de realizar mais investimento pulsional nessas pessoas e deixar menos catexia disponível para a saudade. O mesmo ocorre com a atividade física, pois cuidar do próprio corpo é uma maneira de investir a catexia em si mesmo e deixar ainda menos energia disponível para a saudade.

Faça valer a pena

1. Ao conceber a mente humana a partir de um modelo de aparelho psíquico formado por instâncias que interagem entre si, do ponto de vista econômico do uso da energia, Freud defendeu a tese de que a energia psíquica era proveniente ou originária:

Assinale a alternativa que representa a resposta CORRETA para a questão.

a) Do inconsciente.

b) Do próprio corpo.

c) Do consciente.

d) Da catexia.

e) Do investimento pulsional.

2. No contexto da teoria psicanalítica freudiana, a pulsão é a parte psíquica dos estímulos oriundos do corpo. As pulsões são constituídas por elementos componentes.

Identifique a alternativa que apresenta corretamente esses componentes:

a) Fonte, Força, Finalidade e Objeto.

b) Origem, Força, Finalidade e Alvo.

c) Fonte, Destino, Finalidade e Objeto.

d) Fonte, Destino, Função e Alvo.

e) Origem, Força, Finalidade e Objeto.

3. Na teoria psicanalítica apresentada pelo médico neurologista Sigmund Freud, pulsão refere-se à energia psíquica proveniente das necessidades biológicas do corpo humano. Essa pulsão aparece às vezes com o nome de impulso ou impulso instintivo. Pode ser de dois tipos.

Quais são esses tipos? Assinale a alternativa que representa a resposta CORRETA para a questão:

a) Pulsão agressiva e pulsão erótica.

b) Pulsão regressiva e pulsão introjetada.

c) Pulsão libidinal e pulsão reprimida.

d) Pulsão difusa e pulsão censurada.

e) Pulsão de autopreservação e pulsão sexual.

Seção 2.2

Os principais mecanismos de defesa

Diálogo aberto

Na seção anterior nós ajudamos João Ismite a dirigir seus estudos de psicanálise em direção ao inconsciente e a compreender que o aparelho psíquico opera uma energia que tem origem nas pulsões. Além disso, demonstramos como essa energia pode ser utilizada por meio do investimento pulsional.

João aprendeu que o aparelho psíquico é formado por estruturas que foram descritas nos modelos topográfico (inconsciente, pré-consciente e inconsciente) e dinâmico (Id, Ego e Superego) e que da interação que realizam entre si, apresentada na descrição psicanalítica dos pontos de vista dinâmico e econômico, temos a produção dos diversos eventos psicológicos – conscientes e inconscientes.

Com a compreensão desses conceitos, auxiliamos João a iniciar a criação de slides que serão apresentados à tia Ludmila, como estratégia didática da apresentação do resultado de sua aprendizagem.

Agora, nesta Seção 2.2, João continua sua jornada de aprendizagem da psicanálise, mas o foco de sua pesquisa volta-se ao próximo ponto que foi apresentado por tia Ludmila como fundamental para a compreensão da psicanálise: os mecanismos de defesa utilizados pelo ego.

Nesse contexto de aprendizagem, a situação-problema propõe que ajudemos João a incluir em seus slides respostas às seguintes questões:

- O que são os mecanismos de defesa? Quais são eles?
- Esses mecanismos são utilizados pelo ego com qual finalidade?
- O uso dos mecanismos de defesa faz parte do desenvolvimento normal da psique humana?
- Como será que esses mecanismos se desenvolvem na psique?

E aí, vamos com João na descoberta dessas respostas?

Boa leitura!

Não pode faltar

Vimos na seção anterior que o aparelho psíquico pode ser descrito a partir do modelo topográfico, de cuja estrutura extraímos o consciente, o pré-consciente e o inconsciente; e do modelo dinâmico, de cuja estrutura é possível identificar o ego, o id e o superego. Vimos que ao correlacionar o modelo topográfico com o modelo dinâmico temos a seguinte caracterização do aparelho psíquico:

Tabela 2.3 | Correlação dos modelos dinâmico e topográfico

		Modelo topográfico (1ª Tópica)		
		Consciente	Pré-consciente	Inconsciente
Modelo dinâmico (2ª Tópica)	Id			O Id é inconsciente. Coincide com o próprio inconsciente.[2]
	Ego	De modo consciente, o ego controla a percepção, o pensamento, a memória, a atenção e o juízo crítico, dentre outros.[2] Tem o objetivo de gratificar ou satisfazer os impulsos do id.	O ego acessa conteúdos verbais temporariamente armazenados no pré-consciente.[2]	De modo inconsciente, o ego realiza produção de ansiedade, fenômenos de identificação, formação de símbolos, sentimento de identidade e de autoestima, dentre outros.[2]
	Superego			O superego é uma instância inconsciente[1]

(1) Roudinesco (1998, p. 744); (2) Zimmerman (2007, p. 83-84/127).

Fonte: adaptada de Roudinesco (1998) e Zimmerman (2007).

Essa caracterização permite perceber que as instâncias id e superego são inconscientes e que o ego é uma instância que, embora consciente, realiza funções inconscientes. Para realizar suas funções, o ego interage com as pulsões do id e do superego, com a finalidade de gratificá-los (satisfazê-los). Contudo, eventualmente as pulsões originadas do id podem não ser admitidas pelo ego em razão de apresentar conteúdo (sexual ou agressivo) considerado impróprio pelo superego ou porque a gratificação do impulso traz consequências negativas para o ego.

Exemplificando

Roberta e Júlio conheceram-se em uma festa de aniversário de um amigo comum. Naquela noite, apaixonaram-se um pelo outro e ficaram juntos. Até rolou um clima mais íntimo, mas nada aconteceu. Embora ambos estivessem mutuamente atraídos, Júlio não se sentiu excitado para uma relação sexual. Sua pulsão sexual logo entrou em conflito com o julgamento de seu superego e, como resultado, não conseguiu ereção. Embora tenha achado estranho, Júlio considerou muito conveniente: ele temia engravidar a moça naquela noite e ter que pagar pensão alimentícia ao filho até ele completar 18 anos de idade. Nesse exemplo, o entendimento de que Júlio não se sentiu excitado para uma relação sexual porque temia uma gravidez, do ponto de vista da psicanálise, é um entendimento possível, dentre várias outras compreensões para esse conflito. Que outras explicações você poderia dar para o caso descrito, a partir da teoria psicanalítica?

Quando isso ocorre, ou seja, na impossibilidade de gratificar esses impulsos, o ego utiliza meios especiais para livrar-se deles sem que seja necessário gratificá-los. Utiliza, para isso, os chamados **mecanismos de defesa** do ego.

De forma consensual, diferentes autores psicanalíticos (BRENNER, 1987, p. 93; FREUD, 2006, p. 37; PONTALIS, 1991, p. 107; QUINODOZ, 2007, p. 231) definem "mecanismo de defesa" como *qualquer ação inconsciente do ego* que venha a reduzir, modificar, transformar ou mesmo eliminar qualquer pulsão do id ou exigência do superego capaz de trazer riscos para o indivíduo. Para isso, o ego pode lançar mão de todos os recursos que dispõe ao seu alcance: o controle da percepção, pensamento, memória, atenção e juízo, dentre outros.

Para conseguir este fim, o ego interfere de modo inconsciente nessas funções, pervertendo seus respectivos modos de funcionamento normal, fazendo com que processem os dados e fatos não como realmente são, mas de maneira distorcida e conveniente aos interesses do ego, mesmo que irreal. Roudinesco (1998, p. 141) ainda acrescenta que os mecanismos de defesa podem ser acionados para *proteger o ego contra agressões internas ou externas* que provoquem efeitos desprazerosos. Possuem, portanto, uma finalidade de proteção.

Os mecanismos de defesa são utilizados na vida diária por pessoas comuns que não possuem nenhuma patologia. Isso ocorre porque tais mecanismos são estratégias que o ego utiliza para adaptar-se ao meio ambiente e são utilizados desde a tenra infância, dentro do processo normal do desenvolvimento da criança. Exemplo disso é o mecanismo de defesa denominado identificação, utilizado pela criança durante o processo de aquisição da linguagem; ou ainda, o mecanismo denominado repressão,

utilizado pelo ego para fazer-nos inconscientemente “esquecer” do aniversário de uma pessoa amada que tenha nos magoado, produzindo assim toda a sorte de chistes e parapraxias que serão estudadas na próxima seção.

Contudo, os mecanismos de defesa também são utilizados quando o ego está desadaptado e não consegue lidar com o conflito entre as pulsões do id e as exigências morais do superego. Quando isso acontece, mecanismos de defesa do ego são recrutados e pode haver a produção de ansiedade e dos sintomas patológicos que observamos nos transtornos mentais facilmente encontrados nas clínicas de psicologia e psiquiatria. Neste ínterim, o ego pode obter graus variáveis de sucesso no enfrentamento desses conflitos.

Sigmund Freud discorre a seguir sobre o uso de mecanismos de defesa por parte de pessoas sãs e do insucesso de alguns pacientes na tentativa de lidar com seus conflitos, por meio de um mecanismo de defesa aplicado para “eliminar coisas da mente” e esquecer eventos aflitivos ou desprazerosos. No exemplo em questão, tratando do mecanismo repressão:

> **Não posso, naturalmente, afirmar que [...] eliminar da mente coisas desse tipo seja um ato patológico [...]. Sei apenas que esse tipo de “esquecimento” não funcionou nos pacientes que analisei, mas levou a várias reações patológicas que produziram ou a histeria, ou uma obsessão, ou uma psicose alucinatória. (FREUD, 1986, p. 55)**

Ao analisar essa proposição, verificamos que ao não poder afirmar que “eliminar coisas da mente é um ato patológico”, Freud reconhece que o uso do mecanismo de defesa trata-se de algo normal, comum e não patológico para a maioria das pessoas. Contudo, ele também relata que alguns de seus pacientes utilizaram esse mecanismo e, em vez de obter sucesso no controle do conflito e na adaptação do ego, produziram sintomas.

Para promover o esquecimento, já sabemos que o ego interferirá nas funções que estão sob seu comando a fim de atingir este fim. Mas ele faz isso por quais meios? Por meio do uso de um ou de vários dos seguintes mecanismos de defesa, conforme propostos por Brenner (1987, p. 94) e Laplanche (1991).

Os mecanismos de defesa estão a seguir apresentados não por ordem de importância, mas em ordem alfabética, por razões meramente didáticas.

Anulação: neste mecanismo de defesa, o ego tenta “anular” o dano ou as consequências más que a pessoa imagina que a pulsão ou a ideia podem causar. Por exemplo, uma mãe pode em certos momentos odiar seu filho pequeno em razão de sua desobediência. Como para ela essa possibilidade é injustificável perante a

sociedade e seu próprio juízo de valor, inconscientemente seu ego “anula” essa pulsão hostil por meio de um forte desejo de plantar árvores e preservar a natureza, em benefício de toda a humanidade. Esse mecanismo de defesa atua como uma espécie de ritual mágico de anulação. Pode ser um processo inconsciente, como no caso do exemplo citado, ou ainda consciente. Muitos conhecem a prática supersticiosa de conscientemente bater três vezes em uma madeira antes de falar de morte e de doenças ou de postular um mau agouro a alguém. Para quem assim procede, bater na madeira magicamente “anula” o efeito do maléfico que pode advir a quem fala desses assuntos ou deseja má sorte a alguém.

Formação reativa: é um mecanismo de defesa em que o ego, de modo inconsciente, faz com que, de dois afetos ou ideias ambivalentes (por exemplo, ódio e amor), um permaneça inconsciente e o outro em evidência. Como exemplo podemos imaginar uma pessoa que se sentiu injustiçada por sua mãe e passou a odiá-la por isso. Contudo, como odiar a mãe é considerado algo inaceitável, o ego então mantém o ódio inconsciente e em seu lugar põe em evidência um intenso sentimento de “amor” por ela, tão intenso quanto o ódio inconsciente.

Identificação: constituiu-se no processo do mecanismo de defesa do ego no qual a pessoa assimila (se identifica, faz-se igual a) um aspecto ou característica de algo ou alguém. Segundo a literatura, esse mecanismo de defesa é extremamente importante na constituição da personalidade, uma vez que ocorre naturalmente nos primórdios da vida. Um exemplo é a identificação que ocorre com a aquisição da linguagem por parte da criança pequena. Ela não apenas aprende a falar, como também fala igual a seus pais, fazendo-se igual nos acentos e no sotaque da fala, no jeito de andar e vestir-se e nas mesmas preferências por atividades esportivas. Contudo, não é um mecanismo que opera apenas na infância: adolescentes também se identificam com famosos e passam a identificar-se com seu modo de vestir, suas crenças e seus comportamentos. Mesmo os adultos podem encontrar em políticos e chefes líderes com quem se identificar.

Intelectualização: estratégia cujo mecanismo de defesa procura dar uma explicação racional a seus conflitos e emoções, de modo a dominá-los ou controlá-los conforme sua vontade. Consolida-se na preponderância do pensamento abstrato sobre os afetos e pulsões. É um mecanismo de defesa que foi apresentado nos trabalhos de Anna Freud, como uma exacerbação de um processo normal do ego, que tenta submeter as pulsões do id a ideias com que possa lidar. Exemplo é o paciente que apresenta os seus problemas afetivos apenas em termos racionais e gerais. Nesse mecanismo, a pessoa “perde contato” com a emoção, que permanece inconsciente.

Isolamento: de acordo com Brenner, este é um mecanismo raro. É o processo inconsciente no qual um pensamento (e seus afetos vinculados) é isolado dos pensamentos que imediatamente o precederam e o sucederam, por um breve período do que chamou de “vazio mental”. Isolado dessa maneira, o pensamento possui

pouquíssimas chances de penetrar na consciência e assim torna-se "esquecido", literalmente isolado no inconsciente. Exemplos desse mecanismo seriam os sintomas obsessivos.

Negação: é o mecanismo utilizado pelo ego que não aceita ou recusa uma parte da realidade externa que lhe é desagradável, quer seja por meio de uma fantasia, quer seja por meio de um comportamento. Um exemplo de negação por meio de fantasia pode ser o de um motorista que provoca um acidente de trânsito, colidindo com a traseira do veículo que está à sua frente. Não aceitando o fato de que errou ao dirigir, nega que tenha provocado o acidente e acredita piamente que na verdade ele é a vítima do ocorrido, ou seja, que foi o carro da frente que colidiu com o seu carro, mesmo diante da evidência dos fatos concretos. Não aceitar esse fato é uma negação fantasiosa.

Assimile

No processo de negação, os dados da realidade são negados de uma forma legítima, ou seja, a pessoa que nega realmente acredita que sua visão distorcida da realidade é a correta. Confira no link a seguir um fragmento de vídeo que mostra uma divertida cena de negação do filme *Drácula, morto mas feliz*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wbk7Cl8vfm4>. Acesso em: 17 set. 2016.

Projeção: é o mecanismo de defesa cujo processo faz com que um indivíduo atribua a outra pessoa ou a algum objeto externo um sentimento, fantasia ou desejo seu, como sendo do outro. Um exemplo pode ser de um marido que desconfia de sua esposa. Como para ele é muito doloroso admitir que pode ter motivos para tal, inconscientemente ele projeta essa desconfiança nela, de tal modo que o marido sente que é a esposa quem desconfia dele, e não o contrário. Na teoria freudiana original, postula-se que a projeção é o mecanismo de defesa do que era denominado de "psicose paranoide".

Racionalização: mecanismo pelo qual a pessoa apresenta uma explicação coerente do ponto de vista lógico-racional e aceitável do ponto de vista moral para uma atitude, ação ou afeto que o ego desaprova. É um mecanismo muito comum. A literatura psicanalítica reporta que os primeiros casos de racionalização foram encontrados na terapia de sintomas neuróticos ou perversos.

Regressão: é o processo que opera no mecanismo de defesa que faz regredir para um objeto do passado a catexia (ou energia psíquica) que foi destinada a um objeto novo, do presente, mas que foi frustrada. Exemplo disso pode ser uma adolescente que, ao terminar um relacionamento amoroso que lhe permitia ter relações sexuais (típico da fase genital dos adultos), fica desiludida com a vida amorosa e volta a satisfazer suas pulsões a partir da estimulação oral, comendo chocolates, por exemplo, regredindo assim a satisfação de seus impulsos para a fase oral, o que é tipicamente infantil.

Repressão (ou recalque ou recalque originário): foi o primeiro mecanismo de defesa reconhecido na literatura freudiana. Nesse mecanismo o ego utiliza energia psíquica para barrar a entrada no consciente dos impulsos indesejados e dos afetos que os acompanham. Do ponto de vista do ego, uma lembrança reprimida é simplesmente esquecida. Embora funcione, o material reprimido continua existindo e forçando a entrada no consciente. Dessa forma, o ego dedicará de forma permanente uma certa carga contínua de energia para manter o mecanismo de repressão ativo.

Uma curiosidade a respeito desse conceito é que Freud referia-se a esse mecanismo por meio da palavra *Verdrängung*, que foi traduzida algumas vezes como repressão, outras vezes como recalque e, ainda, como recalque originário. Maria Paiva (2011, p. 234) explica que essa diferença de tradução decorre da riqueza de diferentes sentidos que oferece o idioma alemão e também se justifica pela falta de clareza conceitual que Freud tinha a respeito desse conceito no momento em que foi formulado, conceito este que foi sendo aprimorado com o passar do tempo.

Segundo ela, Freud referia-se a recalque quando queria denominar a repressão inconsciente de uma pulsão ou de um afeto, e se referia a repressão quando este processo era feito a nível consciente. De forma diferente, Brenner (1973, p. 96) afirma que a literatura psicanalítica também adota o termo supressão para nomear processos de repressão consciente.

Pesquise mais

A respeito desse mecanismo de defesa, confira maiores explicações por meio da leitura do artigo de Maria Paiva, intitulado *Recalque e Repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme*. Nesse artigo a autora diferencia recalque de repressão. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v2n2/a07.pdf>. Acesso em: 17 set. 2016.

Sublimação: mecanismo proposto por Freud para explicar atividades humanas que não apresentam qualquer relação aparente com sexualidade, embora a energia propulsora dessas atividades seja sexual. A pulsão sexual tem sua energia retirada e investida em atividades moralmente aceitas e valorizadas socialmente. A pulsão é sublimada quando sua energia sexual é derivada para um novo objetivo não sexual.

Assimile

O mecanismo de defesa sublimação apoia-se no superego como pilar central de sua existência. Nesse mecanismo, a pulsão do id é ameaçadora ao ego porque exige a satisfação de uma demanda que é condenada

pelo superego. Então o mecanismo de defesa entra em ação e retira o impulso à sua energia e a disponibiliza ao ego, para que dela faça melhor uso que o uso original.

Voltar contra si próprio ou **retorno sobre a própria pessoa**: processo pelo qual a pulsão que é dirigida a um objeto externo é revertida para a própria pessoa. Exemplo desse processo é uma criança pequena que, ao ser proibida por sua mãe de apanhar um doce, fica extremamente frustrada. Por causa da frustação, mobiliza forte pulsão agressiva de morder contra ela. Então, para não morder a mãe e depois sofrer punições por isso, a criança volta contra si própria a pulsão e então passa a morder a si mesma.

Entendemos até aqui a definição de mecanismo de defesa e sua finalidade. Conhecemos também os principais mecanismos utilizados pelo ego e compreendemos que esses mecanismos são usados tanto por pessoas comuns em sua vida cotidiana, quanto por pessoas que desenvolveram transtornos mentais.

Podemos agora dedicar nossa atenção a compreender como os mecanismos de defesa do ego se desenvolvem na psique.

Anna Freud foi a filha caçula de Sigmund, de uma linhagem de seis filhos. Ela era, por profissão e por interesse por crianças, professora primária. Em pouco tempo, devido à sua filiação e a consequente proximidade com as teorias psicanalíticas e com os mais notórios psicanalistas de sua época, tornou-se também psicanalista.

Contudo, dedicou seu trabalho à psicanálise de crianças e teve a oportunidade de observar em sua prática clínica como ocorria o desenvolvimento do ego e dos mecanismos de defesa, enquanto conservava a ortodoxia das teorias propostas por seu pai – da qual era fervorosa defensora e guardiã.

A partir de suas observações clínicas, Anna publicou em 1936 a obra "O ego e os mecanismos de defesa", na qual consolidou suas descobertas.

Nessa obra ela sugeriu uma classificação cronológica para o surgimento dos mecanismos de defesa a partir dos diferentes momentos de desenvolvimento do ego (FREUD, A., 1986, p. 43).

Segundo essa proposta, muito embora consigamos saber por meio da prática clínica qual mecanismo de defesa o ego está utilizando em dado momento, não conseguimos saber ao certo o motivo pelo qual um dado mecanismo de defesa é escolhido em detrimento dos demais. Anna propõe que a **repressão ou recalcamento** talvez seja o mecanismo mais utilizado pelo ego para lidar com impulsos sexuais, enquanto os demais costumam ser mais utilizados para lidar com impulsos agressivos. Mas nada impede que qualquer mecanismo seja utilizado para quaisquer dos impulsos.

Ao discorrer sobre a repressão ou recalcamento, ela postula que se este mecanismo mantém fora do ego impulsos reprimidos do inconsciente, não faz sentido falar do mecanismo de repressão numa época em que o ego e o id ainda se mantêm fundidos, indiferenciados. Considerando que bebês nascem possuindo apenas o id e que o ego vai desenvolvendo-se ao longo do tempo, logo conclui que a repressão ou recalcamento só é possível quando já existe um ego.

O mesmo ocorre com os mecanismos de **projeção** e **introjeção**. Para haver projeção de conteúdo interno para o exterior é necessário antes haver a percepção de um eu (existência e percepção do ego) e de um fora do eu, de um exterior. O mesmo vale para a introjeção: para internalizar algo de fora para dentro do eu (para dentro do ego) é necessário que haja antes a percepção deste eu.

O mecanismo defensivo **sublimação**, que desloca a energia da pulsão em conformidade com valores sociais, normas e regras sociais, requer previamente a existência de um superego desenvolvido.

Por outro lado, Anna propõe que mecanismos de defesa como a **regressão** podem ocorrer provavelmente em qualquer estágio do desenvolvimento da criança.

Reflita

Será que existe alguma relação entre mecanismos de defesa do ego e suicídio? Quando um suicídio se consuma, ocorre porque o mecanismo de defesa falhou ou atuou? O que você pensa sobre o assunto? Confira o artigo de Edna Vilete, intitulado "Perto das trevas: a história de um colapso", que descreve a crise vivida por um escritor a partir do mecanismo regressão e produção de angústia de aniquilamento. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2016.

Sem medo de errar

Vamos agora ajudar João a incluir em seus slides o conhecimento resultante de sua pesquisa em psicanálise.

Em um primeiro momento, João pode criar um slide em que explica que os mecanismos de defesa do ego são caracterizados por quaisquer ações do ego, por meio da modificação, redução, transformação ou mesmo eliminação de impulsos do ego ou exigências do superego.

Na sequência, poderá listar os principais mecanismos de defesa, tais como: racionalização, intelectualização, isolamento, sublimação, projeção, repressão, formação reativa, identificação, regressão e negação, dentre outros.

Em seguida, poderá adicionar novo slide e explicar que a finalidade dos mecanismos de defesa é proteger o ego de situações que venham a lhe trazer desprazer ou perigo. Na sequência, João também poderá descrever que os mecanismos de defesa fazem parte do desenvolvimento normal da psique e que, portanto, podem ser inconscientemente utilizados por pessoas que não apresentam nenhum tipo de transtorno mental, bem como por aqueles que desenvolveram sintomas. Neste momento, João também deve registrar que, apesar disso, os mecanismos de defesa podem obter diferentes níveis de eficiência em lidar com o conflito.

Por fim, João poderá criar mais uma tela para registrar que Anna Freud, filha do fundador da psicanálise, a partir de sua própria experiência clínica com crianças, propôs uma cronologia que explica os momentos de desenvolvimento do ego que podem possibilitar o desenvolvimento de certos mecanismos.

Avançando na prática

Katharina se mordendo de ciúmes

Descrição da situação-problema

Certa vez, Katharina, uma menininha de três anos de idade, brincava de casinha com Júlia, sua melhor amiga, que tinha mais ou menos a mesma idade. Em um dado momento, Pipoca – seu cachorrinho de estimação – veio alegremente incomodar o sossego das meninas, e depois de um rápido fuça-fuça que tirou do lugar todas as panelinhas da brincadeira, resolveu se acomodar no colo de Júlia.

Surpresa e encantada, Júlia deitou sua própria cabeça sobre o corpo do cãozinho e parou de brincar para curtir o momento.

Boquiaberta e enciumada, Katharina exclamava em brados: "Não! Não! Pipoca não está fazendo isso. Ele não pode fazer isso comigo. Ele só pode gostar de mim, de mim!".

Como Katharina estava furiosa! Ela não conseguia admitir tamanha traição de Pipoca, que resolvera alojar-se logo no colo de Júlia, e não no seu. Katharina também não conseguia admitir a traição de Júlia que em vez de desprezar "aquele cachorro" (no sentido ofensivo), interrompeu a brincadeira para dar atenção ao pet! Não se aguentando de ciúmes, Katharina começou a se morder e depois chorou copiosamente.

Diante dessa cena, que mecanismos de defesa do ego foram utilizados inconscientemente por Katharina para passar por esse grave problema em sua vida?

Resolução da situação-problema

Do ponto de vista de Katharina, Pipoca a traiu. Logo ele, que tanto corresponde a suas brincadeiras e folguedos, não poderia ter escolhido ninguém além dela para se aconchegar. Mas se ele escolheu o colo de Júlia é porque também gosta dela. Logo, seu cãozinho não é o que ela pensava. Ele gosta de qualquer um! Como essa realidade lhe trouxe sentimentos dolorosos, Katharina ficou ansiosa e angustiada. Diante dessa ansiedade, ela usou o mecanismo de defesa de negação para compreender a realidade de maneira alternativa: "Ele não está fazendo isso comigo".

Na sequência, Katharina passou a morder-se e depois chorou muito. O ato de morder-se pode ser interpretado à luz do mecanismo de defesa "voltar contra si mesmo". A frustação que Katharina sentiu por causa da traição de Pipoca despertou nela pulsões agressivas que seriam inicialmente dirigidas tanto a ele quanto a Júlia. Por amá-los e por não querer machucá-los, voltou a pulsão contra si mesma e se mordeu. Enquanto se mordia, a pulsão agressiva foi aliviada. Restou-lhe, portanto, apenas a tristeza e, por essa razão, Katharina chorou.

Faça valer a pena

1. Entre os mecanismos de defesa, há aquele em que o ego, de modo inconsciente, faz com que, de dois afetos ou ideias ambivalentes (por exemplo, ódio e amor), um permaneça inconsciente e o outro em evidência.

Qual das opções a seguir nomeia corretamente o referido mecanismo de defesa?

a) Formação reativa.

b) Racionalização.

c) Intelectualização.

d) Identificação.

e) Projeção.

2. A teoria psicanalítica propõe um mecanismo de defesa que se constitui no processo em que a pessoa assimila (se identifica, faz-se igual a) um aspecto ou característica de algo ou alguém.

Qual das opções a seguir nomeia corretamente o referido mecanismo de defesa?

a) Formação reativa.

b) Racionalização.

c) Intelectualização.

d) Identificação.

e) Projeção.

3. Há um mecanismo de defesa do ego que se constitui no processo que faz com que um indivíduo atribua a outra pessoa ou a algum objeto externo um sentimento, fantasia ou desejo seu, como sendo do outro. Para que seja possível, é necessário que já haja um ego diferenciado do id.

Qual das opções a seguir nomeia corretamente o referido mecanismo de defesa?

a) Formação reativa.

b) Racionalização.

c) Intelectualização.

d) Identificação.

e) Projeção.

Seção 2.3

Formações do inconsciente

Diálogo aberto

Caminhamos bem em nossa trajetória de estudos!

Na Seção 2.1 tivemos a oportunidade de pesquisar os pilares fundamentais da psicanálise: a conceituação dos pontos de vista dinâmico e econômico, as pulsões e o investimento pulsional e a proposta das primeira e segunda tópicas do aparelho psíquico freudiano, os modelos topográfico (consciente, pré-consciente e inconsciente) e dinâmico (id, ego e superego).

Na Seção 2.2 conhecemos os mecanismos de defesa do ego, entendendo para que servem e como atuam. Vimos também a descrição dos principais mecanismos de defesa, entre eles os mecanismos: racionalização, intelectualização, isolamento, sublimação, projeção, repressão, formação reativa, identificação, regressão e negação.

Agora, vamos utilizar todo esse conhecimento para finalmente colher o fruto de tanto estudo: compreender o que são as formações do inconsciente e quais são os mecanismos a ele associados. Veremos que a psicanálise registra que são formações do inconsciente o emergir dos lapsos **(ato falho e parapraxia)**, os **chistes**, a **formação** e a **interpretação dos sonhos** e a **produção dos sintomas psicopatológicos** e suas relações com a saúde. Finalmente, veremos, por comparação, as diferenças entre as visões de inconsciente de Freud e de **Carl Gustav Jung**, considerado um dos mais nobres dissidentes.

Em nosso contexto de aprendizagem, de tão envolvido com a tarefa que se impôs (fazer uma apresentação dos principais conceitos psicanalíticos para sua tia Ludmila), João Ismite até sonhou com tudo o que estava estudando. Foi um sonho muito abstrato e sem sentido, aparentemente.

Como situação-problema, imagine como poderia ter sido esse sonho de João e de que maneira ele poderia ser interpretado para, finalmente, ser apresentado à sua tia em forma de exemplo prático de tudo o que João aprendeu.

Vamos nessa? Bons estudos e mãos à obra!

Não pode faltar

Uma vez que compreendemos quais são os principais mecanismos de defesa do ego e como eles operam interferindo no ego, podemos agora tratar de um dos temas mais interessantes da psicanálise: os lapsos produzidos pelo inconsciente – ato falho e parapraxia – e a produção dos chistes.

Com uma grande sensibilidade, Freud percebeu que os fenômenos do inconsciente não se manifestavam apenas nos sintomas de pessoas doentes, mas ocorriam naturalmente na vida das pessoas, em diferentes situações da vida cotidiana. Segundo Brenner (1987, p. 139), ele percebeu que, vez ou outra, as pessoas cometiam certos enganos – inconscientes e aparentemente involuntários –, como os "**lapsos** de linguagem, lapsos de escrita, lapsos da memória e muitos revezes da vida que comumente atribuímos ao acaso e chamamos de acidentes".

A constatação da existência desses lapsos não coube à psicanálise, e sim às pessoas, em sua vida cotidiana, que repararam – e reparam ainda hoje – nos enganos cometidos pelas pessoas próximas. Dado a isso, é de domínio público que esses lapsos delatam a verdadeira intenção daqueles que os cometeram. Se um jovem (por um simples engano ou, digamos, por uma "pequena" distração à toa) carinhosamente chama sua paquera de Susi quando na verdade seu nome é Joana, certamente ela ficará furiosa com ele. Ela vai entender que houve um certo menosprezo (inconsciente, mas intencional) de sua pessoa por parte daquele jovem. Mesmo que ele se desculpe e explique que se equivocou por estar um pouco distraído, o estrago já terá sido feito. O pequeno lapso denunciou seu carinhoso interesse por Susi.

Assimile

Muito embora para a grande maioria das pessoas isso ocorra sem que tenha nenhuma significação patológica ou sintomática, Freud denominou esse tipo de ocorrência de lapsos inconscientes de "psicopatologia da vida cotidiana".

No passado, a ocorrência desses lapsos, por causa de sua característica inconsciente, era atribuída ao acaso, a superstições ou mesmo a espíritos malignos ou zombeteiros. Coube a Freud sustentar e demonstrar de modo científico que essas "psicopatologias da vida cotidiana" se deviam à vida inconsciente da própria pessoa (BRENNER, 1987, p. 140).

Iniciemos por um **ato falho** decorrente de um lapso relacionado à memória: o esquecimento. De um momento para outro, a pessoa esquece algo que lhe parecia importante, porém ansiógeno (que provoca ansiedade) ou desagradável. Hipoteticamente, imaginemos um homem casado que se incumbiu de ir sozinho

buscar sua sogra – pessoa muito crítica e de desagradável trato –, que acabou de desembarcar no aeroporto, para passar "alguns dias" em sua casa. Muito embora esse homem não tenha sentido que esqueceu propositadamente o compromisso, pelo fato de sua sogra trazer-lhe grande ansiedade, seu inconsciente reprimiu seu sentimento contrário a ela e também a lembrança da obrigação de ir encontrá-la no aeroporto. Resultado: o esquecimento. Com razão, o leitor deve estar considerando: "Ah, mas esse homem poderia ter mesmo simplesmente esquecido de maneira legítima o seu compromisso, sem qualquer motivação inconsciente. Ele poderia estar tão absorto em seu trabalho que, quando percebeu, já estava atrasado para a obrigação".

Diante dessa consideração do leitor, somos obrigados a concordar com tal possibilidade. Mas o leitor, todavia, também é obrigado a concordar com a possibilidade de nossa hipótese da motivação inconsciente para o esquecimento. Então, como saber o que de fato ocorreu? Saberemos o que realmente aconteceu depois de submeter esse homem à técnica psicanalítica da associação livre. Desta maneira, teremos evidências de seu funcionamento inconsciente e poderemos determinar se o esquecimento foi inconscientemente proposital ou não. Vejamos o que ressalta Brenner (1987, p.141) a respeito desse tipo de esquecimento:

> **A resposta consiste em que a razão, na maioria dos casos, é inconsciente. Geralmente só se pode descobrir através da técnica psicanalítica, isto é, com a inteira cooperação da pessoa que esqueceu. Se pudermos contar com sua cooperação e se ele for capaz de expressar livremente e sem seleção ou censura consciente, todos os pensamentos que lhe ocorrerem em relação ao lapso, então estaremos aptos a reconstruir seu intento e motivação.**

Vamos agora a outro tipo de ato falho: o lapso de linguagem, também chamado de **parapraxia**. É um lapso da linguagem escrita ou falada e ocorre de maneira inconsciente em consequência de uma falha na repressão total de algum pensamento ou desejo inconsciente. Nesses casos, a pessoa que escreve ou fala, apesar de seus esforços em manter seu pensamento ou desejo inconsciente, acaba por revelá-lo por meio de seu lapso.

Longo (2006) cita como exemplos de parapraxia: o esquecimento de palavras e de nomes, lapsos de língua e escrita, entre outros.

Exemplificando

O artigo jornalístico indicado a seguir, datado de 7 de abril de 2016, noticia a parapraxia (lapso de linguagem) cometida por um Deputado Federal

que, ao defender a Presidente da República na comissão especial de impeachment, referiu-se a ela como "ex-presidente" antes mesmo que o processo de impedimento tivesse sido levado a termo. O curioso é que enquanto falava, o deputado percebeu o erro que ia cometer e interrompeu sua fala. Mas já era tarde. O plenário percebeu a essência do pensamento inconsciente do deputado: a de que também ele já considerava a presidente cassada. A plateia riu e os deputados da oposição não perdoaram o acontecido, promovendo uma grande algazarra. Você pode conferir a notícia e o vídeo com a fala do deputado no link a seguir.

ESTADÃO. Em ato falho, deputado do PT chama Dilma de ex-presidente. Disponível em: <http://tv.estadao.com.br/politica,em-ato-falho-deputado-do-pt-chama-dilma-de-ex-presidente,566308>. Acesso em: 28 set. 2016.

De acordo com Brenner (1987), a ocorrência da parapraxia normalmente é atribuída pelo público leigo a estados de cansaço, distração, pressa ou mesmo excitação da pessoa que comete o lapso. Freud, contudo, reconheceu nessas situações eventos meramente acessórios que apenas facilitam a ocorrência do lapso, mantendo assim a *intencionalidade inconsciente* do ato. O autor ainda esclarece que é comum encontrar nas parapraxias lapsos de linguagem que promovem a inserção de palavras indesejadas, como a do exemplo do artigo supramencionado, em que o deputado insere a palavra "ex" ao referir-se à presidente. Pode haver ainda omissão ou distorção de palavras ou sílabas. Em relação aos mecanismos de defesa usados, nesse tipo de lapso são comumente utilizados mecanismos encontrados no processo de formação dos sonhos, como o deslocamento, a representação do todo por uma parte ou vice-versa, a representação por analogia, a representação pelo oposto, entre outros.

Assim como fizemos com o ato falho e a parapraxia, estudaremos neste momento mais um evento da "psicopatologia da vida cotidiana", conhecido como chiste. O chiste é um processo inconsciente que pode ser verificado quando uma pessoa, de maneira espontânea e às vezes até despercebida por ela própria, diz algo engraçado ou aparentemente sem sentido, mas que ao ser verificado de perto revela um pensamento ou crítica inconscientes.

Pesquise mais

O artigo a seguir, escrito por Flávia Natércia para a Revista Ciência e Cultura, detalha o conceito freudiano de chiste e o distingue de lapso e piada.

NATERCIA, Flávia. Fazer chiste não é fazer piada. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016.

De acordo com Fisher (apud LONGO, 2006), chiste é definido como "a habilidade de fundir, com surpreendente rapidez, várias ideias, de fato diversas umas das outras, tanto em conteúdo interno quanto no nexo com aquilo a que pertencem". Vejamos a seguir um trecho de "Os chistes e sua relação com o inconsciente", em que o próprio Freud (1986, p. 25) apresenta um exemplo de chiste em que essa fusão aparece:

> [...] um brilhante chiste de Heine, que faz um de seus personagens, Hirsch-Hyacinth, o pobre agente de loteria, vangloriar-se de que o grande Barão Rothschild o tenha tratado bem como a um seu igual: bastante 'familionariamente'. Aqui a palavra veículo desse chiste parece, a princípio, estar erradamente construída, ser algo ininteligível, incompreensível, enigmático. Em decorrência, desconcerta. O efeito cômico é produzido pela solução desse desconcerto através da compreensão da palavra.

No texto, Hirsch-Hyacinth, um agente de loteria, é tratado como se fosse originário de "família milionária", tendo recebido do grande Barão Rothschild um tratamento digno dessa origem. Fora tratado como um "familionário".

Em relação ao **processo de formação e interpretação dos sonhos**, Freud escreveu duas obras que consagraram a compreensão psicanalítica desse evento psicológico. São elas: "A interpretação dos sonhos", publicada em 1900, e "Sobre o sonho", de 1901.

Segundo Quinodoz (2007, p. 47), nessas obras Freud contrariou o senso comum e o conhecimento científico de sua época quando explicou que "o sonho é uma atividade psíquica organizada, diferente da atividade da vigília, e que tem suas próprias leis, opondo-se tanto às concepções populares como à opinião científica".

Por meio do seu método psicanalítico, Freud demonstrou que o sonho é uma produção pessoal e particular da pessoa que sonha e que seu significado é determinado por processos do inconsciente.

Quanto à sua finalidade, Freud sempre postulou que, ao contrário do que também as pessoas acreditavam em sua época – que o sonho atrapalhava o sono –, o papel do sonho era garantir a continuidade do sono. Em suas próprias palavras, Freud (1986b, p. 604) alega que: "Afirma-se comumente que o sono é perturbado pelos sonhos, mas, curiosamente, somos levados a uma visão contrária e temos de encarar o sonho como guardião do sono".

Sendo o sonho um fenômeno psicológico produzido inconscientemente, ele apresenta um conteúdo. Quinodoz (2007) afirma que a literatura psicanalítica reconhece que o sonho apresenta dois tipos diferentes de conteúdo: o conteúdo manifesto e o conteúdo latente.

Por **conteúdo manifesto do sonho** temos o sonho tal como é relatado pela pessoa que sonhou. É o enredo da estória que se desenrolou enquanto sonhava, cujo sentido é geralmente obscuro, porque foi censurado, deformado ou alterado pelos inconscientes mecanismos de defesa do ego. A psicanálise ainda dá o nome de **trabalho do sonho** ao "conjunto de operações psíquicas que transformam o conteúdo latente em conteúdo manifesto com o objetivo de torná-lo irreconhecível" (QUINODOZ, 2007, p. 51).

O **conteúdo latente do sonho** é seu conteúdo original, antes de ser inconscientemente censurado, deformado ou alterado pelos mecanismos de defesa do ego. O conteúdo latente é reconhecido apenas quando o sonho é analisado sob a técnica da associação livre pela pessoa que sonhou. É ainda denominada de **trabalho de análise** a operação inversa, ou seja, o trabalho de interpretar o sonho por meio da técnica psicanalítica e assim decifrar seu significado latente.

Como já citado anteriormente nesta seção, o inconsciente adota o uso de mecanismos de defesa com o objetivo de dissimular o sonho, que, para Freud, era a manifestação inconsciente da realização de um desejo. A psicanálise identificou, dentre outros, a adoção dos seguintes mecanismos de defesa: deslocamento e condensação e os processos de representação e de elaboração secundária.

O **processo de representação** refere-se ao trabalho pelo qual o sonho transforma os pensamentos e ideias inconscientes em imagens visuais. Já o processo de **elaboração secundária** refere-se à remodelação do sonho destinada a apresentá-lo sob a forma de uma história relativamente coerente e compreensível. Há, ainda, o processo de **dramatização**, que consiste em transformar uma ideia, vivência ou pensamento em uma cena, em procedimento análogo ao de um diretor de teatro (QUINODOZ, 2007).

Reflita

Será que livros e simpatias para interpretação dos sonhos possuem algum fundamento? De acordo com Freud, o conteúdo latente do sonho só pode ser corretamente identificado e compreendido a partir da aplicação da técnica de associação livre, uma vez que o sonho é apresentado de maneira simbolizada. Em contrapartida, Freud reconheceu que conhecer o contexto cultural da pessoa que sonha ajuda no processo de interpretação dos sonhos, uma vez que a cultura também determina o significado dos símbolos utilizados no sonho. Daí a importância de o psicólogo conhecer a cultura, o folclore, a religião e as crenças da população com que trabalha.

Vimos, até então, como o método psicanalítico permitiu que Freud desbravasse os até então misteriosos fenômenos da psique humana: os atos falhos, as parapraxias, os chistes e os sonhos.

Depois de Freud, o inconsciente humano nunca mais foi o mesmo: pode agora ser vasculhado, investigado e, por fim, compreendido. Olhando assim, em perspectiva, até nos dá a impressão de que Freud desenvolveu seu método para investigar esses fenômenos, e essa afirmação é mesmo verdadeira. Mas Freud fez tudo isso, principalmente, visando um objetivo maior.

Como médico neurologista, Freud queria inicialmente ajudar pessoas que estavam em sofrimento – por sinal, muito grande – e que a medicina da época não podia auxiliar. Eram pessoas que, embora não tivessem objetivamente uma causa física ou biológica para suas doenças, estavam doentes: paralisias, dores, insônia, dificuldade para beber água ou se alimentar, ansiedade, enfim, uma grande variedade de diferentes sintomas.

Como a medicina não podia explicar essas doenças – porque de fato não existia motivo objetivo para isso –, os médicos diziam que essa gente formava um grupo de pacientes simuladores, que inventavam doenças para obter atenção e apoio das pessoas.

Freud e alguns outros médicos acreditaram na possibilidade de esses sintomas serem de fato reais. Para ele, se tais sintomas não evidenciavam um transtorno orgânico, só poderiam evidenciar outra coisa: um transtorno emocional.

Segundo Brenner (1987, p. 183), na época de Freud, a psiquiatria "mal havia saído da infância e a demência precoce acabava de ser introduzida na literatura psiquiátrica". Exatamente por essa razão, Freud iniciou suas pesquisas sobre os sintomas de transtornos emocionais a partir de seus estudos sobre as **neuroses** (ou **psiconeuroses**, como eram nomeadas na época).

Freud organizou as psiconeuroses em três categorias: a neurose atual, as neuroses transferenciais e as neuroses narcisistas (ZIMERMAN, 2007).

Segundo Zimerman (2007, p. 198), Freud denominou como **neurose atual** o tipo de neurose decorrente da ansiedade derivada de "fatores biológicos que agiriam através de substâncias químicas que, quando acumuladas no organismo, atuariam como *toxinas sexuais* produzidas pelas excitações [sexuais] frustradas". Essas toxinas sexuais, portanto, provocariam taquicardia, palpitações e respiração ofegante, entre outros sintomas. Haveria ainda dois tipos de neurose atual: a neurose de angústia, resultado da libido frustrada (por exemplo, decorrente do coito interrompido), e a neurastenia, decorrente de uma excessiva descarga da libido (por exemplo, decorrente da masturbação), que provocaria quadro sintomático de fraqueza, apatia, cansaço.

Foram classificadas por **neuroses transferenciais** a histeria, a fobia e a neurose obsessiva. Trata-se do tipo de neurose caracterizada pela capacidade de transferir a libido para objetos externos, em vez de a transferência ser feita sobre o próprio ego, como ocorre nas neuroses narcisistas. De acordo com Laplanche (1991), a **histeria** é uma classe de neuroses de variados quadros clínicos, descrita em duas formas bem

distintas: a histeria de conversão e a histeria de angústia. Na histeria de conversão há o desenvolvimento e a predominância de sintomas psicossomáticos, tais como paralisia, analgesia, cegueira ou surdez sem causa orgânica que as sustentem. Na histeria de angústia o sintoma central é a fobia.

Em termos psicanalíticos, pode-se conceituar **fobia** (medo) como uma complexa combinação de pulsões, fantasias, angústias e defesas do ego, configurando-se clinicamente desde uma fobia simples (por exemplo, medo de borboleta) até fobias mais complicadas, paralisantes e incapacitantes (ZIMERMAN, 2007).

A **neurose obsessiva** é também chamada de neurose obsessivo-compulsiva. Caracteriza-se por pensamentos repetitivos, rituais e cerimoniais que são feitos e desfeitos sem nunca acabar (ZIMERMAN, 2007). Este mesmo autor esclarece ainda que a palavra obsessão refere-se a *pensamentos ou ideias repetitivas* e que a palavra *compulsão* refere-se a *comportamentos repetitivos*. Note que, hipoteticamente, uma obsessão (por exemplo, pensamento repetitivo de que um ladrão vai entrar em casa) pode levar a uma compulsão (por exemplo, a cada vez que tem esse pensamento, a pessoa irá checar cinco vezes se a porta de casa está de fato trancada).

Segundo Zimerman (2007), o que Freud denominou por **neuroses narcisistas** configura o que posteriormente constituiu os atuais quadros de psicose e estados psicóticos. Essas neuroses implicam em um processo que provoca grande deterioração das funções do ego, a ponto de provocar prejuízo no contato com a realidade, como ocorre nas esquizofrenias crônicas (exemplo de psicose) e nas personalidades borderline, paranoides, narcisistas e em algumas formas de perversão (exemplos de estados psicóticos). De acordo com Laplanche (1991), inversamente às neuroses transferenciais, em que a libido é transferida para objetos externos, nas neuroses narcisistas a libido é dirigida ao próprio ego, ocorrendo então os sintomas.

Conforme explicado por Laplanche (1991, p. 341), a sexualidade normal é caracterizada pelo coito genital (pênis/vagina) que possibilita o prazer e a gravidez. As demais formas de sexualidade (homossexualidade, pedofilia, zoofilia/bestialidade com animais, coito anal, sexo oral, fetichismo, travestismo, voyeurismo, exibicionismo e sadomasoquismo) foram denominadas de perversão. Zimerman (2007, p. 254) explica que essas formas de sexualidade configuram perversão no sentido de que, ao desviar-se do coito genital, exprimem pela sexualidade um sintoma. Em suas próprias palavras: "Aquilo que uma pessoa neurótica reprime e pode gratificar somente simbolicamente através de sintomas, o paciente com perversão expressa diretamente em sua conduta sexual". Pode-se dizer ainda, de outra forma, que perversão é uma conduta sexual que desvia (perverte) o destino natural da sexualidade (que é possibilitar prazer e procriação) para se tornar uma expressão de sintoma.

Por fim, resta-nos agora abordar o inconsciente do ponto de vista de um dos mais eminentes psicanalistas da época, o Dr. Carl Gustav Jung (1875-1961). Jung era médico

psiquiatra e conheceu Freud inicialmente pela leitura de suas obras. Como ambos trabalhavam com pacientes com transtornos emocionais, em 1906 Jung tomou a iniciativa de começar a se corresponder com Freud a fim de trocar experiências. Estabeleceu-se entre os dois uma produtiva amizade e colaboração científica. Aos poucos, a partir de sua experiência clínica, Jung passou a formatar uma visão diferente do aparelho psíquico e das teorias freudianas. A tensão surgiu entre os amigos até que, finalmente, a dissidência aconteceu em 1912, quando Jung publicou sua obra "Símbolos e transformações da libido" (YOUNG-EISENDRATH, 2002, p. 13). A amizade entre os dois terminou e Jung seguiu desenvolvendo a escola teórica denominada Psicologia Analítica.

Enquanto para Freud o aparelho psíquico é formado por consciente, pré-consciente e inconsciente (1ª Tópica), e id, ego e superego (2ª Tópica), o aparelho psíquico de Jung é formado por ego (ou consciente), inconsciente e inconsciente coletivo. Segundo Samuels (1988, p. 51), os conceitos de ego e inconsciente freudianos são correlatos, com a diferença de que, para Jung, o inconsciente não era um mero repositório de elementos reprimidos, "um lugar central da atividade psicológica" e que "se referia diretamente às bases filogenéticas, instintivas, da raça humana" (SAMUELS, 1988, p. 21). Nessas bases, Jung então formulou sua proposta de inconsciente coletivo como o repositório da herança e possibilidades psíquicas do homem.

No inconsciente coletivo residem estruturas denominadas *arquétipos* (parte herdada da psique como um padrão de estruturação do desempenho psicológico ligado ao instinto) e *complexos* (imagens e ideias aglomeradas em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos, e caracterizadas por uma tonalidade emocional comum).

Pesquise mais

Não deixe de conferir o vídeo de uma entrevista concedida por Jung, então com 84 anos, em que ele fala sobre Freud, Psicanálise, suas próprias teorias e descobertas, morte e existência de Deus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dZIYYrnxdQI>. Acesso em: 28 set. 2016.

Vocabulário

Ato falho: Ação involuntária e inconsciente, que ocorre no cotidiano. Por exemplo: um esquecimento, originário do inconsciente.

Chiste: Dito humorístico e sagaz; gracejo; facécia; humor, graça, especialmente o que se manifesta por palavras espirituosas. (AULETE DIGITAL, 2016)

Lapso: Erro ou engano involuntário, falha, interrupção casual (lapso de memória, lapso de linguagem). (AULETE DIGITAL, 2016)

Parapraxia: Divergências da fala (consciente) com o real desejo do inconsciente.

Sem medo de errar

Em nossa situação-problema, João poderia, assim que despertasse pela manhã, anotar em uma folha de papel o seu sonho, para que pudesse ser interpretado e apresentado à tia Ludmila.

João poderia ter tido um sonho em que ele estava caminhando pelo saguão de um grande museu, quando repentinamente se deu conta de que estava sem seus pertences. Havia-os esquecido no carro em que viera para o museu. Quando decidiu dar meia volta para ir buscá-los, percebeu que o caminho de volta já não era mais o mesmo, tendo se tornado um caminho tortuoso, cheio de árvores frondosas em meio à vegetação. Enquanto observava admirado tudo isso, percebeu a existência de uma gruta próxima do local onde estava. Decidiu, então, ir até lá para verificar o que havia por ali. Na entrada da gruta, encontrou uma placa de madeira na qual estava escrito: "Venha da terra dos mortos e conheça a luz". Sentindo-se tocado, teve medo e gritou por socorro, mas em vez de gritar: "Socorro, ajuda-me!", gritou a todo pulmão: "Percorro, enterra-me!". Ao dizer isso, houve o som de um pequeno sino tocando insistentemente. Assustado, João finalmente despertou com o som do seu celular tocando. Já era hora de acordar.

Depois de restabelecido, João poderia fazer uma associação de ideias a respeito dos componentes de seu sonho, com o objetivo de realizar o caminho contrário do trabalho do sonho, ou seja, o trabalho da análise. Hipoteticamente, uma análise desse sonho poderia ser a seguinte:

Quando se deu conta de que havia esquecido seus pertences (um ato falho), percebeu o que seu inconsciente estava mostrando: por causa de seus estudos, ele estava em uma fase de transição de identidade. Afinal, estava procurando decidir qual escola teórica adotaria em sua prática profissional futura. Adotar uma identidade profissional significa, para ele, deixar a identidade antiga de lado, o que justifica ter sonhado que esqueceu seus "antigos pertences". O trecho do sonho em que João dá meia volta para buscar (encontrar) sua identidade e se depara com um caminho tortuoso cheio de árvores frondosas, representou para ele o caminho difícil de conhecer tantas novas e frondosas teorias psicológicas, dentre elas a psicanálise. Nesse momento, ele percebeu a entrada da caverna. Para ele, essa entrada era o acesso para uma nova vida. Assim, João considerou que para entrar em uma nova vida é preciso, antes, estar morto. Daí a placa: "Venha da terra dos mortos...". Seria preciso que João morresse para sua vida de indecisão para que, em seguida, conhecesse a luz da escolha de sua linha teórica favorita. Daí ele cometeu a parapraxia: em vez de gritar "socorro, ajuda-me", ele gritou

"percorro, enterra-me". Esse lapso o fez perceber o quanto inconscientemente já estava morrendo para a indecisão e clamando por logo enterrá-la, para depressa encontrar sua luz teórica e percorrer seu caminho profissional. Finalmente, João compreendeu que o sino que estava tocando na verdade era seu despertador. Para continuar dormindo, o sonho cumpriu seu papel de "guardião do sono" ao transformar o som do celular em um som de sino, que encontrou todo sentido no contexto do sonho.

Ao final e sem perceber, João riu-se com um chiste que "pulou" em seu pensamento: "Credo! Fazer escolha assim é Freud!".

Obs.: lembre-se de que essa situação-problema poderá ter outras soluções!

Avançando na prática

Coisas de Laurinha

Descrição da situação-problema

Benedito estava rindo sozinho. Havia acabado de falar com sua amiga Laurinha, moça muito alegre, mas um tanto atrapalhada. Quando cruzou por acaso com ela na calçada em que caminhava, viu que ela não estava com cara de bons amigos e caminhava mancando. Ao olhar para seus pés, entendeu logo o motivo. Tinha se quebrado o salto alto do sapato que estava usando.

Ao falar com ela sobre sua situação, Laurinha logo explicou que não gostava daquele sapato. Na verdade, ela nunca foi com a cara dele. Mas como o havia recebido de uma pessoa querida, aceitou o presente, embora tenha ficado com um desejo de logo desfazer-se dele.

Laurinha explicou que, ao arrumar-se para fazer uma caminhada no parque, local de piso irregular, pavimentado com paralelepípedos e cheio de vãos nos quais o salto de seu sapato poderia prender-se e quebrar, sem perceber logo o calçou e saiu para o passeio. Conforme imaginou, rapidamente o salto lascou em uma ponta e, de acordo com suas próprias palavras, ela ficou "manquetola". Quando ela disse "manquetola", ambos se olharam, riram e se despediram.

Como você pode explicar o que ocorreu com Laurinha?

Resolução da situação-problema

Você pode iniciar a resolução dessa situação-problema compreendendo que Laurinha tinha um desejo reprimido de lançar fora aquele sapato desagradável. Quando inconscientemente o escolheu para fazer uma caminhada, cometeu um ato

falho grandioso. Não se usa sapato de salto alto para caminhadas! É claro que o salto deveria se quebrar ou pior, ela poderia virar o pé e sofrer uma entorse. Em todo caso, quem se torceu foi um dos saltos, que quebrou por essa razão. Assim, não havia mais motivo para guardar o sapato. Era só jogá-lo fora quando chegasse em casa.

Mas o que dizer do riso de Benedito e Laurinha quando ela disse a palavra "manquetola"? Você pode dizer que, sem perceber, ela disse um chiste, fazendo a união de duas palavras distintas, que juntas ficaram engraçadas ao exprimir o exato sentimento daquele momento: "Manque, sua tola. Você foi tão descuidada ao sair para passear de sapato que o salto se quebrou. Então, manque, tola. Manquetola!".

Faça valer a pena

1. Ao analisar o modo de funcionamento do chiste, Freud efetuou considerações específicas para este conceito. Analise as afirmativas a seguir e assinale a alternativa que melhor as interpreta:

Afirmativa 1:

O chiste consiste em a pessoa dizer, de modo consciente, algo engraçado ou sem sentido.

Afirmativa 2:

De acordo com Fisher (apud LONGO, 2006, p. 26), chiste é definido como "a habilidade de fundir, com surpreendente rapidez, várias ideias, de fato diversas umas das outras, tanto em conteúdo interno quanto no nexo com aquilo a que pertencem".

Assinale a opção que representa a resposta CORRETA para a questão.

a) As duas afirmações são corretas.

b) As duas afirmações são falsas.

c) A primeira afirmação é correta e a segunda é falsa.

d) A segunda afirmação é correta e a primeira é falsa.

e) As duas afirmações são corretas e a segunda é um complemento da primeira.

2. A respeito do conceito de "trabalho de análise", Freud postulou que:

I. O trabalho de análise é realizado de modo inconsciente pela pessoa que sonha.

II. O trabalho de análise é uma operação oposta ao trabalho do sonho.

III. No trabalho de análise, o sonho é analisado para compreensão dos conteúdos inconscientes.

Assinale a opção que representa a resposta CORRETA para a questão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e III.

d) I.

e) II.

3. A psicanálise identificou e definiu um tipo de neurose transferencial denominado de neurose obsessiva-compulsiva. Considere as proposições a seguir:

I. Obsessão e compulsão são conceitos distintos.

II. Obsessão e compulsão podem estar correlacionados no mesmo sintoma.

III. Obsessão corresponde a atos repetitivos e compulsão corresponde a pensamentos repetitivos.

Assinale a opção que representa a resposta CORRETA para a questão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e III.

d) I.

e) II.

Referências

ALBUQUERQUE, K; ESCUDEIRO, R. Sobre a metapsicologia: a epistemologia freudiana. **Revista Scientia**, ano 1, ed. 2, p. 192-395, nov. 2012/jun. 2013. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/2/Psicologia/Sobre_a_Metapsicologia_a_epistemologia_freudiana.pdf>. Acesso em: 09 set. 2016.

BARTHOLO, W. Estresse pós-traumático. **Revista de Psicologia, Saúde Mental e Segurança Pública**, v. 1, n. 4, 2007. Disponível em: <http://ead.policiamilitar.mg.gov.br/repm/index.php/psicopm/article/view/19>. Acesso em: 09 set. 2016.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: uma introdução à psicologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

DEPARTAMENTO DE PSIQUIATRIA DA UNIFESP. **Psicoterapia ajuda no combate ao transtorno do estresse pós-traumático**. Disponível em: <http://www.psiquiatria.unifesp.br/sobre/noticias/exibir/?id=63>. Acesso em: 26 set. 2016.

EQUAÇÕES de Maxwell. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Equa%C3%A7%C3%B5es_de_Maxwell>. Acesso em: 9 mar. 2017.

DICIONÁRIO Aulete Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 9 mar. 2017.

ESTADÃO. **Em ato falho, deputado do PT chama Dilma de ex-presidente**. Disponível em: <http://tv.estadao.com.br/politica,em-ato-falho-deputado-do-pt-chama-dilma-de-ex-presidente,566308>. Acesso em: 28 set. 2016.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. **As neuropsicoses de defesa**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

______. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986a.

______. **A intepretação dos sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986b.

LAENDER, N. R. A construção do conceito de superego em Freud. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 27, n. 52, p. 63-68, set. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2016.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LONGO, L. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NATERCIA, F. Fazer chiste não é fazer piada. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 57, n. 2, jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016.

PAIVA, Maria L. S. C. Recalque e Repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 229-241, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v2n2/a07.pdf >. Acesso em: 17 set. 2016.

QUINODOZ, J. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMUELS, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

VILETE, E. P. Perto das trevas: a história de um colapso. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 103-113, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2016.

YOUNG-EISENDRATH, Polly (Org.). **Manual de cambridge para estudos junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

YOUTUBE. **Exemplo de negação**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wbk7Cl8vfm4>. Acesso em: 17 set. 2016.

YOUTUBE. **Face to Face - Entrevista com Carl Jung legendada em Português**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dZIYYrnxdQI>. Acesso em: 28 set. 2016.

ZIMERMAN, D. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Sexualidade e estruturação psíquica

Convite ao estudo

Após a contextualização do ambiente de surgimento da psicanálise na Unidade 1, em que foram apresentados os métodos e técnicas de investigação do inconsciente, e o primeiro contato com a metapsicologia proposta por Freud na Unidade 2, na qual foram abordados conceitos como o inconsciente, o recalque, o narcisismo eas formações do inconsciente (chiste, sonhos, lapsos etc. esta unidade abordará a sexualidade e a estruturação psíquica, iniciando pelo conceito de pulsão, fundamental e característico da psicanálise, passando pelas fases de desenvolvimentos psicossexuais e pelo complexo de Édipo, até sua dissolução.

Espera-se que o estudante consiga compreender o processo de evolução de cada indivíduo a partir da abordagem psicanalítica, isto é, no modo pelo qual, a partir da teoria freudiana, as pulsões interiores se manifestam nos sujeitos e podem se associar a diferentes objetos e partes do corpo em seu processo evolutivo, constituindo relações complexas, representadas e sistematizadas pelo complexo de Édipo e por sua dissolução. Assim, espera-se que o estudante desenvolva sua competência para compreender fundamentos, pressupostos, conceitos e estratégias metodológicas que caracterizam a teoria psicanalítica, principalmente em relação ao complexo de Édipo.

O objetivo é identificar nos indivíduos as fases de desenvolvimento propostas por Freud e verificar como tais fases afetam a vida das pessoas. Para tanto, o estudante continuará ajudando João em sua busca de conhecimento sobre a psicanálise, abordando agora uma possível relação entre a psicanálise e a educação, uma vez que a escola é um ambiente bem conhecido e permite problematizar a questão das pulsões sexuais e da transmissão de normas e ideais

culturais, visando produzir novos conhecimentos sobre as posições subjetivas de alunos e professores.

Na Seção 3.1, que tratará das fases de desenvolvimento psicossexual, deverão ser identificadas, a partir de uma situação hipotética e usando sua criatividade, as possíveis fases de desenvolvimento psicossexual do Prof. Aristófanes e da Profa. Maria Helena, mencionados anteriormente por João, ou seja, deve ser apresentado e justificado o que pode ser considerado comum no desenvolvimento psicossexual de professores. A Seção 3.2 abordará o complexo de Édipo e deve apresentar o que João contaria a um colega se tivesse tido a oportunidade de assistir a uma peça de teatro sobre Édipo Rei, relacionando os principais conceitos com as características dos professores da seção anterior. Finalmente, na Seção 3.3, será discutida a dissolução do complexo de Édipo, e deverá ser proposto e comparado o modo como poderia ter ocorrido a dissolução do complexo de Édipo tanto para o Prof.Aristófanes quanto para a Profa. Maria Helena, isto é, quais semelhanças e diferenças mais evidentes podem ser reconhecidas em pessoas de sexos diferentes.

Seção 3.1

Desenvolvimento das fases psicossexuais (anal, oral, fálica, período de latência e genital)

Diálogo aberto

A compreensão do conceito de pulsão e sua interpretação dualística proposta por Freud é fundamental para a compreensão da estruturação das fases de desenvolvimento psicossexual. De modo geral, as fases possibilitam organizar componentes que se desenvolvem de maneira semelhante entre determinados grupos de indivíduos, geralmente classificados por faixas etárias. Contudo, apesar da proposta teórica que tenta sustentá-las, as fases não são necessariamente rígidas nem evoluem sempre em ordem sequencial, podendo se sobrepor, pois são determinadas por pontos de fixação que permitem a regressão a tais pontos em momentos de dificuldade ou de qualquer desajuste emocional.

A situação-problema desta seção solicita que você imagine como pode ter acontecido o desenvolvimento psicossexual de dois personagens citados por João: o Prof. Aristófanes e a Profa. Maria Helena. É uma situação aberta, que possibilita o confronto da teoria com a prática, isto é, você deve imaginar comportamentos atuais e relacioná-los com a teoria apresentada, enfatizando os reflexos na vida cotidiana dos dois professores e apontando como as características teóricas se relacionariam com a prática profissional de ambos, segundo cada fase de desenvolvimento (oral, anal, fálica, de latência e genital).

Como a atividade é baseada na imaginação individual, não há uma única resposta correta, e a discussão entre colegas, na sala de aula ou em ambientes virtuais, sobre as fases e seus pontos de fixação e regressão, pode ajudar a sedimentar os conceitos teóricos apresentados.

Mãos à obra! Esperamos que você consiga fazer seu colega João compreender melhor o desenvolvimento psicossexual segundo a teoria psicanalítica.

Não pode faltar

A pulsão, segundo Roudinesco e Plon (1998), assim como o inconsciente, o recalque, a transferência e a sexualidade, pode ser considerada como um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Para a devida compreensão desta seção, que irá abordar as fases de desenvolvimento psicossexual, buscaremos inicialmente um entendimento aprofundado do conceito de pulsão, considerado por Freud como o eixo central dos conceitos psicanalíticos. Por essa razão, Freud vinculou a pulsão com a necessidade de sobrevivência e caracterizou o desejo como um impulso com a intenção de repetir experiências nas quais, previamente, alguma necessidade já tenha sido satisfeita.

O termo, surgido na França por volta de 1625 e derivado do latim *pulsio*, era usado para designar o ato de impulsionar, podendo ser traduzido para o francês como *Pulsion*; para o alemão, língua de Freud, como *Trieb* ou *Instink*; ou para o inglês como *Drive* ou *Instinct*. Considerando a etimologia, tanto em alemão como em francês ou português, os termos *Trieb* e *pulsão* remetem à ideia de um impulso, independentemente de sua orientação e seu objetivo. Passou a ser empregado por Freud a partir de 1905, que o definiu como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. Freud usou o termo alemão *Trieb* para evitar qualquer confusão com instinto ou tendência, reservando *Instinkt* para qualificar os comportamentos animais, querendo com isso marcar a especificidade do psiquismo humano.

A noção de pulsão já estava presente nas concepções de doença mental e nos tratamentos da psiquiatria alemã do século XIX, relacionada com a questão da sexualidade. Autores como Karl Wilhelm Ideler (1795-1860) ou Heinrich Wilhelm Neumann (1814-1884) insistiam no papel central das pulsões sexuais, este último considerando a angústia como produto da insatisfação das pulsões. Além disso, Friedrich Nietzsche (1844-1900) concebia o espírito humano como um sistema de pulsões suscetíveis de entrarem em colisão ou se fundirem umas com as outras, atribuindo também um papel essencial aos instintos sexuais, os quais distinguia dos instintos de agressividade e de autodestruição. Freud nunca fez mistério sobre esses antecedentes e, em sua autobiografia de 1925, referiu-se a Nietzsche, confessando que só o tinha lido muito tardiamente, por medo de ser influenciado pelo filósofo.

Assimile

Tente perceber a importância do conceito de pulsão na teoria psicanalítica e tenha cuidado ao acompanhar sua evolução, pois esse foi um conceito fundamental para o desenvolvimento das proposições de Freud.

Considerando a importância e a evolução do conceito de pulsão empregado por Freud, é importante ressaltar o quanto tal conceito está estreitamente ligado aos conceitos de libido e de narcisismo, os quais constituem os três grandes eixos da teoria freudiana da sexualidade. A pulsão, para Freud, se refere às necessidades biológicas, com representações psicológicas, que devem ser "descarregadas", e precisa ser diferenciada de instinto, termo usado poucas vezes para designar os padrões hereditários fixos de comportamento animal, típicos de cada espécie. É importante ressaltar que, na literatura psicanalítica, o conceito de pulsão também pode aparecer como "instintos", "impulsos", "impulsos instintivos", "pulsões instintivas" ou "pulsões", pois na primeira tradução dos textos de Freud para o inglês – editada pelo psicanalista inglês James B. Strachey (1887-1967) como a primeira edição "*standard*" das obras completas de Freud – não atentaram para a utilização diferenciada no original alemão das palavras *Instinkt* e *Trieb*, e não como sinônimos. Ressalta-se ainda que os atuais estudiosos da obra de Freud preferem o uso do termo *pulsão*.

Retomando as ideias iniciais de Freud, a pulsão foi conceituada como sendo o representante psíquico de estímulos somáticos e seus componentes eram: 1) a origem (no alemão original, *quelle*), relacionada a algum órgão, parte do corpo ou zonas erógenas, das quais surgem os estímulos; 2) a força (*drang*), que indica uma quantificação da energia que busca a descarga motora e que fundamenta o ponto de vista "econômico" da proposta freudiana; 3) a finalidade (*ziel*), relacionada à necessidade de "satisfação" imediata, que só pode ser conseguida por meio de uma "descarga" motora ou pela eliminação do estímulo procedente em sua origem; 4) o objeto (*objekt*), que para Freud se constitui na relação pela qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade; 5) o investimento pulsional (*bezetzung*), componente não essencial que significava originalmente ocupação, sendo utilizado por autores atuais e traduzido para o inglês como cathexis e para o português como *catéxis* ou catexia. Considerando que o próprio corpo pode servir ao mesmo tempo como "origem" e como "objeto" da finalidade pulsional, tal como Freud concebeu em seus estudos sobre o narcisismo, é útil ressaltar dois aspectos importantes da pulsão: 1) um mesmo "objeto", parcial ou total, pode servir ao mesmo tempo a várias pulsões; 2) a noção de "objeto" não deve se restringir à presença de algo ou alguém que está alheio ao indivíduo.

Exemplificando

Considerando que o uso da "boca" pode servir tanto para a satisfação das necessidades alimentares como também para atividades prazerosas, não relacionadas diretamente à necessidade alimentar, Freud conceituou o autoerotismo como o instinto que não é dirigido para outras pessoas, mas encontra satisfação no corpo do próprio indivíduo: os lábios da criança comportam-se como uma zona erógena e o estímulo do morno fluxo do leite é a causa da sensação de prazer. No início, quando a finalidade da pulsão visa saciar a fome e o objeto para o qual a pulsão está dirigida é o

leite, a atividade sexual liga-se às funções que atendem à autopreservação (nutrição) e não se torna independente dela, senão mais tarde, quando, em um segundo momento, a fome do bebê já está saciada e ele demora sugando o seio materno, indicando a origem da pulsão como proveniente de um desejo libidinal-sexual, em que a força dessa pulsão sexual seria ditada pela intensidade da erotização e do desejo de gratificá-la, a finalidade seria a primeira manifestação do instinto sexual necessário para a preservação da espécie e o objeto-alvo seria o seio da mãe, já devidamente erotizado.

Abordando o ponto de vista da economia psíquica, a pulsão, enquanto representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo e que chegam ao psiquismo, é postulada por Freud como um elemento quantitativo que explica o funcionamento do aparelho psíquico a partir de modelos científicos oriundos da física mecanicista de sua época, isto é, os processos mentais consistiriam na circulação e repartição de uma energia pulsional (catéxis), de grandeza variável, e que sofre a ação de uma contracatéxis. A crítica feita contra o ponto de vista econômico surgiu devido às concepções, emergidas no final do século XIX, que se baseavam na física, nos princípios e leis da hidráulica e na descoberta da eletricidade e do neurônio, que levaram Freud a estabelecer uma concepção de energia que, de modo similar à energia elétrica que percorre fios, percorreria as vias nervosas neuronais, na esperança de que, no futuro, a energia psíquica pudesse ser quantificada.

Freud propôs a pulsão como um limite entre o somático e o psíquico (FREUD, 2013), que serviria, a partir de necessidades vitais interiores, como fonte de excitação, estimulando o organismo a executar a descarga da excitação em determinado alvo. Em tal contexto, a natureza dessa força energética só poderia ser conhecida por meio de representantes psíquicos e, assim, com as respectivas sensações das experiências emocionais primitivas, transformaria o somático em psíquico, possibilitando ao indivíduo construir seu mundo interno de representações. Considerando os quatro componentes da pulsão (isto é, a origem a partir das excitações corporais, ditadas pelas necessidades de sobrevivência; a força, determinada como aspecto quantitativo da energia pulsional; a finalidade, tida como a descarga da excitação para conseguir o retorno a um estado de equilíbrio psíquico; e o objeto, bastante variável e mutável, mas, no mínimo, capaz de satisfazer e apaziguar o estado de tensão interna oriunda das excitações do corpo), pode-se depreender "o deslocamento da pulsão de uma zona corporal para outra, o intercâmbio entre as [distintas] pulsões, a compulsão à repetição e as transformações das pulsões" (ZIMERMAN, 2001, p. 334). Dessa forma, o conceito de investimento pulsional (catéxis) aludiria ao fato de que certa quantidade de energia psíquica estaria ligada tanto a um objeto externo como a seu representante interno, em uma tentativa de reencontrar as experiências de satisfação correlacionadas, confirmando a preposição de Zimerman (2001).

Freud, desde o início, associou pulsão à sexualidade, tornando-a o centro das descobertas da psicanálise. Além disso, ele sempre considerou a existência de uma dualidade pulsional: em sua primeira formulação do conceito dualista das pulsões, Freud distinguiu as pulsões do ego (ou de autoconservação) das pulsões sexuais (ou de preservação da espécie). Inicialmente, as pulsões sexuais seriam dissociadas às pulsões de autoconservação, mas se tornariam independentes em um segundo momento ao se destinarem a satisfazer os desejos libidinais. Considerando que o prazer corporal não estaria relacionado à satisfação direta das pulsões do ego, tais como a satisfação da fome, da sede e das necessidades excretórias, Freud postulou sua origem em pulsões sexuais ou eróticas, as quais, como toda pulsão, se situariam no limite somatopsíquico. Freud denominou a parte psíquica dessa pulsão de libido (que, em latim, significa desejo), a qual, em termos genéricos, se refere a todas as pulsões responsáveis pelo que é compreendido sob o nome de amor. Além disso, a teoria da libido era considerada originariamente como um conceito anatômico, isto é, estava relacionada aos órgãos produtores de libido, denominados zonas erógenas, como os lábios, a boca, a pele, o movimento muscular, a mucosa anal, o pênis ou o clitóris, sendo que, em cada idade específica, predominaria a hegemonia de uma determinada zona erógena.

Pesquise mais

O conceito de libido é muito importante para a psicanálise e vale a pena ser conhecido mais a fundo. Justamente por sua importância, é um conceito que pode ser facilmente encontrado em dicionários específicos, como os seguintes:

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 892 p.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 459 p.

Entretanto, Freud percebeu que a teoria geral das pulsões não conseguia explicar todos os quadros da psicopatologia clínica. A primeira dificuldade encontrada por ele foi distinguir as pulsões do ego das pulsões sexuais, pois, ao considerá-las opostas entre si, surgiu a evidência de que o indivíduo podia extrair um prazer erótico por meio das zonas erógenas do seu próprio corpo, sem a necessidade obrigatória de objetos externos, o que foi denominado de autoerotismo. Freud chamou de narcisismo o processo pelo qual o indivíduo funcionava como o único objeto de seus próprios desejos. Assim, ele reconheceu que as pulsões, que se referiam tanto ao ego quanto aos objetos externos, não tinham natureza diferente e, em consequência, não havia mais sentido na distinção entre pulsões do ego e pulsões sexuais, unificando-as com

o nome de pulsão de vida. Contudo, manteve a concepção de dualidade pulsional, introduzindo a noção da existência de uma pulsão inata de morte (FREUD, 1996). Essa concepção dualista se conservou de forma definitiva no resto de sua obra, sendo ressaltada a oposição entre pulsões de vida (relacionadas à mitologia de Eros) e pulsões de morte (relacionadas à mitologia de Tanatos), ainda que, em algum grau, elas coexistissem fundidas entre si.

Freud concluiu também que o ego tem uma energia própria, independente da sexualidade, e que, antes e acima de tudo, o ego é corporal. Assim, as pulsões de vida passaram a abranger as "pulsões sexuais" e as de "autopreservação", de modo que a libido passou a ser conceituada como energia, não mais da pulsão sexual, mas da pulsão de vida. A concepção de que nem todas as manifestações da pulsão de vida são necessariamente de natureza sexual teve grande importância na prática da clínica psicanalítica, pois indicou que elas são primariamente componentes da libido do ego, voltadas sobretudo para a preservação do próprio indivíduo. Já o conceito de pulsão de morte designava a finalidade de redução da carga de tensão orgânica e psíquica, isto é, representa uma volta ao estado inorgânico, podendo permanecer dentro do indivíduo sob a forma de angústias ou como uma tendência para a autodestruição, assim como pulsões destrutivas, provenientes tanto do interior quanto de fora do sujeito.

Freud postulou o princípio da compulsão à repetição a partir da pulsão de morte, como um processo que designaria a tendência do psiquismo humano em repetir situações penosas e traumatizantes anteriores, tal como pode ser comprovado nos fenômenos da neurose de transferência, nas neuroses traumáticas, em muitos jogos infantis ou em certas formas patológicas, como nas melancolias. Em relação à interação entre as pulsões, merece ser destacado que as pulsões de vida e de morte coexistem fundidas, sendo que, muitas vezes, elas aparecem separadas e de formas completamente distintas, mas suas finalidades podem ser confundidas. Além disso, nos indivíduos normais e nos neuróticos, predomina a pulsão de vida, enquanto nas psicoses e em condições correlatas, predomina a pulsão de morte.

Retomando o conceito de zonas erógenas, isto é, das zonas corporais constituídas principalmente por orifícios, como a boca, o ânus e os mamilos, Freud postulou que estas poderiam se tornar o local preferencial para a fixação da libido, não só pelas gratificações privilegiadas por essas áreas corporais, como também pelo papel desempenhado por elas na comunicação com o exterior. Posteriormente, ele complementou que seria mais correto afirmar que o corpo, como um todo, é que seria uma zona erógena. Em tal concepção, os órgãos produtores de libido, denominados de zonas erógenas, como os lábios, a boca, a pele, o movimento muscular, a mucosa anal, o pênis e o clitóris, apresentariam a hegemonia de determinada zona erógena em cada idade específica, e a pulsão sexual, ou fragmentos de pulsões parciais e de satisfação localizada, tenderia progressivamente a se unificar em uma mesma organização libidinal, sob o primado da genitalidade. Contudo, no caso das pulsões

parciais não se integrarem na genitalidade adulta e persistirem como pontos de fixação e de regressão, propiciariam a formação de perversões, como escopofilia, exibicionismo, certas formas de homossexualismo etc.

Foi a partir da fixação da libido nas zonas erógenas que Freud descreveu a evolução psicossexual em termos das pulsões ligadas à sexualidade, isto é, em termos de fases (ou etapas, estágios, períodos) do desenvolvimento libidinal, as quais deveriam seguir o desenvolvimento biológico. Durante muitas décadas, a concepção de fases foi a única vigente e seu emprego extrapolou o campo restrito da psicanálise, sendo absorvida por diversos setores culturais, nos quais ainda permanece com sua conceituação original. Contudo, é preciso reconhecer que as etapas evolutivas na formação da personalidade não são estanques nem progridem de forma linear; pelo contrário, elas se transformam, se sobrepõem e interagem permanentemente entre si, pois os diferentes momentos evolutivos deixam impressos pontos de fixação, formados a partir de uma exagerada gratificação ou frustração de determinada zona erógena, sob os quais qualquer sujeito pode, eventualmente, fazer um movimento de regressão.

No caso da gratificação, o sujeito, diante de angústias insuportáveis, tenta regredir para um tempo e um espaço quelhe foram protetores e gratificantes; e, no caso da frustração, determinada pelo ponto de fixação, a regressão se dá como uma tentativa de resgatar problemas existenciais. Assim, tal como um eletroímã que atrai o ferro, os pontos de fixação funcionam como um polo imantado e atraem para si a representação de novas repressões de fantasias e de experiências emocionais, oriundas de afetos primitivos que sofreram sucessivas "transformações" psíquicas e ficaram presentes ou representados no inconsciente.

Reflita

Em sua opinião, qual é a importância de estruturar o desenvolvimento em fases? Que outras possibilidades poderiam existir e como afetariam a personalidade?

A primeira etapa da organização da libido, que em geral ocorre no primeiro ano de vida, foi denominada de fase oral (do latim "os-oris", daí "oral"), na qual a boca constitui-se como a zona erógena que experimenta a libido oral e suas gratificações, por exemplo, no ato da amamentação. A libido oral, além de ter como finalidade a gratificação pulsional, também visa à incorporação, a qual, por sua vez, está a serviço da identificação. Embora a boca não seja o único órgão importante dessa fase evolutiva, se constitui como um modelo de incorporação e de expulsão, como um protótipo de funcionamento arcaico que atua intermediando o mundo interno e o mundo externo. Mas outras zonas corporais também cumprem a mesma função, como os órgãos da fonação e da linguagem; a pele, que além das aludidas sensações

profundas, propicia as funções de tato e aproximação (pele a pele) com a mãe; e todos os órgãos sensoriais – olfato, paladar, tato, audição e visão. Convém destacar que, nesse momento, o bebê ainda não tem condições de distinguir a origem dos diferentes estímulos e não consegue diferenciar seu conteúdo, resultando que tudo aquilo que ele toca tem o significado de alimento que ele precisa incorporar. É útil acrescentar que, ao longo da obra de Freud, apareceram teorizações fundamentais (clássicas) no curso da fase oral, como a valorização do corpo, a identificação primária com a mãe, a concepção de uma bissexualidade como uma qualidade primordial da herança biológica, a vigência do princípio do prazer-desprazer, o predomínio do processo primário do pensamento, a primitiva formação das representações-coisa, as incipientes formas de linguagem e comunicação etc.

De modo semelhante à fase oral, que não se refere exclusivamente à importância da boca, a fase anal, que ocorre no segundo e terceiro ano de vida, não se refere exclusivamente à libidinização das mucosas excretórias (encarregadas da evacuação e micção) e suas respectivas fantasias, como o valor simbólico das fezes e urina, a agressão contra os pais ou como forma de presenteá-los, o controle da onipotência, gratificação, vergonha, culpa, humilhação ou crescente autoestima, sensação de que é uma "obra" sua etc. Geralmente, é nessa fase que ocorrem transformações e inclusões de importantes funções, como a aquisição da linguagem, o engatinhar e andar, a curiosidade e exploração do mundo exterior, o progressivo aprendizado do controle esfincteriano, o controle da motricidade e o prazer com a atividade muscular, os ensaios de individuação e separação, o desenvolvimento da linguagem e da comunicação verbal com a simbolização da palavra, os brinquedos e brincadeiras, a aquisição da condição de dizer "não" etc. É na fase anal que a criança desenvolve sentimentos sádicos e masoquistas, bem como a ambivalência, as noções de poder e de propriedade privada e a rivalidade e a competição com os demais. Há também o surgimento das dicotomias, as diferenciações e as classificações qualitativas, como grande e pequeno, bonito e feio, dentro e fora, ativo e passivo, bom e mau, masculino e feminino etc.

A fase fálica, terceira etapa pré-genital do desenvolvimento psicossexual que ocorre entre os três e seis anos, também é descrita na literatura psicanalítica como fase edípica. A expressão fálica origina-se no conceito original de Freud de que, até certa idade, as crianças de ambos sexos supõem a existência de genitais masculinos em todas as pessoas, enquanto a expressão edípica alude ao fato de que os desejos erógenos nos meninos e nas meninas se incrementam com as mais diversas fantasias e, normalmente, se dirigem aos pais do sexo oposto, no triângulo edípico. Ocorrem também, enquanto manifestações normais para a idade, a descoberta da masturbação; a curiosidade sexual; o desenvolvimento de fantasias de concepção, como teorias da sedução, da cena primária, do incesto e do complexo de castração; além da estruturação do complexo de Édipo, que será estudado mais detalhadamente na próxima seção.

Aos seis anos de idade a criança entra na quarta fase, na qual permanece até os doze anos. Chamada de período de latência, essa fase apresenta duas características principais: 1) repressão da sexualidade infantil, com amnésia relativa das experiências anteriores; e 2) reforço das aquisições do ego. A combinação de ambas propicia a sublimação das pulsões, comumente na escolarização e em atividades esportivas, assim como na formação de aspirações morais, estéticas e sociais, de modo que esse é o período que consolida a formação do caráter.

A quinta e última fase é a genital, que ocorre desde a puberdade, passa pela adolescência e acompanha toda a vida adulta, podendo ser dividida em níveis de maturação: 1) pré-adolescência, no período dos 12 aos 14 anos; 2) adolescência propriamente dita, dos 15 aos 17 anos; e 3) adolescência tardia, dos 18 aos 21 anos. É nessa fase que ocorrem transformações tanto na anatomia e fisiologia corporal como de natureza psicológica, marcadas pela busca da identidade individual, grupal e social. O termo puberdade deriva de *púbis*, mais especificamente em relação aos pelos pubianos que começam a aparecer no menino e na menina com o início da maturação fisiológica do aparelho sexual. O termo adolescência, por sua vez, é etimologicamente composto pelos prefixos latinos "*ad*" (para a frente) e "*dolescere*" (crescer com dores), que dão a ideia de um período de transformações e, portanto, de crise. Essa fase é centrada nos órgãos genitais e a sexualidade se torna consensual entre adultos e não mais solitária como na infância. A diferença psicológica entre as fases fálica e genital é que o ego se estabelece na fase genital quando a pessoa muda de uma gratificação dirigida ao instinto primário para um processo secundário de pensamento voltado para a satisfação simbólica do desejo, mais organizado tanto social (por meio das amizades, relações amorosas e de família, além das responsabilidades enquanto adulto) quanto simbólica e intelectualmente.

Sem medo de errar

Vista e compreendida a parte teórica, é hora de pôr os conhecimentos adquiridos em prática. Imagine como pode ter ocorrido o desenvolvimento psicossexual do Prof. Aristófanes e da Profa. Maria Helena segundo as características relatadas por João. Foram poucas as características apontadas para se constituir um caso clínico, mas a intenção é dar liberdade à imaginação para estabelecer possíveis reflexos que, de modo geral, podem ser encontrados em professores.

O importante não é "acertar" a resolução do problema, mas refletir e argumentar sobre as relações entre a teoria e a prática dos conceitos apresentados, sendo possível transpor informações provenientes de casos clínicos apresentados por Freud ou qualquer outro artigo científico já estudado ou pesquisado.

O objetivo é apresentar, da maneira mais clara possível, como as fases de desenvolvimento se organizam e se refletem na vida cotidiana dos sujeitos, levando

em consideração, principalmente, os pontos de fixação da libido que podem propiciar pontos de apoio inconsciente para a regressão a determinadas fases. Portanto, apesar das características comuns da mesma profissão, tente apontar as semelhanças e criar justificativas diferenciadas para cada professor.

Enfim, esperamos que o modo de ser do Prof. Aristófanes e da Profa. Maria Helena ajude tanto João como você a compreender a evolução do desenvolvimento psicossexual, ponto fundamental da teoria psicanalítica.

Avançando na prática

Características psicanalíticas associadas às profissões

Descrição da situação-problema

Assim como foram criadas estórias sobre o desenvolvimento psicossexual do Prof. Aristófanes e da Profa. Maria Helena, as quais deveriam representar as influências das fases propostas por Freud no cotidiano profissional dos professores, escolha outra profissão de seu interesse e proponha possíveis interpretações também baseadas no desenvolvimento psicossexual e nos reflexos no cotidiano de dois outros personagens quaisquer, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

Resolução da situação-Problema

Utilize, como anteriormente, informações, provenientes de casos clínicos apresentados por Freud ou qualquer outro artigo científico já estudado ou pesquisado, que se adequem à caracterização da profissão escolhida.

Faça valer a pena

1. Freud, desde o início, associou pulsão à sexualidade, tornando-a o centro das descobertas da psicanálise. Em sua primeira formulação do conceito das pulsões, Freud distinguiu duas pulsões que formaram a teoria geral das pulsões.

Quais foram as pulsões apresentadas por Freud em sua primeira proposta?

a) Pulsão de autoconservação (do ego) e pulsão de preservação da espécie (sexual).

b) Pulsão de autoconservação (do ego) e pulsão de morte (Tanatos).

c) Pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tanatos).

d) Pulsão de vida (Eros) e pulsão de preservação da espécie (sexual).

e) Pulsão da realidade e pulsão do Nirvana.

2. Freud percebeu que sua primeira teoria geral das pulsões não conseguia explicar todos os quadros da psicopatologia clínica e, por isso, teve de reformulá-la. Contudo, conservou a concepção da dualidade pulsional, tornando a dualidade definitiva em sua obra.

Quais foram as pulsões apresentadas por Freud em sua segunda proposta?

a) Pulsão de autoconservação (do ego) e pulsão de preservação da espécie (sexual).

b) Pulsão de autoconservação (do ego) e pulsão de morte (Tanatos).

c) Pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tanatos).

d) Pulsão de vida (Eros) e pulsão de preservação da espécie (sexual).

e) Pulsão da realidade e pulsão do Nirvana.

3. Freud propôs cinco fases para o desenvolvimento psicossexual, as quais, apesar de poderem variar de indivíduo a indivíduo, possibilitam organizar componentes que se desenvolvem de maneira semelhante entre determinados grupos, geralmente classificados por faixas etárias.

Indique a alternativa que apresenta as fases na sequência de evolução correta para um desenvolvimento considerado normal:

a) Anal, fálica, genital, oral, de latência.

b) Fálica, de latência, oral, anal, genital.

c) De latência, oral, anal, genital, fálica.

d) Oral, anal, fálica, de latência, genital

e) Genital, oral, de latência, fálica, anal.

Seção 3.2

Estruturação e funções do complexo de Édipo

Diálogo aberto

Esta seção abordará principalmente o complexo de Édipo, conceito teórico que perpassa várias obras de Freud e serviu para organizar o campo de conhecimento e técnicas da psicanálise, formando o cerne de como ela é conhecida atualmente (KATZ, 2014). Retomando o conceito de pulsões, visto na seção anterior, o complexo de Édipo, segundo Freud, produz uma ruptura com a onipotência das pulsões, que são sempre expansivas, e o referido complexo trata de delimitá-las. Freud sempre se interessou pela cultura em geral e, como visto na seção anterior, relacionou a pulsão de vida a Eros e a pulsão de morte a Tanatos, entidades da mitologia grega. O uso de mitologias foi justificado porque, como explicado em carta para Wilhelm Fliess (1858-1928), amigo e colaborador de Freud, a lenda grega captaria uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um acaba por reconhecer a existência das lendas em si mesmo (MOUSSAIEFF, 1986).

Por "coincidência", João teve a oportunidade de assistir no teatro de sua cidade à peça Édipo Rei, da qual Freud derivou suas reflexões. Diante da importância do complexo de Édipo para a psicanálise, faça uma análise da peça, relacionando-a aos aspectos da proposta teórica de Freud sobre o complexo de Édipo que você julgar mais importantes e identificando como a teoria refletiu a mitologia. O roteiro da peça pode ser encontrado no livro *O melhor do teatro grego* (ÉSQUILO et al., 2013), disponível na biblioteca virtual. Caso você prefira analogias ao original, o filme *Édipo Rei* pode ser uma boa opção (PASOLINI, 1967).

Procure identificar características das personagens principais que possam ser relacionadas com a teoria freudiana, não deixando de apontar a função do destino, o desejo pela mãe, a rivalidade com o pai, as barreiras do incesto, o surgimento do superego e todos os pontos que julgar pertinentes e importantes para a compreensão do complexo.

Não pode faltar

Complexo de Édipo é uma expressão formulada por Freud que associa o significado de complexo, segundo a visão psiquiátrica de sua época, à lenda grega de Édipo Rei, baseada principalmente na obra de Sófocles. Segundo a teoria psicanalítica, é o conceito que funda, acolhe e revela a especificidade dos seres humanos e suas relações inter e intrapessoais mais importantes. É justamente essa especificidade que caracteriza os seres humanos em sua subjetivação, enquanto processo de tornar-se sujeito, ou seja, no modo como cada ser humano produz sua compreensão do mundo ao incorporar em seu interior o mundo sensível, utilizando-se de uma linguagem comum que torna possível a interação entre os indivíduos e sua relação com o mundo externo e social. A subjetivação é o resultado tanto de marcas singulares originadas na formação do indivíduo quanto da construção de crenças e valores compartilhados na dimensão sociocultural. Segundo vários pensadores (e não apenas para Freud), a emergência do indivíduo é marcada pela cultura, a qual se origina a partir de regras de parentesco. Portanto, o indivíduo já nasce influenciado por relações sociais, sendo que tais relações são a principal forma de produzir a cultura, pois todo indivíduo pertence a um sistema de parentesco que, antes mesmo de seu nascimento, marca sua posição social.

Considerando o surgimento do complexo de Édipo, veremos, para sua compreensão aprofundada, primeiro o conceito de complexo, como compreendido por Freud. Em seguida, passaremos à lenda de Édipo, a qual Freud usou como modelo para refletir sobre a subjetivação e as relações psicossociais, e finalizaremos com a apresentação da proposta teórica do complexo de Édipo em psicanálise e suas consequências no desenvolvimento humano.

Pesquise mais

O complexo de Édipo é um tema importante e popular em psicanálise, sendo possível encontrar vários livros sobre o assunto, como *Édipo – O complexo do qual nenhuma criança escapa* (NASIO, 2007); *Édipo* (COSTA, 2010) ou *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise* (QUINET, 2015), disponíveis na biblioteca virtual.

Complexo vem do latim *complexus*, particípio do verbo *complecti*, que significa abraçar, abarcar. O primeiro psiquiatra a usar a palavra complexo em relação a síndromes foi Karl Ludwig Kahlbaum (1828-1899): em alemão, *Symptomenkomplexe*; em grego, *syndromé*, que pode ser traduzida por concurso ou reunião. O termo indica que é preciso examinar a reunião das causas e efeitos, as síndromes, e não apenas os termos isolados. Foi nesse contexto que Freud aprendeu com Charcot que o complexo, anterior à manifestação dos sintomas, constitui uma convergência de elementos de forma regular e se organiza com regras e leis próprias. Freud,

influenciado pela filosofia empirista inglesa, usual na psiquiatria da época, teorizou sobre as leis e regras envolvidas na origem dos complexos tomando por base os princípios de causa e efeito, de contiguidade, de proximidade, de similitude e de seu oposto, o contraste. Concluiu que o complexo teria uma lei inconsciente própria, com representações relacionadas entre si, as quais não seriam mantidas pela vontade de quem as sente, mas pela coerência interna que possibilita ao complexo se organizar.

Segundo Freud, justamente pela imposição da coerência, o sintoma não seria resultado do momento presente nem estaria ao alcance consciente de quem sofre seus efeitos, mas, ao contrário, obrigaria os sujeitos a experimentarem seus efeitos, independentemente de suas vontades e consciência, ou seja, o complexo não é consciente e suas representações se relacionam entre si sem serem determinadas por vontade ou lógica consciente. Foi pela lenda de Édipo, ao considerar a impossibilidade, ou mesmo a inacessibilidade, de uma relação direta entre a experiência imediata e o processo de subjetivação, que Freud percebeu que poderiam existir vários regimes de memórias envolvidas, usando-as em suas teorias.

Assimile

O complexo de Édipo foi o modo psicanalítico de entender os sintomas que teriam origem na substituição inadequada de uma representação por outra, substituição que deve ser feita para manter a coerência do complexo e, assim, elaborar representações inconscientes a partir de eventos particulares, pois, se o sintoma não surgisse, o complexo colapsaria. Desse modo, o complexo torna-se capaz de explicitar eventos conscientes e organizá-los fora da experiência mediata e sensível, possibilitando encarar o complexo de Édipo como um grande sintoma, o maior no processo de elaboração da subjetividade.

Diante da importância do complexo de Édipo na elaboração da teoria psicanalítica, é importante conhecer em detalhes a lenda de Édipo e das várias figuras que interagem na construção conceitual proposta por Freud. Desde o início, há uma predestinação para Édipo (cujo nome em grego – *Oidipous* – pode ser traduzido por *manco*, *coxo* ou *pé inchado*), da qual ele não pode escapar: seu pai, Laio (cujo nome pode ser traduzido do grego como *pé malfeito*), rei de Tebas, ao buscar orientações sobre seu reino, ouviu que seu filho iria matá-lo no Oráculo de Delfos, dedicado a Apolo (possivelmente o deus mais influente e venerado na Antiguidade Clássica depois de Zeus, pai de Apolo e rei dos homens e dos deuses. Apolo era identificado com o sol e a luz da verdade, símbolo da inspiração profética e artística e líder das Musas. Era também o deus da morte súbita, das pragas e das doenças, assim como da cura e da proteção contra forças malignas, da beleza, da perfeição, da harmonia, do equilíbrio e da razão. Era iniciador dos jovens no mundo adulto e, por estar ligado à natureza, protetor dos pastores,

marinheiros e arqueiros, além de ser o regente das leis da religião e das constituições das cidades, atuando como agente de purificação ao fazer os homens conscientes de seus pecados. Seu templo era o oráculo mais famoso da Antiguidade e ficava na região central da Grécia, considerada o umbigo do mundo, cuja ruínas são visitadas até hoje como patrimônio mundial da humanidade).

Reflita

Seria coincidência a identificação entre os nomes de Édipo e de Laio e o problema orgânico nos pés que dificulta o andar, principalmente em sentido simbólico, como ir adiante? Quais seriam as motivações e implicações sociais em relação ao Oráculo de Delfos e às características e atribuições do deus Apolo?

Como rei, Laio não podia deixar de considerar a profecia, pois, para exercer seu poder, precisava de reconhecimento social, muitas vezes baseando-se na vontade explicitada pelos deuses através de seus oráculos, os quais eram capazes de prever destinos, além de serem considerados como reveladores da voz do Um, aquele que falava diretamente a Verdade. Diante da profecia, Laio não desejava ter um filho, mas Jocasta, sua mulher e rainha, queria e, durante uma embriaguez de Laio, aproveitou para engravidar.

Após o nascimento de seu filho, Laio mandou furar o pé do bebê e ordenou a um escravo que o abandonasse no monte Citerão. Contudo, o escravo se apiedou e o escondeu em uma caverna, preso pela perna. Um pastor encontrou o bebê e o levou aos reis de Corinto, Políbo e Mérope. Por não terem filhos, eles o adotaram, dando-lhe o nome de Édipo, denominação que incorporava seu defeito físico. Na adolescência, durante um banquete na corte de Corinto, Dionísio, também filho de Zeus e deus dos ciclos de vida, das festas, do vinho, da insânia, do teatro, dos ritos religiosos e, sobretudo, da intoxicação que funde o bebedor com a deidade, revelou aos presentes que Édipo não era filho legítimo de Políbo e Mérope.

Reflita

Seria coincidência a embriaguez que possibilitou a gravidez e o aviso do deus Dionísio? Qual seria a relação entre a predestinação e o livre-arbítrio, principalmente considerando a interferência dos deuses na vida cotidiana dos homens? Quais seriam os reflexos dessa relação para a teorização de Freud?

Édipo, seguindo o costume da época, principalmente para as classes privilegiadas, foi consultar o oráculo de Delfos, que predisse que ele iria matar seu pai e esposar

sua mãe. Horrorizado e provavelmente recalcando o aviso de Dionísio, que disse que Políbo não era seu pai verdadeiro nem Mérope sua mãe, Édipo fugiu de Corinto. Em uma encruzilhada (uma das vias que a compunham vinha de Tebas), sua carruagem foi bloqueada por outra, na qual estavam Laio e cinco servos. Numa disputa por primazia de importância, eles entraram em combate. Laio golpeou Édipo, que revidou e matou tanto o adversário como quatro de seus servos – o quinto fugiu.

Sem rumo predeterminado, Édipo se dirigiu a Tebas, a qual estava sob ameaça da Esfinge, um monstro metade leão e metade mulher, que, para deixar a cidade, exigia a resolução de dois enigmas, um simples e outro complexo, jogando em um precipício quem tentava e não conseguia decifrá-los. Como a cidade estava sem governante, o vencedor, além de salvá-la do monstro, também receberia como prêmio a mão da rainha viúva Jocasta e poderia se casar com ela, tornando-se o novo rei de Tebas.

Édipo aceitou o desafio e enfrentou a Esfinge. O primeiro enigma, o mais simples, se referia ao Dois, à continuidade. A Esfinge perguntou quem eram as duas irmãs que geravam uma à outra, e Édipo respondeu que eram o dia e a noite (*heméra* e *nùx*, respectivamente; em grego, ambas são palavras femininas), acertando assim a primeira questão. A segunda, mais complexa, se referia ao Um e suas transformações e descontinuidades. A Esfinge questionou qual era o animal que, sendo falante, andava de manhã com quatro pés, com dois ao meio-dia e à tarde com três. Édipo respondeu que era o homem, que engatinhava quando criança, andava ereto na maturidade e se apoiava em um cajado quando velho. A Esfinge admitiu as respostas como certas e se jogou no precipício. Assim, Édipo se tornou o herói e rei de Tebas, casando-se com a rainha viúva, sem saber que ela era sua mãe.

Segundo a lenda, Édipo se tornou um rei sábio e justo, mas uma peste de origem indeterminada se abateu sobre a cidade: bebês nasciam com deformações, crianças adoeciam de males desconhecidos, animais não se reproduziam, colheitas eram perdidas e a população ficou esfomeada e triste. Então, Édipo ordenou a Creonte, irmão de Jocasta que administrara Tebas no período entre a morte de Laio e sua posse no governo, que fosse ao oráculo de Delfos para saber como eliminar a peste. A resposta foi que a peste só seria abolida quando o assassino de Laio fosse descoberto e se fizesse justiça à morte do antigo rei.

Édipo, sem associar a morte de Laio com a disputa que teve na encruzilhada, amaldiçoou o criminoso que teria trazido a peste a Tebas e dirigiu-se ao adivinho cego Tirésias, que, inicialmente, se recusou a dizer o que sabia para Édipo. Contudo, diante de muita insistência, Tirésias revelou-lhe que era ele quem tinha assassinado o rei, seu pai, e havia se casado com a mãe, trazendo a peste para a cidade. Desconfiando que o adivinho estivesse aliado a Creonte para tirar-lhe o poder, Édipo questionou Jocasta sobre a morte de Laio, que recordou o episódio ocorrido na encruzilhada, e mandou buscar o servo que tinha fugido naquele momento. Por coincidência do destino, o

servo era o mesmo que levou Édipo para o monte Citerão, o qual o reconheceu. Além disso, descobriu-se que Políbo, suposto pai de Édipo, tinha morrido de morte natural, cumprindo-se o destino.

Após a revelação, Jocasta se enforcou e Édipo, desesperado, se cegou com dois broches pontiagudos pertencentes à sua verdadeira mãe e decidiu se tornar novamente, andarilho. Entretanto, seguindo a sugestão de Creonte, permaneceu mais um tempo na cidade e testemunhou a disputa de seus filhos pelo poder, amaldiçoando-os. Quando deixou a cidade, foi acompanhado pela filha que teve com Jocasta, Antígona, que o acompanhou até a morte, nos bosques de Colono, os quais se tornaram sagrados ao acolhê-lo.

Reflita

Qual metáfora poderia ser relacionada ao enforcamento de Jocasta e à cegueira de Édipo, considerando as regras sociais? Como as intervenções de Creonte podem ser vistas politicamente, relacionando-as com o momento atual? Édipo poderia ter um fim diferente? Se sim, como afetaria a teoria freudiana?

Freud recorreu à lenda porque percebeu uma relação universal em torno dos mecanismos do funcionamento mental, na qual a presença do mito exerce uma função real, atuante e atual no inconsciente. Segundo Katz (2014, p. 119), "o mito é um sistema de signos e de relações entre as relações, não mera expressão de afetos ou representações isoladas". A emergência do complexo de Édipo sugere uma pré-condição que se baseia na existência do mito no inconsciente, constituindo-se como uma variante que serve de estrutura para o psiquismo. Assim, por ser uma estrutura inconsciente, enuncia o desenvolvimento do complexo nuclear no ser humano, servindo para pensar a questão de seus modos de subjetivação.

Segundo Freud, as interpretações possíveis do mito são infinitas e múltiplas, enquanto o saber da psicanálise é intempestivo e transdiscursivo, possibilitando ir além das épocas e das marcações culturais. Ainda que os "tipos psicopatológicos" se modifiquem, e eles sempre se transformam, o instrumental psicanalítico é constante e regular, independentemente da época de sua enunciação, pois os modos de o sujeito se produzir são originados a partir do momento em que os indivíduos se colocam sob um sistema que os organiza, estabelecendo fronteiras em suas relações subjetivas, por exemplo, pela demarcação de que não se pode ter relações sexuais explícitas em família.

Exemplificando

A identificação que ocorre no complexo edípico pode ser considerada a expressão mais remota do laço emocional com outra pessoa, no qual o menino mostra interesse pelo pai, querendo crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar.

O complexo de Édipo envolve investimentos libidinais dos pais em relação à criança e investimentos eróticos e agressivos da criança em relação às figuras parentais, os quais, se persistentes, podem se tornar o centro das neuroses. Esse complexo não é apenas um "complexo nuclear" que gera neuroses, mas também é o ponto decisivo do processo de produção da sexuação. Trata-se do momento na fase fálica, marcado pelo desejo libidinoso em relação aos pais, em que a criança se depara com a diferenciação da anatomia sexual, e revela a busca pelas primeiras tentativas de explicar movimentos do inconsciente. Portanto, será a partir de Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar seu "vir a ser", sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos.

Desde seus primeiros escritos, Freud afirma que os indivíduos se constituem da libido, uma pulsão única, de ordem sexual, que se manifesta de modo contínuo. A libido é o modo de buscar experiências psíquicas satisfatórias e agradáveis que tenham a capacidade de se unir entre si. Porém, o prazer não é equivalente a gostoso ou agradável, mas diz respeito à sensação que alcança a expansão das percepções sexuais dos indivíduos, ou seja, é uma expansão que cresce para fora do sujeito, não tem regras únicas e nem sempre obedece à conservação da vida, criando o paradoxo fundamental e constitutivo da obra freudiana. Desse ponto de vista, as experiências de satisfação oferecem e obrigam os indivíduos à repetição, para conseguir mais e maior satisfação, revelando a emergência do desejo, que sempre envolve o corpo. A busca de prazer se organiza de acordo com fases ligadas ao corpo, ainda que as experiências de prazer não remetam a órgãos específicos de busca de prazer, pois este não tem um órgão específico para sua realização.

A libido, além de pulsão, é também um afeto, sempre em busca de prazer e da evitação do desprazer, por meio de experiências psíquicas diferenciadas e sexuais, com objetos adequados que, por constituírem um complexo, tomam a forma de representações. Apesar da busca do prazer ser sexualizada, o prazer não se reduz a atos sexuais, nem se trata de eventos que a linguagem e a experiência comum entendem como sexuais, prazerosos ou agradáveis. Contudo, a realização do prazer pode ter consequências psíquicas desagradáveis e, quando uma ideia ou representação penosa aparece, é recalcada formando o cerne do inconsciente enquanto sistema.

O complexo, enquanto sistema psíquico, para se manter coerente, se estrutura por meio de representações que tenham ligações entre si, além do fato de que cada representação deve se ligar a um afeto adequado. São sob as representações verbais

que as pulsões acessam o inconsciente e possibilitam a comunicação intersubjetiva. Entretanto, como em qualquer outro sintoma psíquico, a representação inadequada pode se ligar a um afeto pouco adequado, criando uma representação que permite que o paciente não enlouqueça, ou seja, a representação não consciente, ao se ligar a um afeto incompatível, é substituída por outra, que se compatibiliza provisoriamente com o sistema representacional.

Quando há quebra no sistema de representação, isto é, quando uma representação se liga a afetos incompatíveis ou que não dão satisfação, ela deve ser substituída por outra representação. É dessa maneira que o complexo de Édipo regula e delimita o fluxo da energia libidinal e, simultaneamente, normatiza a obtenção de prazer, propiciando que surjam a família e a ordem familiar, mas também a cultura e as relações sociais, em que aquilo a que se associará estará sempre delineado pelo complexo.

No plano afetivo, diante da vontade, que impõe relações adequadas entre a representação e seu afeto, e da contravontade, que impõe alguma representação, ainda que inadequada ou diferente da representação original, a representação substitutiva produz o mal-estar como sintoma. Um aspecto relevante apontado por Freud é que o sintoma não é uma doença nem um evento psicopatológico, mas a expressão da multiplicidade subjetiva, em que o "Eu" torna-se uma multiplicidade que varia de acordo com atividade e passividade, bem como por referência ao lugar que ocupa no sistema, já que a energia libidinal, o processo pulsional e os afetos se ligam permanentemente a representações, verdadeiras ou falsas, adequadas ou insuportáveis. Tais representações se entrelaçam com os afetos e, ainda que esperadas, nem sempre se realizam, pois o desejo é múltiplo. A manifestação mais expressiva e universal da vontade é a sexualidade, em sua busca permanente pelo prazer, mas a manifestação da vontade também se faz de maneira independente das representações, ignorando aquelas que estão ao alcance da vontade.

Quando Freud toma a lenda de Édipo como modelo e procura o psiquismo que lhe serve de base, ele escuta não apenas Édipo, mas também as falas de seus pais e dos profetas que o destinaram. Na lenda, a apreensão do conhecimento corresponde a uma ampliação da consciência e ao desenvolvimento da consciência moral, ou seja, à origem do superego, que substitui internamente a instituição dos deuses enquanto pais superpoderosos. A formação do complexo de Édipo é capaz de influir e até mesmo participar do desenvolvimento do processo de pensar, pois o processo de simbolização da mente humana estaria associado ao desejo pela mãe e à culpa de matar o pai, decorrendo daí o surgimento do superego, instância crítica e punitiva que segundo Freud é o verdadeiro e legítimo herdeiro do complexo de Édipo.

Deve-se considerar que os indivíduos estão sempre imersos em determinada cultura, seja na família, nos diferentes grupos, nas nações ou sob qualquer outra forma. Contudo, são constituídos inconscientemente e assujeitados aos sonhos, que independem das formações culturais, ainda que os sonhos necessitem da cultura e

obriguem a cultura a se constituir. É com a emergência do complexo de Édipo que as relações se tornam discurso, pois é o discurso edípico que funda as relações entre mãe, filho e pai como termos permutáveis. É o discurso que estabiliza as relações, mostrando suas várias possibilidades e dando-lhes não apenas valor, mas apontando direções universalizantes na medida em que distingue o permitido do proibido. Portanto, ainda que a tragédia tenha uma emergência datada, ela se apoia em um discurso cultural; e nenhum discurso pode se expressar inteiramente sobre sua própria discursividade, uma vez que, ainda que o discurso se dobre sobre si próprio, ele nunca conseguirá se exprimir totalmente, já que não nasce apenas de mecanismos figurativos, de conteúdos lendários, ou de histórias de valor universalizante, mas de uma convergência de vários fatores, que jamais é universal.

Finalizando, o complexo de Édipo é um grande sistema de inclusão e, simultaneamente, de contenção do que é humano; é o modo de produzir sujeitos, mas impõe um repensar permanente, uma vez que a constituição das subjetividades não é uma via única, pois os indivíduos não são discursos que se destinam a tornar-se edípicos, seguindo apenas um modelo de língua ou linguagem. Como apenas o que é da ordem da sexualidade existe no psiquismo, a sexualidade só pode existir delimitada pelo complexo, como apontado pelo próprio Édipo em suas memórias: "meus atos foram de fato muito mais sofridos que cometidos" (KATZ, 2014, p. 95). Vale recordar que sofrer em grego é *paskhein* e seu substantivo é pathos, sendo que este último remete ao patológico ressalta a diferença entre a psicanálise e a psiquiatria ou neurologia, em que o sofrimento psíquico não é o que se deve eliminar, mas transformar, transformando o sofrimento restritivo em sofrimento expansivo, pois a eliminação do sofrimento psíquico restritivo só se dá pela transformação dos sintomas, e não pelas tentativas inúteis de apagamento, o que, por definição psicanalítica, é impossível.

Sem medo de errar

O objetivo da situação-problema desta seção é compreender o complexo de Édipo através da lenda grega utilizada por Freud para teorizar sobre a subjetivação do ser humano. Para tanto, procure fazer uma análise de alguma produção cultural sobre a lenda de Édipo, que pode ser uma peça assistida em um teatro, o roteiro da peça realizada a partir do texto de Sófocles (ÉSQUILO et al., 2013), um filme (PASOLINI, 1967), ou qualquer outra referência que você escolher.

Logicamente, o personagem principal é Édipo, mas Freud considerou também as relações familiares (pais verdadeiros e adotivos), sociais (Creonte e os servos) e mesmo religiosas (deuses Apolo e Dionísio). Procure traçar um mapa conceitual em que cada personagem será um conceito e as relações afetivo-emocionais e sociais (de

parentesco) ligarão os personagens. Estabelecidas as relações entre os personagens, relacione-as com a teoria proposta por Freud, tentando indicar como suas ideias foram inovadoras para a época e como se relacionam com a atualidade. Um artigo que pode ajudar na relação com a atualidade é *Repensando o complexo de Édipo e a formação do superego na contemporaneidade* (ZANETTI; HÖFIG, 2016). A leitura desse artigo não é obrigatória, mas tente refletir sobre a adequação das propostas de Freud nos dias de hoje.

É importante que a análise contenha reflexões sobre o destino diante do livre-arbítrio do sujeito e sobre a importância das regras sociais na limitação dos desejos individuais, assim como o reconhecimento do momento em que o complexo aparece, quais são suas origens e como ele se estabelece enquanto processo interno em todo ser humano.

Bom trabalho! Esperamos que os deuses gregos, que tanto influenciaram a lenda de Édipo, iluminem sua compreensão.

Avançando na prática

O complexo de Édipo nos professores Aristófanes e Maria Helena

Descrição da situação-problema

Considerando a criação da proposta, para os professores Aristófanes e Maria Helena, sobre as fases de desenvolvimento apresentadas na seção anterior, amplie suas estórias ao focalizar como poderia ter ocorrido o complexo de Édipo para cada um deles. A imaginação é novamente o limite para extrapolar o conhecimento adquirido para situações que, segundo Freud, podem ser consideradas universais mesmo diante de cada individualidade.

Resolução da situação-problema

Os professores Aristófanes e Maria Helena são personagens imaginários que você conhece relativamente bem, pois deve ter criado uma proposta para cada um deles a respeito de como ocorreram seus desenvolvimentos psicossexuais.

Assim como as pulsões foram fundamentais na proposta da atividade da seção anterior, a libido também é fundamental para o desenrolar do Complexo de Édipo. Considerando que o complexo surge em determinada fase do desenvolvimento psicossexual, reelabore mais detalhadamente a referida fase de acordo com os conceitos estudados nesta seção.

É importante reconhecer e justificar, segundo a teoria, possíveis similaridades e diferenças entre os desenvolvimentos de cada personagem, preferencialmente ampliando suas características individuais em relação ao contexto social.

Mãos à obra e lembre-se de que, quanto mais detalhada for a elaboração que você realizar para cada estória, provavelmente mais fácil será a aplicação da teoria estudada e o trabalho se tornará mais significativo para você.

Faça valer a pena

1. Complexo de Édipo é uma expressão formulada por Freud, que associa o significado de complexo, segundo a visão psiquiátrica de sua época, à lenda grega de Édipo Rei, baseada principalmente na obra de Sófocles. Segundo a teoria psicanalítica, é o conceito que funda, acolhe e revela a especificidade dos seres humanos e suas relações inter e intrapessoais mais importantes.

Considerando a relação entre sintomas psicopatológicos e o complexo de Édipo, é correto afirmar que:

a) A cura dos sintomas configura o fundamento primordial da psicanálise.

b) A origem dos sintomas é a substituição inadequada de uma representação no inconsciente.

c) As substituições inadequadas introduzem incoerência no sistema e fazem o complexo colapsar.

d) O complexo atua no inconsciente e não consegue relacionar eventos particulares ao sintoma.

e) O complexo de Édipo indica como a cura dos sintomas promove a subjetividade individual.

2. Freud recorreu à lenda porque percebeu uma relação universal em torno dos mecanismos do funcionamento mental, na qual a presença do mito exerce uma função real, atuante e atual no inconsciente, pois "o mito é um sistema de signos e de relações entre as relações, não mera expressão de afetos ou representações isoladas" (KATZ, 2014, p. 119).

Considerando as possíveis relações entre o mito e a psicanálise, é correto afirmar que:

a) As interpretações são sempre intempestivas e transdiscursivas.

b) O saber da psicanálise é relativo, múltiplo e infinito.

c) A psicanálise é limitada à determinada época e a suas marcações culturais.

d) A subjetivação se coloca sob um sistema que a organiza e estabelece suas fronteiras.

e) As relações sexuais não fazem parte nem do mito nem do objeto de estudo da psicanálise.

3. Quando Freud toma a lenda de Édipo como modelo e procura o psiquismo que lhe serve de base, ele escuta não apenas Édipo, mas também as falas de seus pais e dos profetas que o destinaram. Na lenda, a apreensão do conhecimento corresponde a uma ampliação da consciência e ao desenvolvimento da consciência moral, ou seja, à origem do superego.

No que diz respeito às relações sociais presentes na formação do complexo de Édipo, é correto afirmar que:

a) A formação do complexo de Édipo não influi no processo do pensamento.

b) O processo de simbolização da mente humana está associado à necessidade de amar o pai.

c) O superego é uma instância crítica e punitiva, herdeira do complexo de Édipo.

d) O discurso edípico fundamenta as relações entre mãe, filho e pai em termos imutáveis.

e) O discurso desestabiliza as relações ao mostrar suas várias possibilidades.

Seção 3.3

A dissolução do complexo de Édipo

Diálogo aberto

Depois de estudar a tragédia grega de Édipo e seus desdobramentos na teoria psicanalítica, veremos as reflexões de Freud sobre a dissolução do complexo de Édipo. Foi no texto *A dissolução do complexo de Édipo* (FREUD, 1996) que o autor apontou, pela primeira vez, a diferença entre o complexo de Édipo em meninos e em meninas. Na situação-problema desta seção, continuaremos usando a imaginação para criar a estória dos professores Aristófanes e Maria Helena. Tomando por base o que já foi imaginado sobre eles a respeito das fases de desenvolvimento psicossexual e da estruturação do complexo de Édipo na fase fálica, bem como as reflexões de Freud, invente como eles passaram pela dissolução do complexo, apontando as relações entre a teoria, o processo de dissolução e as estórias anteriormente imaginadas.

O principal aspecto a ser considerado é a diferença de gênero em relação ao complexo de castração e como tal diferença afeta o desenvolvimento nas relações familiares, mesmo sobre a sexualidade. Não deixe de apresentar como se dão os conflitos internos, a repressão do complexo, o surgimento do superego e a entrada na fase de latência. Aproveite que eles são personagens imaginários e dê asas à imaginação para criar possíveis situações vividas e características atuais dos professores. Lembre-se de que, quanto mais detalhada for a estória, mais fácil será estabelecer as relações entre suas características atuais, o desenvolvimento de cada um e a teoria psicanalítica.

Não pode faltar

Freud fazia referência ao complexo de Édipo desde 1897 (COSTA, 2010). Entretanto, não há nenhum artigo dedicado especificamente à teorização do complexo, exceto o artigo *A dissolução do complexo de Édipo*, de 1924, no qual são apresentadas, além da demarcação entre o Complexo de Édipo masculino e feminino, as relações entre o complexo de Édipo e o complexo da castração. Existe também o Complexo de Electra, que embora seja facilmente encontrável na literatura mais recente, foi mencionado por Freud apenas três vezes em toda sua obra – considerando a versão

standard americana (SMITH, 2011). O Complexo de Electra foi proposto por Jung, mas recusado explicitamente por Freud no texto *Sexualidade feminina*, de 1931, ao afirmar que "o que dissemos sobre o complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino, e de que temos razão ao rejeitarmos a expressão 'complexo de Electra', que procura dar ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos" (FREUD, 2006, p. 263). De modo geral, o complexo de Édipo, que tem início na fase fálica – aproximadamente entre os 3 e 5 anos de idade – é um período de sentimentos intensos em relação aos pais, tanto de amor quanto de ódio, e sua dissolução é ligada à capacidade de renunciar a seu objeto de amor e identificar-se com os valores da cultura. A cultura é o limite da agressividade para a aceitação social e, justamente por isso, a dissolução do complexo de Édipo é importante para compreender o sujeito e seus dilemas referentes à aceitação e à adaptação social.

Assimile

Juntamente com o complexo de Édipo, o complexo da castração também é fundamental para a compreensão da teoria psicanalítica. Portanto, estude com atenção o complexo de castração e sua relação com o complexo de Édipo.

Segundo Mograbi e Herzog (2006), a ameaça da perda de amor se inscreve tanto na saída do narcisismo quanto no insucesso das primeiras tentativas de investimento objetal, dirigidas para os pais. A queda narcísica, isto é, a perda de interesse no erotismo voltado a si mesmo, está relacionada ao fim das certezas que a possibilidade da castração provoca. O afastamento do narcisismo (que corresponde ao início do triângulo edípico) e a ameaça de castração marcam o desenrolar da situação edípica e culminam em sua dissolução. Para além do momento edipiano, a importância do desamparo no processo de subjetivação também aparece quando a identificação direta e imediata da criança com os pais, independente do investimento objetal, se efetua mais primitivamente do que qualquer outro investimento. Segundo Freud, existem duas dimensões, aparentemente excludentes, mas compatíveis, que podem explicar a dissolução do complexo de Édipo: uma ontogenética e outra filogenética. De acordo com a visão ontogenética, a dissolução ocorreria devido à sua impossibilidade interna, isto é, porque a satisfação esperada não pode ser alcançada. Filogeneticamente, por considerar que o princípio do complexo de Édipo é determinado hereditariamente, ele seria dissolvido simplesmente porque teria chegado a hora de sua desintegração.

Freud, segundo Roudinesco e Plon (1998), estabeleceu a distinção entre o investimento do objeto e a identificação, evidenciando que as formas de investimento do objeto não podem se efetivar sem a realização da castração. Diante da perda do pênis como castigo ou pela constatação de sua ausência na posição feminina, os investimentos são substituídos por uma identificação, o que possibilita a dissolução

do complexo de Édipo, dando assim origem ao superego e propiciando a entrada no período de latência, quando a criança deixa de sentir toda a excitação sexual em seu corpo e se volta ao desenvolvimento social e cognitivo.

Como efeito do declínio do complexo de Édipo, a autoridade dos pais é introjetada e possibilita o surgimento do superego, formando seu núcleo. Portanto, o superego, herdeiro direto do complexo de Édipo, é formado após o abandono do investimento de energia da criança em direção aos pais, que culmina na internalização das figuras parentais. Além disso, também se desenvolverá na criança, no final do complexo de Édipo, uma instância denominada ideal de eu, que orienta a posição da criança sobre sua sexualidade e suas formas de prazer, isto é, que define as maneiras e os modos como ela buscará, na vida adulta, satisfação em todos os sentidos, incluindo o sexual. É durante a dissolução do complexo de Édipo que as tendências libidinais são inibidas quanto a seu objetivo, isto é, dessexualizadas e sublimadas na direção de qualquer transposição para sua identificação. Contudo, nem tudo é decidido com a dissolução, ainda que aspectos subjetivos desse período retornem em outra cena, em um corpo biologicamente mais maduro e com uma estrutura psíquica que deverá ser capaz de se abrir ao outro sexo e separar-se dos pais.

Exemplificando

Inicialmente, o menino se liga à mãe pela atenção e carinhos maternais, desejando-a só para si. Depois percebe que o pai também a ama e é um rival em sua obtenção do desejo. Ainda assim, o menino a deseja completamente só para si, sem interferência do pai, desejando eliminar o rival. Como não pode vencer o pai, o jeito que encontra para se vingar é se tornar agressivo, cínico, desobediente etc. Com o tempo, o menino muda sua maneira de amar e, em vez de querer a mãe só para si, passa a querer protegê-la contra tudo o que possa vir contra ela. A competição com o pai continua, mas ele já admira suas qualidades e passa a imitá-lo, bancando um "homenzinho".

A posição adotada na resolução do complexo de Édipo, em relação à sua sexualidade e à ligação com os pais, será reavaliada diante da necessidade de mudança do objeto de amor para o ajustamento do desejo genital sobre o objeto de amor. Há uma tentativa de ratificação, que se mostra como uma tentativa de manutenção do que foi estabelecido, na qual o sujeito reafirma a identificação com o progenitor do mesmo sexo e reconhece as características do progenitor do sexo oposto como aquelas que devem ser apresentadas pela pessoa com quem irá se relacionar amorosamente. Quando a criança supera com mais ou menos êxito o conflito edípico, encontra uma solução para as angústias que acompanham o conflito por meio da interiorização dos seus pais, isto é, a criança se identifica com eles e internaliza suas proibições e

interdições. Entretanto, a identificação nunca é completa, pois a criança se identifica apenas com alguns aspectos dos genitores, mas não com outros.

Com a dissolução do complexo, a fantasia se torna um resíduo e passa a determinar a posição do sujeito em suas relações, sendo que o sentimento de culpa, originado pela dissolução do complexo de Édipo, impede o prazer com a fantasia edípica, e o recalque transforma a sensação de prazer em desprazer. Ainda assim, permanece um resto de gozo para o sujeito, sinal da dissolução incompleta de seu complexo de Édipo, a partir do qual o inconsciente, em suas diversas formações, insiste em reeditar a travessia do drama edípico, fundando a sexualidade humana em todas as suas várias vicissitudes.

O ponto nodal entre a sexualidade e o inconsciente reside na posição do sujeito diante da proibição do desejo incestuoso, que é muitas vezes revelada pelo sonho, expressão máxima do discurso inconsciente. Como a dissolução do complexo de Édipo é central para a separação entre eu e outro, entre ego e realidade, o processo não deve levar o sujeito ao isolamento, mas a novas possibilidades de se relacionar com os outros. Portanto, deve-se reconhecer o paradoxo do sujeito que deve se tornar cada vez mais singular e, ao mesmo tempo, cada vez mais universal e aberto à alteridade do mundo e dos outros, ou seja, amplia-se a crescente capacidade de o sujeito estar só e de tornar-se único, criando simultaneamente novas possibilidades de contato, empatia e cuidado em relação aos outros (CINTRA, 2015).

Reflita

Segundo Freud, o complexo de Édipo seria universal, isto é, independente de aspectos culturais. Contudo, atualmente, muitos pensadores da área das ciências sociais assumem que a sexualidade é socialmente determinada. Como ficaria o complexo de Édipo diante de uma sexualidade socialmente determinada, principalmente se for considerado que Freud fez suas propostas há mais de 100 anos? Existem relações possíveis entre o paradoxo da internalização do superego e abertura às influências culturais e o paradoxo de um complexo pretensamente universal e determinado socialmente?

Segundo Marzari (2012), para melhor compreender a dissolução do complexo de Édipo é preciso distinguir duas etapas relacionadas à fase fálica, relacionando-as ao complexo de castração e ao complexo de Édipo. Inicialmente, existiria um único sexo para a criança e todos os seres humanos seriam portadores de um pênis, não como um órgão, mas como falo (isto é, como um objeto imaginário e não como realidade). Em um segundo momento, a criança descobre que as mulheres não têm pênis, o que ainda não é percebido como a diferença entre os sexos, mas pode levar a criança a pensar na possibilidade de perder o pênis. Assim, o Édipo declina para resguardar o falo,

em um processo de substituição do investimento no par parental por identificações, constituindo o superego a partir da introjeção da autoridade paterna. Entretanto, Freud (1924) adverte que nem sempre é nítida a fronteira entre o normal e o patológico da resolução edípica: nos casos em que se mantiverem os conflitos internos, a resolução continuará, desde o inconsciente, a exercer uma ação persistente ao longo de toda a vida adulta, constituindo o complexo central de cada neurose.

Vivenciando o complexo de Édipo, o menino ama apaixonadamente a mãe e a deseja, querendo se livrar do pai, que o impede de realizar seu desejo. Por isso, o menino gostaria de assassiná-lo ou castrá-lo, mas teme a vingança retaliatória do pai, que o leva a desistir de seus intentos incestuosos em direção à mãe. É o medo de perder o pênis que o leva a renunciar ao objeto incestuoso, quando os investimentos objetais são substituídos por identificações. Posteriormente, a intensidade das identificações parentais será refletida na preponderância das disposições sexuais no indivíduo.

A identificação com a figura paterna permite preservar a relação de objeto com a mãe, em uma forma positiva do complexo; simultaneamente, essa identificação substitui a relação de objeto com o pai, na forma negativa do complexo. Assim, o menino pode ter dois desfechos na dissolução do complexo de Édipo: um ativo e outro passivo. O desfecho ativo funciona à maneira masculina, na qual ele se identifica com o pai como detentor da mãe e renuncia ao desejo incestuoso para realizar uma escolha objetal fora do circuito edípico. O desfecho passivo é à maneira feminina, na qual o menino busca assumir o lugar da mãe como objeto de amor do pai. Assim, o processo de sublimação seria consequência da dissolução do complexo de Édipo, uma vez que a meta sexual é substituída por outra, a princípio não sexual, mas sustentada pela força da pulsão sexual. Portanto, ainda que o processo como um todo tenha preservado o órgão genital e removido sua função, a substituição do investimento objetal por uma identificação modificou sua meta, que não é mais expressamente sexual, tornando-se uma relação voltada para o exterior. Entretanto, no caso das meninas, a evolução do complexo de Édipo é diferente, pois a fantasia da ameaça de castração não se aplica a ela, uma vez que, para a mulher, a castração é um fato consumado e ela não tem nada a perder ou a ser ameaçado.

Pesquise mais

Muitos autores chamam o complexo de Édipo feminino de Complexo de Electra. Os artigos *Electra versus Édipo* (HALBERSTADT-FREUD, 2006) e *Caminhos do complexo de Édipo feminino: da proposta freudiana à psicanálise contemporânea* (RIBEIRO; GRANATO, 2015) apresentam essa abordagem. Há também o vídeo *Complexo de Electra Sexualidade Infantil* (BONFIM, 2010), que pode ser uma boa introdução ao Complexo de Electra.

Inicialmente, o clitóris, para a menina, comporta-se exatamente como um pênis, mas, quando ela faz uma comparação com um colega de outro sexo, percebe a diferença de tamanho como uma injustiça e como fundamento para uma possível inferioridade. Por algum tempo, ainda se consola com a expectativa de que, quando ficar mais velha, terá um apêndice tão grande quanto o do menino. Contudo, a menina não entende a falta do pênis como algo de caráter sexual, presumindo que, anteriormente, deve ter possuído um órgão igualmente grande e que o perdeu por castração. Entretanto, a menina parece não estender tal inferência para outras mulheres adultas, mas, seguindo a fase fálica, encara-as como possuidoras de grandes e completos órgãos genitais. Segundo Freud, dá-se assim a diferença essencial entre os gêneros: a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.

Diante da constatação de sua castração, a menina se volta contra a mãe, responsabilizando-a pela falta do pênis, ao mesmo tempo em que se afasta da sexualidade clitoridiana (masculina), em prol da vaginal. Assim, a consequência da dissolução do complexo de Édipo seria, no mínimo, diferente para as mulheres, uma vez que elas não se desenvolvem sob os mesmos padrões do superego dos homens. Entretanto, reflexos poderão ser percebidos quando a mulher escolher seu marido conforme o modelo do pai, podendo repetir os relacionamentos conflituosos da mãe em sua vida conjugal, em um caso óbvio de regressão.

Exemplificando

O relacionamento original foi com a mãe e a ligação com o pai foi construída a partir do modelo percebido na infância. Posteriormente, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, uma vez que o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher estaria na transferência da mãe para o pai, isto é, de suas ligações objetais afetivas.

Se a castração é responsável pela entrada da menina no complexo de Édipo, sua resolução permanece bastante enigmática, mesmo para Freud, ao afirmar que, não havendo na menina o temor da castração, "cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil" (FREUD, 1996, p. 223). Portanto, a diferença entre os sexos situa-se na forma como cada sexo, do ponto de vista anatômico, experimenta o complexo de castração: já que as meninas não têm pênis, devem renunciar ao desejo de possuí-lo, substituindo-o pelo desejo de ter um filho. De fato, se o temor da castração é o temor da perda do pênis, a dissolução do Édipo feminino é como um abandono gradativo, devido à impossibilidade de realização do desejo edipiano, uma vez que vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para o pai, pois a renúncia ao pênis não

é tolerada sem alguma tentativa de compensação. Então, o desejo da menina desliza do pênis para um bebê, mas como o desejo jamais se realiza, o complexo de Édipo é gradativamente abandonado e os dois desejos, de possuir um pênis e de ter um filho, permanecem fortemente catexizados no inconsciente, ajudando a preparar a menina para seu futuro papel social de mulher. Em tal contexto, confrontando-se com a teoria freudiana, não é possível não levar em conta como o papel social da mulher se modificou no último século, principalmente após a revolução comportamental dos anos 1960, com o aparecimento da pílula e da minissaia, com a popularização das cirurgias plásticas, com a necessidade de concorrer em condições de igualdade no mercado de trabalho e tantas outras transformações pelas quais a sociedade passou e continua passando.

Em resumo, a dissolução do Édipo nos meninos é ocasionada pelo interesse narcísico nos órgãos genitais e pelo temor da castração. Já nas meninas é a constatação da castração que inicia o Édipo. De qualquer forma, segundo Freud, o sexo feminino também desenvolve um complexo de Édipo, um superego e um período de latência, que podem ser atribuídos à organização fálica e ao complexo de castração; contudo, não do mesmo modo que os meninos. Assim, a distinção morfológica, fadada a encontrar sua expressão em diferenças no desenvolvimento psíquico, demarca também a diferença entre o complexo de Édipo masculino e feminino, fazendo perceber como a anatomia torna-se responsável pela clara diferença entre os sexos.

Reflita

A afirmação de Freud "anatomia é destino" ficou famosa e foi usada em mais de uma obra. Mas quais são o sentido e as implicações dessa afirmação? O que Freud entendia por destino? Por que a anatomia assumiria tamanha importância?

Para o menino, o efeito do complexo de castração é a identificação com o objeto paterno, não sendo possível ocorrer a resolução definitiva do complexo, pois é justamente a relação do sujeito com a castração que determina sua posição no mundo em termos de estrutura. Freud, assumindo certa dificuldade na resolução do lado feminino no complexo de Édipo, chegou a afirmar que, para as meninas, seria a maternidade que possibilitaria a resolução do complexo e, em uma saída normal, a maternidade se tornaria equivalente à feminilidade. Entretanto, tal hipótese deixava sem solução o problema do surgimento do superego feminino e das identificações na mulher. Assim, como a castração não seria uma ameaça nem uma imposição que geraria temor, teria uma eficácia mais frágil na formação do superego feminino e, consequentemente, na inserção da menina na cultura. Freud descreveu ainda o que considerava ser o efeito dessa dificuldade em relação à dissolução do Édipo feminino: para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal é diferente do que é para

os homens. Dessa forma, o superego feminino nunca seria tão impessoal nem tão independente de suas origens emocionais como nos homens, o que necessariamente não seria nenhuma desvantagem, pois favoreceria uma visão de mundo mais social do que individual.

Reflita

Muitos problemas e mal-entendidos decorrentes da teoria freudiana parecem se concentrar sobre a afirmação de que a sexualidade, tanto no homem quanto na mulher, possui um único ordenador: o falo. Você concorda com a afirmação? Qual seria uma alternativa para essa afirmação e como ela poderia ocorrer? Como você vê a influência cultural no desenvolvimento e na dissolução do complexo de Édipo?

Seja como for, na teoria freudiana, apenas um órgão genital é considerado para ambos os sexos: o masculino. Foi partindo da teoria infantil de que o pênis é uma possessão comum aos dois sexos que Freud postulou a fase fálica em sua teoria do desenvolvimento sexual. Não é a primazia dos órgãos genitais, mas a primazia do falo: trata-se do momento em que a criança, menino ou menina, atribui o órgão masculino a todos os seres vivos, inclusive à mãe. Contudo, o falo, um objeto imaginário que tem no pênis seu correspondente anatômico, é um "pênis" universal, que não é exatamente o órgão peniano, mas a imagem dele atribuída a todos os seres. É com a ideia de um falo universal que o complexo de Édipo oferece à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Na possibilidade ativa, ela se coloca no lugar de seu pai, à maneira masculina, e pode ter relações com a mãe, caso em que o pai se torna um rival. Já na possibilidade passiva, a criança assume o lugar da mãe para ser amada pelo pai, caso em que a mãe se torna supérflua. Ainda que a criança tenha apenas noções vagas sobre o que constitui uma relação erótica satisfatória, ela percebe que o pênis deve desempenhar qualquer parte na satisfação, pois as sensações em seu próprio órgão provam isso. Como a criança não tinha, até o surgimento do complexo de Édipo, razão para acreditar que as mulheres não possuíam pênis, quando a possibilidade de castração passa a ser aceita, pelo reconhecimento de que as mulheres seriam castradas, põe-se fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo, pois ambas as possibilidades acarretavam a perda do pênis: a ativa e masculina, como uma punição resultante, e a passiva e feminina, como precondição da inexistência.

De qualquer modo, a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo custa à criança o pênis e faz surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo e as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai, ou dos pais, é introjetada no

ego e forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai, perpetuando a proibição contra o incesto e defendendo o ego do retorno da catexia libidinal. Assim, as tendências libidinais, pertencentes ao complexo de Édipo, são em parte inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição, e em parte dessexualizadas e sublimadas, o que, segundo Freud, provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação. Todo o processo consegue preservar o órgão genital e afastar o perigo de sua perda, além de paralisá-lo e de remover sua função. Assim, a partir da dissolução, inicia-se o período de latência, que interrompe, por algum tempo, o desenvolvimento sexual da criança. Tal afastamento do ego em relação ao complexo de Édipo pode ser chamado de repressão, apesar das repressões posteriores ocorrerem com a participação do superego, o qual estaria apenas sendo formado. Portanto, tal processo é mais que uma repressão, equivalendo, quando idealmente levado a cabo, à destruição e à abolição do complexo de Édipo.

Sem medo de errar

Continuaremos nos aprofundando no desenvolvimento das características psicológicas dos professores Aristófanes e Maria Helena, de acordo com o ponto de vista psicanalítico. Retome as caracterizações já elaboradas e contribua para enriquecê-las com o que aprendeu sobre a dissolução do complexo de Édipo, imaginando também como foram suas estórias durante o período de latência. A imaginação continua a ser o limite para extrapolar o conhecimento adquirido para situações que, segundo Freud, podem ser consideradas universais, mesmo diante de cada individualidade.

Reafirmamos que o objetivo não é "acertar" a resolução do problema, mas argumentar e refletir sobre possíveis relações entre a teoria e a prática dos conceitos apresentados, sendo possível transpor informações provenientes de casos clínicos apresentados por Freud ou qualquer outro artigo científico já estudado ou pesquisado.

É desejável manter coerência com o que foi escrito anteriormente e reconhecer, além de justificar segundo a teoria, as possíveis similaridades e diferenças entre os desenvolvimentos de cada personagem. É necessário, além disso, considerar principalmente a dissolução do complexo de Édipo, masculino e feminino, para identificar as reações de cada um diante do complexo de castração, descrevendo suas identificações com os genitores e os possíveis reflexos do complexo em suas buscas por satisfação na vida adulta, em todos os sentidos, inclusive no sexual.

Sugerimos também a elaboração de uma tabela comparativa entre o que aconteceu com os personagens Aristófanes e Maria Helena no passado, indicando passagens cruciais de suas estórias sob o ponto de vista da teoria psicanalítica e, mais especificamente, do desenvolvimento e da dissolução do complexo de Édipo, indicando, se possível, em colunas separadas, os reflexos em suas vidas como adultos.

Mesmo considerando as limitações que possíveis relações "diretas" entre conceitos e aspectos da vida possam ter, lembre-se de que estamos lidando com personagens fictícios e, portanto, passíveis de simplificação, algo muito mais simples do que acontece com um analista diante de um paciente que ele não conhece e, por isso, deve elaborar sua compreensão a partir do relato do próprio paciente, o que não permite que o analise utilize a imaginação para estabelecer as relações entre o inconsciente e os sintomas; por essa razão, ele deve se basear em uma sólida conceituação teórica.

Mais uma vez, mãos à obra! Lembre-se que, quanto mais detalhada for a elaboração que você realizar para cada estória, provavelmente mais fácil será aplicar a teoria estudada e o trabalho se tornará mais significativo para você.

Avançando na prática

A homossexualidade no divã

Descrição da situação-problema

Atualmente, a homossexualidade não é considerada uma doença, mas é uma postura social que, devido à incompreensão por parte da sociedade, pode causar sofrimento ao paciente diante de sua opção sexual, não em decorrência da homossexualidade, mas em razão do modo como algumas pessoas ainda a consideram. Imagine uma situação hipotética em que um paciente que ainda não assumiu sua homossexualidade procurou um psicanalista. Considerando a dissolução do complexo de Édipo e a identificação com os genitores, como poderia ser abordado o problema do conceito de Édipo positivo e negativo? Não seria necessária uma revisão dos conceitos propostos por Freud? Qual pode ser a maneira mais adequada do psicanalista tratar esse paciente?

Resolução da situação-problema

Para ajudá-lo na resolução do problema, considere pelo menos um dos seguintes escritos: texto de Acyr Maya (2007), intitulado *O que os analistas pensam sobre a homossexualidade?* e publicado na revista *Psychê* (v. 11, n. 21); texto de Luciana L. F. Vieira (2009), intitulado *As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana*, publicado na revista *Mal Estar e Subjetividade* (v. 9, n. 2); texto de Márcia Arán (2009), intitulado *A psicanálise e o dispositivo diferença sexual*, e publicado na revista *Estudos Feministas* (v. 17, n. 3); e, finalmente, a tese de doutorado de Daiane M. Marques (2015), intitulada *É possível uma psicanálise não-heteronormativa? Complexo de Édipo e homossexualidade nos artigos da revista brasileira de psicanálise*, e defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Caso um de seus personagens, Aristófanes ou Maria Helena, tenha qualquer traço ou indicação de homossexualidade, use-o em sua resposta. Ou, então, recorra a algum exemplo dado nas referências indicadas ou mesmo a qualquer outra referência que você encontrar e achar adequada para a composição de sua resposta.

Faça valer a pena

1. Considerando o desenvolvimento do complexo de Édipo, Freud estabeleceu a distinção entre o investimento do objeto e a identificação, evidenciando que as formas de investimento do objeto não podem se efetivar sem a realização da castração.

Em relação ao complexo da castração e sua relação com o complexo de Édipo, qual é a afirmação correta?

a) O complexo da castração pode ser evitado com a queda narcísica.

b) A dissolução do triângulo edípico é marcada pelo afastamento do narcisismo.

c) A ameaça da castração marca o desenrolar da situação edípica.

d) É a queda narcísica que permite diminuir o desejo da criança pela mãe.

e) O complexo da castração reafirma o amor da criança pelo pai.

2. Em relação à primeira fase de desenvolvimento do complexo de Édipo, existiria um único sexo para a criança e todos os seres humanos seriam portadores de um pênis, não como um órgão, mas como um falo (isto é, como um objeto imaginário e não como realidade).

Considerando o investimento objetal e suas representações, é correto afirmar que:

a) O complexo da castração elimina a representação universal do falo.

b) A representação do falo possibilita a introjeção da autoridade materna.

c) A substituição do investimento no par parental ocorre após a dissolução do complexo de Édipo.

d) O superego surge com a introjeção da autoridade paterna associada ao falo.

e) As identificações parentais são distorcidas pela presença do falo enquanto objeto imaginário.

3. Segundo Freud, é a maternidade que possibilita a resolução do Édipo para as meninas: em uma saída normal, a maternidade torna-se equivalente à feminilidade, deixando sem solução o problema do surgimento do superego feminino e das identificações na mulher.

Uma consequência da diferenciação no surgimento do superego feminino é que:

a) A formação do superego feminino seria mais frágil que a do superego masculino.

b) Os homens teriam uma visão de mundo mais social do que individual.

c) O superego seria mais impessoal e independente das origens emocionais.

d) O período de latência ocorreria muito mais tardiamente para as meninas.

e) O desenvolvimento de neuroses seria minimizado para as mulheres.

Referências

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 3, p. 653-673, 2009.

BONFIM, Cláudia. **Complexo de Electra Sexualidade Infantil**. YouTube, out. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ciXCSvWqeA>. Acesso em: 13 mar. 2017.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. A descoberta do mundo e a destrutividade originária. **Jornal de Psicanálise**, v. 48, n. 89, p. 67-78, dez. 2015.

COSTA, Teresinha. **Édipo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Passo-a-Passo Psicanálise)

ÉSQUILO et al. **O melhor do teatro grego. Prometeu Acorrentado, Édipo Rei, Medeia, as Nuvens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. (Clássicos Zahar)

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 101-106, v. XIX. (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **Além do princípio do prazer (1920)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII. (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **As pulsões e seus destinos (1915)**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

______. **Sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 259-279, v. XXI. (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

KATZ, Chaim Samuel. **Complexo de Édipo. Freud e a Multiplicidade Edípica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MARQUES, Daiane Maus. **É possível uma psicanálise não-heteronormativa? Complexo de Édipo e homossexualidade nos artigos da revista brasileira de psicanálise**. 2015. 139 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140808>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MARZARI, Marilene. A constituição e dissolução do complexo de Édipo. **Revista FACISA On-line**, v. 1, n. 1, p. 14-25, 2012.

MAYA, Acyr. O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? **Psychê**, v. 11, n. 21, p. 85-104, dez. 2007.

MOUSSAIEFF, Masson Jeffrey (Org.). **Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

NASIO, Juan-David. Édipo. **O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PASOLINI, Pier Paolo. **Édipo Rei (1967)**. YouTube, ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QpCFRcX4dQg>. Acesso em: 13 mar. 2017.

QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra. Fragmentos de tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SMITH, Ivan. **Freud - Complete works**. 2011, 5109 p. Disponível em: <http://freudcompleteworks.com/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 9, n. 2, p. 487-525, jun. 2009.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; HÖFIG, Julia Archangelo Guimarães. Repensando o complexo de Édipo e a formação do superego na contemporaneidade. **Psicologia**: Ciência e Profissão, v. 36, n. 3, p. 696-708, set. 2016.

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Psicanálise e cultura

Convite ao estudo

Quando chegamos ao final da unidade anterior, compreendemos como foi importante aprofundar nosso conhecimento sobre a teoria psicanalítica. Na Seção 3.1, estudamos o desenvolvimento das fases psicossexuais: fase anal, fase oral, fase fálica, fase do período de latência e fase genital. Já na Seção 3.2, conhecemos o mito da tragédia grega Édipo Rei e a maneira como Freud fez uso desse mito para representar a estruturação do complexo psicológico que ele denominou como Complexo de Édipo. Por fim, na Seção 3.3, entendemos como Freud explicou a dissolução do Complexo de Édipo e apresentou a importância desse evento no desenvolvimento humano posterior.

No contexto de aprendizagem desta unidade, João Ismite está animado com tudo o que aprendeu sobre a teoria psicanalítica. Ele entendeu como a psicanálise explica o desenvolvimento humano a partir do ponto de vista do indivíduo. Entretanto, João sabe que o ser humano não é um indivíduo sozinho, sendo, pelo contrário, alguém que vive em uma família, que compõe uma comunidade que também faz parte de uma dada sociedade. E se há uma sociedade, há também uma cultura por ela desenvolvida e vivida, que evolui ao longo do tempo. Então João ficou intrigado. Será que a Psicanálise também não poderia explicar o desenvolvimento da cultura, enquanto um fenômeno coletivo de uma sociedade, ao longo do tempo? João ficou fascinado por essa ideia. Por outro lado, também pensou em como a Psicanálise proposta por Freud evoluiu em sua história. Como será que os seguidores de Freud deram continuidade à Psicanálise?

Para ajudar João a esclarecer essas perguntas, nesta Unidade 4 vamos em direção a suas respostas. Na Seção 4.1, vamos acompanhar a evolução da

psicanálise por meio da contribuição de psicanalistas como Jung, Erikson, Adler, Anna Freud, Klein, Bion, Lacan e Kandel. Na Seção 4.2, vamos estudar como a psicanálise explica o desenvolvimento da ordem social e como a humanidade trabalha a dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. Finalmente, na Seção 4.3, descobriremos como a psicanálise contribui para a compreensão da cultura e da ciência moderna e para as manifestações contemporâneas, entre elas a estética, a literatura, o cinema e as neurociências.

Vamos, então, dar sequência a nossos estudos e entender como João pode responder a essas questões?

Boa leitura!

Seção 4.1

O movimento psicanalítico

Diálogo aberto

João evoluiu bastante em seus estudos.Você se lembra que na Unidade 2 ele aprendeu a metapsicologia freudiana (1ª e 2ª tópicas), os mecanismos de defesa e os chistes e atos falhos? Pois bem, ele está prosseguindo em suas pesquisas e estudos e refletiu sobre o que estudar.

Em nosso contexto de aprendizagem, João se motivou a pesquisar mais um pouco e descobrir quem foram os psicanalistas que ajudaram a desenvolver a psicanálise e quais foram suas contribuições. Para isso, pensou nas seguintes questões:

- Quais foram os psicanalistas que mais se destacaram no desenvolvimento da psicanálise a partir de suas contribuições?
- Eles foram fiéis à "visão dogmática" de Freud da primazia da libido e da teoria do trauma sexual no desenvolvimento humano ou explicaram esse desenvolvimento por meio de um ponto de vista ou de uma visão diferente?
- Essas contribuições ajudaram a desenvolver e aprimorar a psicanálise?

Diante desse cenário, a situação-problema (SP) requer que você responda a essas perguntas e monte um painel que demonstre as respostas de maneira didática.

Não pode faltar

4.1.1 Anna Freud

Uma das maiores expoentes do desenvolvimento da Psicanálise foi, seguramente, a Srta. **Anna Freud** (1895-1982), filha caçula de Freud e a única de seus descendentes a se tornar analista. Quando ela nasceu, a Psicanálise tinha dado apenas seus primeiros passos e ainda havia muito a ser feito. Isso ofereceu à menina Anna a oportunidade de, ainda muito jovem, estar ao lado de seu pai – como boa e comportada filha – nas reuniões que ele realizava com os membros da Sociedade de Psicanálise. Muito embora não participasse das conversas, crescendo nesse ambiente privilegiado, ela ouvia com muita atenção tudo o que era dito e aprendia. Com o passar do tempo, começou a compreender os conceitos psicanalíticos e a conversar a respeito.

Em 1917, com 22 anos de idade, por causa de sua ligação emocional com o pai (ela era a filha favorita de Freud) e para trabalhar questões de sua própria sexualidade, Anna começou a fazer análise com ele. A análise durou quatro anos e foi mantida em segredo por muito tempo. Essa análise, por motivos óbvios, foi considerada "absurda" pelos membros da Sociedade de Psicanálise da época. Mas, por outro lado, além de Freud, quem ousaria fazer a análise da filha do "pai da psicanálise"? Em 1924, com 29 anos de idade, Anna submeteu à Sociedade Psicanalítica de Viena o trabalho acadêmico *Fantasias de espancamento e devaneios*, baseado em um caso supostamente por ela atendido. Nesse trabalho, foram analisados sonhos em que a suposta pessoa atendida se envolvia em masturbação, surras e relações sexuais incestuosas com o pai. Segundo Schultz (2014), esse trabalho foi muito bem recebido por Freud e demais membros da Sociedade, tendo rendido a admissão de Anna nesta Sociedade. Há quem sustente que esses sonhos eram, na verdade, fantasias e sonhos da própria Anna Freud (SCHULTZ, 2014).

Como analista e defensora das ideias de seu pai, Anna manteve-se firme e talvez até ortodoxa nas bases conceituais originais da psicanálise, a ponto de rivalizar com Melanie Klein. Uma vez que não é possível a uma criança pequena seguir a regra da associação livre (de não censurar nenhum pensamento ou ideia), Anna contribuiu com a proposição de um método especial para a realização de **análise de crianças por meio da análise do brincar e da observação da criança**. O livro *Introduction to the technique of child analysis* (Introdução a uma técnica de análise de crianças), publicado em 1927, registra essa contribuição. Em 1936, Anna revisou a teoria psicanalítica clássica (ortodoxa) e, a partir de suas próprias descobertas clínicas, publicou o livro *The ego and the mechanisms of defense* (O ego e os mecanismos de defesa). Anna produziu intensamente ao longo de sua carreira. A coleção de seus trabalhos reúne oito volumes, publicados entre 1965 e 1981. Morreu em Londres, próxima de completar 87 anos de idade.

Assimile

Os mecanismos de defesa do ego formam, até os dias de hoje, um dos elementos centrais no trabalho analítico. Vale a pena recordar que os mecanismos de defesa são processos inconscientes, adotados pelo ego, que têm a função de "encontrar uma saída" para os conflitos provocados pelo embate dos impulsos do id com os valores e exigências do superego.

4.1.2 Melanie Klein

Sem dúvida alguma, outra grande expoente da psicanálise foi a vienense Melanie Reizes, nascida em março de 1882. Aos 17 anos de idade, ficou noiva de Arthur Klein, um jovem engenheiro químico. Quando se casaram, ela adotou o nome de Melanie Klein (THOMAS, 1995).

Melanie passou o período de 1907 a 1914 em numerosas viagens e tratamentos para depressão. Em 1914, deparou-se com a Psicanálise por meio da leitura de *A interpretação dos sonhos*, que lhe serviu de revelação. Em 1916, iniciou análise com Sandor Ferenczi, que identificou nela um talento para lidar com crianças e a incentivou se tornar psicanalista. "Ela comunicou um caso sobre o desenvolvimento de um menino (seu filho Erich) à Sociedade Psicanalítica de Budapeste e se tornou membro dela" (THOMAS, 1995, p. 139).

Assim como Anna Freud, Klein também utilizou o brincar para analisar crianças. Contudo, se sua prática, por um lado, confirmou a teoria do Complexo de Édipo e do desenvolvimento do superego, por outro, demonstrou que ambos ocorrem antes – muito antes – do período de fase fálica (aproximadamente dos 3 aos 5 anos de idade), afirmando que eles surgem com o bebê, nos primeiros meses de vida. Ao contrário do que admitia Anna Freud, Klein mostrou ser possível fazer análise de crianças antes do período da fase fálica e do Édipo tradicionalmente contextualizado neste período. Por essa e outras contribuições, houve nas sociedades de Psicanálise o surgimento de uma cisão, com alguns psicanalistas se identificando com as proposições clássicas e ortodoxas defendidas por Anna Freud – o assim chamado annafreudismo –, e outros que se identificavam com as descobertas de Klein – movimento chamado de kleinismo ou kleiniano (ROUDINESCO, 1998).

De acordo com Segal (1975), a contribuição de Melanie Klein pode ser classificada em três fases distintas. 1ª fase: o estabelecimento dos fundamentos da análise de crianças e o desenvolvimento arcaico do complexo de Édipo e do superego, com a publicação do artigo *On the Development of the Child* (Sobre o desenvolvimento da criança) e do livro *The Psycho-Analysis of Children* (A psicanálise de crianças), em 1932. 2ª fase: proposição do conceito de posição depressiva e dos mecanismos de defesa maníaca, descritos nos artigos *A contribution to the psychogenesis of the*

maniac depressive states (Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos), de 1934, e *Mourning and its relations to maniac depressive states* (O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos), de 1940. 3ª fase: proposição da posição esquizo-paranoide, apresentada no artigo *Notes on some Schizoid Mechanisms* (Notas sobre alguns mecanismos esquizoides) e em seu livro *Envy and Gratitude* (Inveja e gratidão), de 1957.

Melanie Klein morreu em setembro de 1960, em Londres, com 78 anos de idade. Seus pressupostos teóricos são utilizados na análise e terapia de pacientes psicóticos.

Pesquise mais

Para aprender sobre a posição depressiva e a posição esquizo-paranoide, assista a este interessante vídeo:

LIVRARIA DO PSICANALISTA. **A posição depressiva e a posição esquizo-paranoide**. 5 abr. 2016.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ssi-6F6Anvw>. Acesso em: 25 mar. 2017.

4.1.3 Donald Woods Winnicott

Outro psicanalista que fez história a partir de sua contribuição científica para a psicanálise foi Donald Woods Winnicott, nascido em Plymouth (Grã-Bretanha) em 7 de abril de 1896. Filho caçula de uma família de três filhos, sentiu muito a ausência de seu pai, sempre envolvido com o trabalho e com atividades políticas. Em 1923, aos 27 anos de idade, teve a oportunidade de ler um livro de Freud e, a partir dessa leitura, intuiu que a psicanálise era o caminho que estava procurando. Iniciou, então, sua análise com James Strachey, que durou 10 anos. Estudou medicina e se especializou em pediatria. Atuou no *Paddington Green Children's Hospital* e em seu consultório particular, que pouco a pouco se transformou em um consultório de pedopsiquiatria (psiquiatria de crianças). Tornou-se psicanalista pela Sociedade Britânica de Psicanálise por volta do ano de 1935, tendo sido supervisionado, no período de 1935 a 1940, por Melanie Klein (ARCANGIOLI, 1995). Sua teoria é utilizada na análise e na terapia de psicóticos.

Como pediatra, acompanhou o desenvolvimento dos primeiros anos de vida de crianças. Constatou que os bebês e as crianças pequenas apresentavam características comuns, típicas de sua respectiva fase de desenvolvimento. Mas, como psicanalista, atendeu adultos psicóticos e constatou que estes apresentavam características semelhantes às de crianças pequenas. Ao rastrear a história de vida desses pacientes, Winnicott identificou que esses adultos haviam passado, quando muito pequenos, por situações que atrapalharam o livre fluxo do desenvolvimento infantil e, por consequência, desenvolveram sintomas psicóticos. Se por um lado as crianças apresentavam essas características devido a uma condição normal do seu desenvolvimento, os psicóticos

tinham essas características devido a algo que comprometeu a formação de seu id, ego ou superego, e quanto mais precoce fosse a ocorrência dessa interferência, pior seria o comprometimento produzido (ARCANGIOLI, 1995; SALES, 2015).

As consequências mais graves (psicoses) ocorrem no que denominou **fase da dependência absoluta** (do nascimento até os seis meses de idade). Nessa fase, para viver, a criança absolutamente depende da presença da mãe. Depois desse período, inicia-se a **fase da dependência relativa** (dos seis meses aos dois anos de idade). É chamada de dependência relativa porque, nessa fase, a criança tem consciência parcial de sua dependência e tolera melhor as frustrações decorrentes da falha do atendimento de suas necessidades.

Na fase da dependência absoluta é requerida uma mãe suficientemente capaz de suprir as necessidades físicas e afetivas da criança, a que Winnicott nomeou como "mãe suficientemente boa". Essa mãe tem por funções: 1ª) apresentação do objeto (apresentação do seio que alimenta); 2ª) *holding* (proteger o bebê dos perigos físicos, como frio, calor e condições inseguras); 3ª) *handling* (manipulação do bebê enquanto ele é cuidado). A realização dessas funções por parte da mãe (suficientemente boa) permite o livre fluxo dos processos maturacionais – físicos e afetivos da criança. Winnicott morreu em Londres, no dia 25 de janeiro de 1971.

Reflita

O que será que acontece com o desenvolvimento físico e afetivo da criança pequena quando a mãe morre ou se ausenta por tempo prolongado durante a fase de dependência absoluta e durante a fase de dependência relativa?

4.1.4 Jacques-Marie Lacan

Lacan nasceu em Paris, em 14 de abril de 1901. Filho de burgueses católicos que fabricavam e comercializam vinagre, teve uma educação conservadora. Cultivou grande cultura, pois teve a possibilidade de frequentar livrarias e teatros e estar com artistas e poetas. Adolescente, estudou a obra de Baruch Spinoza. Estudou também a filosofia do alemão Friedrich Nietzsche, entre outros.

Cursou medicina no Hospital Sainte-Anne e se tornou psiquiatra. Começou sua análise didática em 1932 e, no fim desse ano, publicou sua tese sobre um caso de paranoia (caso Aimée), trabalho que foi bem recebido pelos intelectuais de sua época. Contudo, no meio psicanalítico Lacan sempre foi controverso e, por essa razão, muito criticado.

Em 1936, apresentou o conceito da fase do espelho no Congresso da *International Psychoanalytical Association* (IPA) daquele ano. Propôs que a origem do ego se daria

no período entre os 6 meses de vida e 1 ano e meio de idade, momento em que a criança passa por uma fase na qual "antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho" (ROUDINESCO, 1998, p. 194).

Uma polêmica foi gerada durante essa apresentação, porque sua proposição contradisse a proposta freudiana de que o ego surge a partir do id. Em razão de sua polêmica proposição, "Ernest Jones cortou-lhe a palavra apenas com dez minutos de sua exposição" (ROUDINESCO, 1998, p. 447).

Para Lacan, o homem é dominado pela linguagem, e isso faz com que seu funcionamento psíquico e, por consequência, a própria sociedade, também o sejam. Para ele, a linguagem é tão importante que é por meio dela que a própria identidade de uma pessoa é desenvolvida.

Exemplificando

Podemos tomar como exemplo uma criança que nasce. É fato que todo ser humano nasce em sociedade e que, além de seu próprio nome, recebe também um nome social, um nome de família. Nas sociedades patriarcais, é o nome da família de seu pai. Lacan cunhou o conceito de "Nome-do-Pai" para representar a função simbólica que dá o nome à criança. Ao nomear o filho, o pai exerce uma função paterna que permite à criança adquirir sua identidade.

Por essa razão, Lacan dirigiu sua prática analítica no sentido de compreender o funcionamento do psiquismo a partir da linguagem humana. Para isso recorreu à linguística e à semiótica.

A obra de Lacan é tida por alguns como de estudo difícil, mas é perfeitamente possível realizar esse estudo. A implicação das contribuições de Lacan para a psicanálise é tão grande que nova cisão ocorreu na psicanálise com o surgimento do movimento denominado lacanismo. Lacan morreu em Paris, em setembro de 1981, deixando um grande legado.

4.1.5 Wilfred Ruprecht Bion

Bion nasceu em 8 de setembro de 1897, em Muttra, Índia. Filho de mãe indiana e pai inglês, foi educado por uma ama de leite chamada Ayah e passou a primeira infância em seu país natal. Foi mandado para Londres para estudar em regime de internato e nessa escola viveu sem a família, de quem recebia escassas visitas. Sentia-se só e abandonado. Para aliviar a solidão, dedicou-se aos esportes. Aos 19 anos, alistou-se no exército britânico e foi alocado no batalhão de tanques blindados.

Participou da batalha de Cambrai (França)e, em meio ao fogo da I Guerra Mundial, enfrentou situações em que poderia ter morrido. Em seu grupamento, pode observar fenômenos de dinâmica de grupo, decorrentes das relações entre os membros do grupamento e suas lideranças.

Segundo Roudinesco (1998), Bion saiu do exército dois anos depois, em 1918, com a patente de capitão, e foi admitido na reconhecida Universidade de Oxford, onde se formou em filosofia e em literatura. Mais tarde, estudou medicina na University College London. Depois de um caso amoroso que não prosperou, tornou-se psiquiatra e decidiu fazer psicanálise. Fez sua análise didática com John Rickman, psicanalista inglês que fora analisado por Melanie Klein. Interrompeu sua análise porque foi convocado para atuar na II Guerra Mundial. Dessa vez, atuou na reabilitação de soldados, ocasião em que realizou estudos e pesquisas com pequenos grupos na área de dinâmica de grupo. Quando saiu do exército, retomou sua análise, mas dessa vez com a própria Melanie Klein.

De acordo com Zimerman (2004), assim como Klein e Winnicott, Bion também contribuiu para a compreensão e para o tratamento de pacientes psicóticos a partir da proposta de sua "teoria do pensar". Fochesatto (2013, p. 119) explica que, para Bion, o pensar "surge como uma saída, uma espécie de solução para se lidar com a frustração". Para explicar essa teoria, Bion apresenta um aparelho psíquico diferente do que havia sido postulado por Freud. De acordo com Roudinesco (1998, p. 70):

> **Bion dividiu o aparelho psíquico em duas funções mentais: a função alfa, correspondente ao fenômeno, e a função beta, correspondente ao número (a coisa em si, a ideia). Para Bion, a função alfa preservava o sujeito do estado psicótico, enquanto a função beta o desprotegia. A experiência com os pequenos grupos permitiu a Bion abordar o campo das psicoses, com a ajuda de diferentes conceitos kleinianos, aos quais acrescentou os de objetos bizarros (partículas destacadas do ego, com vida autônoma) ou de ideograma (inscrição pré-verbal de um pensamento primitivo).**

Bion morreu em Oxford, Inglaterra, em 28 de agosto de 1979, aos 82 anos de idade, e deixou um grande legado para a psicanálise.

4.1.6 Alfred Adler

Adler nasceu em 7 de fevereiro de 1870, em uma rica família de Rudolfsheim-Fünfhaus, distrito de Viena, Áustria. Adler teve uma infância marcada por doenças, pelo

ciúme do irmão mais velho e pela rejeição de sua mãe. Quando cresceu, formou-se médico em 1895, pela Universidade de Viena. Conterrâneo e contemporâneo de Freud, em 1902 juntou-se a ele em um grupo que se reunia semanalmente a fim de estudar psicanálise. Fundaram, assim, a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, com nove membros. Pouco tempo depois, Adler formulou uma teoria de personalidade que era muito diferente da proposta por Freud e, por essa razão, a relação entre os dois ficou comprometida, acenando uma possibilidade de cisão. Em 1910, o próprio Freud o nomeou como Presidente da Sociedade, mas a cisão ocorreu em 1911, com Adler descrevendo a psicanálise como "obscena" e Freud como um "vigarista" e Freud descrevendo Adler como um "anormal obcecado exclusivamente pela ambição", conforme relatado por Schultz (2014).

Entre outras proposições, Adler sustentou que o sentimento de inferioridade é a força motivadora do comportamento humano. O homem está o tempo todo se esforçando para competir na sociedade a fim de não ser inferior. Neste sentido, o sentimento de inferioridade é saudável para a pessoa. Contudo, torna-se problema quando a pessoa não consegue compensar o sentimento, configurando então o que chamou de "complexo de inferioridade". Adler também se interessou pela relação existente entre personalidade e ordem de nascimento. Ele propôs que o filho mais velho, o do meio e o caçula tendem a desenvolver personalidades específicas em razão da competição entre os irmãos. Também propôs que a relação terapeuta-paciente deveria ser face a face e empática. Como legado, deixou uma coletânea de 12 volumes de sua obra. Morreu em 28 de maio de 1937, no Reino Unido.

4.1.6 Erik [Homburger] Erikson

Erikson nasceu na Alemanha em 15 de junho de 1902. Filho de Karla Abrahamsen, nunca conheceu o pai, que abandonou sua mãe antes de seu nascimento. Quando em 1905 sua mãe se casou com Theodor Homburger, que deu seu nome ao menino, fato que foi conservado em segredo. Erik tomou conhecimento do ocorrido e, quando adulto, abandonou o nome Homburger e acrescentou o sufixo "son" a seu nome, criando assim o sobrenome "Erikson", explica-nos Roudinesco (1998). Em 1927, estabeleceu-se em Viena como artista plástico e pintava retratos de crianças. Interessou-se por pedagogia, em especial a praticada por Maria Montessori. Passou a dar aulas particulares para crianças e, nesse contexto, conheceu Anna Freud. Com o passar do tempo, Erik se interessou pela psicanálise e fez sua supervisão didática com Anna.

Dentre suas contribuições está a proposição do que ficou conhecida por teoria psicossocial do desenvolvimento ou teoria dos oito estágios de vida. Em cada estágio, há uma crise com a qual o ego precisa lidar e resolver. São os estágios:

Quadro 4.1 | Estágios de vida segundo Erikson

Idade	Estágio	Conflito a ser resolvido
Primeiro ano de vida	Confiança versus desconfiança	Confiar nos outros para suprir suas necessidades
1 a 3 anos	Autonomia versus vergonha e Dúvida	Desenvolver autonomia
3 a 6 anos	Iniciativa versus culpa	Ter iniciativa e lidar com conflitos
6 a 12 anos	Produtividade versus inferioridade	Ser diligente e competir
12 a 20 anos	Identidade versus confusão de papéis	Estabelecer identidade social e profissional
20 a 40 anos	Intimidade versus isolamento	Desenvolver fortes laços de amizade e afetivos
40 a 65 anos	Generatividade versus estagnação	Obter produtividade e estabilidade
Mais de 65 anos	Integridade versus desespero	Avaliar seu próprio ciclo vital

Fonte: adaptado de Shaffer (2012, p. 50).

Erikson é reconhecido como um dos psicólogos da chamada Psicologia do Ego. Morreu em 12 de maio de 1994, nos Estados Unidos.

4.1.6 Carl Gustav Jung

Na Seção 2.1 deste livro didático, apresentamos Carl Gustav Jung e sua proposta de aparelho psíquico. Na ocasião, explicamos que Jung conheceu Freud e se tornou membro da Sociedade Psicanalítica. Young-Eisendrath (2002) explica que o afastamento de Jung da Sociedade Psicanalítica se deu em 1913, após ter publicado *Símbolos e transformações da libido* (atualmente intitulado *Símbolos da Transformação*). Como essa obra contraria frontalmente a teoria da libido de Freud, eles romperam. Ambos ficaram arrasados.

Uma das contribuições de Jung foi a ampliação do conceito de inconsciente, complementando-o com o conceito de inconsciente coletivo. Outra contribuição foi seu **conceito de libido**, que para ele não seria apenas uma energia sexual, mas uma energia vital expressa em forma de energia psíquica. Essa ideia permitiu a Jung compreender a dinâmica dos elementos (arquétipos, complexos, símbolos) que compõem o aparelho psíquico por ele proposto.

Outra contribuição foi a Psicologia Analítica Junguiana, como ficou conhecida sua teoria, que permite a compreensão e o tratamento dos sintomas psicóticos, mas com um diferencial: embora reconheça no sintoma psicótico uma patologia, não o trata como doença. Outrossim, lida com ele como uma forma singular de expressão de um inconsciente que não foi adequadamente integrado, equilibrado ou amadurecido e que luta para atingir tal ponto de integração, de equilíbrio e de amadurecimento. É o que Jung denominou de **processo de individuação**: a busca desse equilíbrio interno

que todos – psicóticos e não psicóticos – empreendemos. Por isso, para Jung, o papel do terapeuta consiste em abrir caminhos para que o indivíduo permita a expressão do seu inconsciente por meio de estratégias que se consagraram: a entrevista analítica face a face; a interpretação dos sonhos e da contação, bem como a interpretação de mitos e contos; as técnicas de expressão corporal; as técnicas de expressão artística, como pintura, escultura e modelagem; o emprego de técnicas projetivas por meio do uso da caixa de areia, denominada *sandplay*.

O vocabulário a seguir descreve alguns dos principais conceitos da teoria junguiana. Jung morreu em 06 de junho de 1961, em Küsnacht, nas proximidades de Zurique, Suíça, tendo deixado também um vasto legado humano e teórico.

Vocabulário

Arquétipo: padrão de símbolos ou "imagens originárias" produzidas inconscientemente, comuns a todo ser humano (JABOBI, 2013).

Complexo: grupo de conteúdos psíquicos separados da consciência que atuam de maneira autônoma (JABOBI, 2013). Quando entram em ação no ego, tornam-se "constelados".

Inconsciente coletivo: camada do inconsciente que contém os arquétipos (HOPCKE, 2012).

Self ou "Si-mesmo": arquétipo que oferece estabilidade e senso de totalidade humana ao aparelho psíquico (HOPCKE, 2012).

Símbolo: representação de conteúdo inconsciente que não pode ser conhecida plenamente; manifestação dos arquétipos em forma de afeto, imagens, sonhos e estórias. Na cultura e religião, manifesta-se na forma de contos e mitos (HOPCKE, 2012).

Sintoma: bloqueio do curso da energia psíquica. Alarme que indica que algo não está bem (JABOBI, 2013).

Assimile

Existe uma ligação entre a psicanálise e as neurociências. Eric **Kandel** é um dos modernos pesquisadores desse assunto, que será melhor explicitado na Seção 4.3.

Sem medo de errar

Em nossa situação-problema, João precisa criar um painel que apresente a resposta para as perguntas que ele se propôs.

Para elaborar esse painel, João poderia desenhar um círculo central, envolto por oito caixas de texto. No círculo central, para representar a Psicanálise, poderia colocar uma foto de Freud. Depois, ele poderia escrever o nome dos oito psicanalistas que estudamos (Jung, Erickson, Adler, Anna Freud, Klein, Bion, Lacan e Kandel), cada nome em uma caixa, juntamente com tópicos que demonstram a contribuição que cada um trouxe à Psicanálise. Na última caixa de texto, João poderá colocar a resposta às três perguntas que se dedicou a responder.

Em relação a tais perguntas, uma das questões já foi respondida: quais foram os psicanalistas que mais se destacaram no desenvolvimento da psicanálise a partir de suas contribuições? Como vimos, são os autores que aqui estudamos. Seguramente, além destes também há muitos outros que também podem ser pesquisados e estudados por João.

A resposta para a segunda questão, que indagava se os psicanalistas foram fiéis à visão dogmática de Freud, é não. Nem todos os psicanalistas foram fiéis à doutrina original de Freud por uma questão puramente humana e científica: diferentes pessoas compreendem a natureza humana por diferentes pontos de vista e determinam diferentes linhas de desenvolvimento científico. No caso dos autores que estudamos, apenas Anna Freud manteve-se fiel à doutrina original.

Por fim, temos a última questão, cuja resposta é afirmativa: essas contribuições ajudaram a desenvolver e aprimorar a psicanálise? Sim, essas diversas contribuições ajudaram a aprimorar a Psicanálise.

Podemos concluir, portanto, que a Psicanálise é um corpo de conhecimento científico, moderno e contemporâneo, que evolui e é aprimorado ao longo do tempo, o que é desejável e necessário. A ocorrência de cisões teóricas e o surgimento de diferentes modos de pensamento é inevitável.

Avançando na prática

Rastreando "desaparecidos"

Descrição da situação-problema

Sabemos que além dos que foram estudados, a Psicanálise também recebeu valiosa contribuição de diversos outros importantes psicanalistas.

Pudemos, até este momento, estudar alguns. Contudo, há outros que aqui não foram apresentados e estão ausentes, “desaparecidos”.

Quem seriam esses psicanalistas “desaparecidos”?

Por quais contribuições são lembrados até hoje?

Por que são estudados até hoje?

Sua situação-problema, então, é fazer uma pesquisa e “rastrear” quem são esses famosos psicanalistas!

Resolução da situação-problema

Uma possibilidade de ação para resolver a situação-problema seria pesquisar quem foram os membros que fundaram a Sociedade de Psicanálise de Viena, de Paris e de Londres. Outra alternativa seria estudar a literatura que relata a história da Psicanálise.

Alternativamente, pode-se visitar o site dessas associações, como o da FEBRAPSI – Federação Brasileira de Psicanálise (disponível em: <http://febrapsi.org.br/categoria/biografias/>. Acesso em: 25 mar. 2017.), e verificar as biografias lá disponibilizadas.

Fazendo isso, você descobrirá biografias de personagens como Ernest Jones (aspectos sociais da Psicanálise), conhecido por sua fidelidade a Freud e à Psicanálise tradicional, Karl Abraham (teoria da evolução da libido) e William Fairbairn (teoria das relações objetais).

Faça valer a pena

1. Anna Freud, renomada filha de Sigmund Freud – considerado o pai da psicanálise –, foi uma das psicanalistas que ajudaram a promover e a desenvolver a Psicanálise. Ela ficou conhecida por ter revisado a Psicanálise e desenvolvido um importante conceito. De qual conceito estamos falando?

Entre as alternativas a seguir, assinale aquela que representa a resposta CORRETA:

a) Da posição esquizo-paranoide.

b) Do ego e os mecanismos de defesa.

c) Da fase de dependência relativa.

d) Do estágio do espelho.

e) Das funções mentais alfa e beta.

2. Considere as seguintes proposições e a relação proposta entre elas:

I. Anna Freud e Melanie Klein utilizaram a técnica do brincar.

PORQUE

II. A técnica de associação livre de ideias não é apropriada para as crianças.

Entre as alternativas a seguir, assinale a que representa a resposta CORRETA:

a) As asserções I e II são proposições verdadeiras e a II é uma justificativa da I.

b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa da I.

c) A asserção I é uma proposição verdadeira e a II é uma proposição falsa.

d) A asserção I é uma proposição falsa e a II é uma proposição verdadeira.

e) As asserções I e II são proposições falsas.

3. Melanie Reizes Klein, ao longo de seu trabalho clínico como psicanalista de crianças, efetuou uma série de observações a respeito do desenvolvimento psíquico infantil. A partir dessas observações, ela reposicionou a ocorrência do Complexo de Édipo para outro período da vida dos sujeitos. Qual outro período é esse?

Entre as alternativas a seguir, assinale aquela que representa a resposta CORRETA:

a) O período entre 6 e 8 anos de idade.

b) O período entre 4 e 6 anos de idade.

c) O período entre 2 e 4 anos de idade.

d) O período entre 1 e 2 anos de idade.

e) Os primeiros meses de vida do recém-nascido.

Seção 4.2

O mal-estar na civilização

Diálogo aberto

Em nosso contexto de aprendizagem, João Ismite encontrou sua tia e foi elogiado por ter se preparado muito bem para a conversa e pelo expressivo desenvolvimento de seu conhecimento em psicanálise sobre a psicologia do indivíduo. Contudo, sua tia ainda propôs alguns pontos que o fizeram ter desejo de refletir. Ao ouvir esses pontos, João considerou que o ser humano é um ser social. Sendo assim, a psicanálise poderia explicar, além do indivíduo, uma sociedade inteira? E de maneira ainda mais audaciosa: a psicanálise poderia explicar toda uma civilização humana? Fez-se silêncio nos pensamentos de João. Ele estava absorto em um sentimento de espanto e admirado diante de uma possibilidade tão ampla de compreensão da natureza humana.

Tia Ludmila atingira seu objetivo – despertou nele o mesmo interesse que motivou Freud a escrever *Totem e Tabu* (1913), *O futuro de uma ilusão* (1927) e, pouco tempo depois, *O mal-estar na civilização* (1930). Por essa razão, ela sugeriu a João que estudasse essas obras e respondesse às seguintes perguntas:

- Como as sociedades humanas – a civilização – equilibram as aspirações humanas para atender a seus impulsos pulsionais com as regras e normas sociais?
- Para haver sociedade viável é necessário haver uma ordem social. Do ponto de vista psicanalítico, como essa ordem social é obtida?
- E se há uma ordem social, há uma função de controle e a manutenção dessa ordem. Que função é essa?

Diante desse cenário, sua situação-problema (SP) será ajudar João a responder a essas perguntas.

Vamos a este desafio?

Não pode faltar

O estudo dos textos de Freud pode ser feito pela utilização de quaisquer das seguintes estratégias: em uma sequência temática ou em uma sequência cronológica. Neste estudo, optamos pela segunda estratégia por nos apresentar a vantagem de perceber a evolução do pensamento de seu autor. Por essa razão, começamos pela análise da obra *Totem e Tabu*.

4.2.1 Totem e Tabu

De acordo com Quinodoz (2007), para escrever essa obra, Freud se apoiou em evidências de pesquisas etnológicas e antropológicas a fim de dar argumentação científica às suas proposições, em especial àquelas que dão base à manifestação coletiva do Complexo de Édipo na ordem social. Segundo Freud, a consequência dessa manifestação coletiva se deu no passado pela instauração de dois interditos (proibições) considerados pilares de sustentação de qualquer civilização: **a proibição do assassinato do ancestral** (do pai ou seu representante) e a **proibição do incesto** (desposar a mulher do pai e, de maneira ampliada, os casamentos consanguíneos). Segundo sua argumentação, em algum ponto de sua história evolutiva a civilização humana viveu de fato o drama do **parricídio** (assassinato do pai) e do incesto, com consequências danosas à comunidade. E, diante dessas consequências, ocorreram os interditos, sendo que é justamente a instauração desses interditos que nos diferencia dos outros animais, por nos dar a condição de humanidade, e não mais de animais. Uma mulher não fica mais prenha; fica grávida. A prenhez é coisa de animal, enquanto a gravidez é humana. Um homem não mais "cobre uma fêmea" durante o coito; ele tem relações sexuais com ela. A fêmea com quem se dá o coito não é mais a própria mãe do homem ou sua irmã. Apenas animais fazem isso. A mulher que é envolvida pelo homem em seu abraço nupcial não é de sua família ou clã, o que se configura em algo humano.

A proposta Freudiana prossegue com a aceitação do fato de que, apesar dos interditos, tanto o parricídio quanto o incesto eventualmente ainda ocorrem como fatos isolados, mas não mais como fatos naturais. Ocorrem de maneira marginal ao costume civilizatório e à lei, configurando crime. Contudo, Freud reconhece que no homem hodierno (dos dias atuais) persiste a predisposição psicológica ao parricídio e ao incesto. É uma necessidade tão humana que se reproduz em toda criança, mas simbolicamente por meio do Complexo de Édipo. É o que restou do impulso parricida e incestuoso: o Édipo. Para Freud, esse Complexo é herdado de nossos primitivos ancestrais humanos. Neste ponto, não resistimos à tentação de lembrar o leitor de que quando Freud e Jung cessaram a mútua contribuição profissional, por causa das divergências teóricas havidas, Freud criticou Jung pela "excessiva importância" que este atribuía em sua psicologia ao conceito

de arquétipo. Contudo, Freud utilizou-se do mesmo conceito de predisposição ancestral – que Jung aplicou em seu conceito de arquétipo – para explicar a herança do complexo edipiano.

Assimile

A consequência do Édipo foi o estabelecimento de uma ordem social que protege a civilização. Há a segurança de que como homens, não seremos mortos – assassinados – por nosso próximo. Há a segurança da preservação do código genético humano por causa da não ocorrência das relações consanguíneas que corrompem o genoma humano e geram bebês inviáveis à vida. Assim foram obtidas as condições que viabilizaram as diferentes civilizações em diferentes eras.

Sobre *Totem e Tabu*, Quinodoz (2007, p. 138), ao explicar o discurso de Freud em relação ao totemismo, afirma:

> Seu ponto de partida, o totemismo, praticado em particular pelos aborígenes da Austrália, entre os quais cada tribo adota o nome de seu totem, em geral um animal como o canguru ou a ema. O totem é hereditário e seu caráter é associado a toda a linhagem envolvida. Por toda a parte, onde vigora um totem existe também uma lei, diz Freud "[...] segundo a qual os membros de um único e mesmo totem não devem ter relações sexuais entre eles, e consequentemente não podem casar entre eles".

Em sua obra, Freud prossegue explicando que a palavra tabu é de origem polinésia e designa algo que pode ter um valor de sagrado, mas ao mesmo tempo, um valor de proibido. Quebrar um tabu tem o peso de profanar o sagrado e merece punição pelo interdito quebrado. Na psicanálise, "encontramos pessoas que se infligem tabus como os selvagens: são os neuróticos obsessivos. Essas pessoas estão convencidas intimamente – por uma impiedosa 'consciência moral' – de que se transgredirem certas proibições enigmáticas, ocorrerá uma desgraça" (QUINODOZ, 2007, p. 139).

Conforme o dito popular, "Freud explica" que do mesmo modo que os povos primitivos vivem uma ambivalência em relação a seus tabus, os neuróticos também vivem uma ambivalência em relação a seus desejos e sentimentos.

Ao se aproximar da parte final de sua obra, Freud descreve que os primitivos atribuíram ao Totem os mesmos interditos do Édipo: é proibido matar ou caçar o animal que é o totem de sua tribo, mesmo que seja para alimento; e também é proibido se casar com mulheres de mesmo totem que o seu. Contudo, Freud descreve que entre essas tribos existe uma festa, anual, em que de forma ritual a tribo caça e mata justamente o animal que representa seu totem, para dele se alimentar de forma comunal (em comum com todos da tribo, em "comunhão"). De acordo com Freud, esse ritual pode ser análogo ao que teria ocorrido na ancestralidade: homens mataram seu próprio pai, se alimentaram de suas carnes e se tornaram mais fortes. Depois, cônscios do que fizeram, sentiram culpa e desejo de se reconciliar com o pai morto. Então, como não era possível reverter a morte física do pai, esses homens passaram a se relacionar com seu espírito, que gradativamente assumiu a condição de divindade. Segundo Freud, esta seria a origem da religião que transformou a ideia desse "pai deus" no "Deus Pai".

Desse modo, Freud desconstruiu o caráter sagrado das divindades e atribuiu à religião a condição de uma mera fenomenologia social que tem a função de postular e manter a ordem social.

4.2.2 O futuro de uma ilusão

Na obra *O futuro de uma ilusão*, Freud inicia demonstrando qual é a serventia da civilização para o homem: proteger o indivíduo contra os perigos da natureza. Segundo ele, para obter essa proteção, o homem primitivo fez como muitos animais e estabeleceu comunidades.

A comunidade supriu outra necessidade humana, além da proteção: regular e efetuar a distribuição dos recursos naturais (água, alimento, abrigo) em benefício comum. Mas para isso precisou estabelecer valores e ideais sociais de cultura, arte e religião, conforme nos explica Quinodoz (2007).

Contudo, esses valores exigiram, como foi demonstrado em *Totem e Tabu*, a renúncia à satisfação instintual. Foi necessário dizer não às exigências pulsionais do Id. Do ponto de vista social, deu-se a criação dos interditos, das leis e das regras sociais. Mas do ponto de vista psicológico, deu-se o desenvolvimento do superego.

Freud então considerou que viver em civilização exige sacrifícios que nem todos aceitam de bom coração. No fundo, permanece então um certo sentimento de revolta e não aceitação das regras. O comportamento agressivo e destrutivo contra a ordem social pode surgir, basta haver um motivo. Faltou água? Eis um motivo para a revolta. Faltou comida? Eis outro motivo para juntar as massas populares e fazer uma revolução! Assim é o psiquismo das massas.

Pesquise mais

Para aprender mais sobre o psiquismo das massas, você pode ler *Psicologia das massas e análise do Eu*, de Freud, ou *Psicologia de massas do fascismo*, de Wilhelm Reich, contemporâneo e discípulo de Freud que, como outros, seguiu na psicanálise com uma abordagem diferente da freudiana clássica.

Então, para controlar as massas "não basta repartir equitativamente os recursos e fazer uso da força, mas é preciso também utilizar diversos meios que permitam os homens se reconciliarem com a civilização e se compassarem de seus sacrifícios" (QUINODOZ, 2007, p. 251).E, segundo Freud, os meios para isso são: o desenvolvimento do superego e dos ideais sociais que elencamos. Contudo, dentre estes, o mais forte meio para o controle das massas são os ideais religiosos.

O texto prossegue com o reconhecimento de que a civilização – por razões óbvias – é incapaz de proteger o homem contra a morte (um dia todos morrem) e contra a doença (todos adoecem pelo menos uma vez na vida), uma vez que catástrofes naturais ocorrem (terremotos, furacões etc.). Diante da constatação da incapacidade da civilização de dar conta dessas ameaças, o homem, então, de um lado personifica esses acontecimentos em entidades espirituais e, de outro, personifica o desejo de ser protegido dessas entidades por alguma divindade que o defenda. Assim, depois da vida terrena, os homens podem ser recompensados no paraíso celeste pelos sofrimentos e sacrifícios terrenos que fez em vida.

Se com esse raciocínio Freud descreve a origem da religião – lembremo-nos de que Freud apresentou uma tese baseada em evidências, mas não uma constatação inquestionável –, deixou em aberto o motivo da personificação das divindades. Então, buscando respostas na Psicanálise, ele propõe que as divindades são personificadas na imagem do "pai" infantil, que toda criança teme, mas ao mesmo tempo deseja por causa da proteção que ele é capaz de oferecer. Freud então afirma que por esse motivo a religião é para a sociedade uma ilusão social de realização dos mais fortes desejos humanos, tal qual é a neurose uma ilusão para o indivíduo em seus primeiros anos de infância. Por isso, de modo análogo à criança que, quando cresce, desfaz sua ilusão infantil, Freud propõe que em algum dia a humanidade irá também desfazer a ilusão da religião.

Ora, mas se a religião é o que de melhor a humanidade tem hoje para suprir sua necessidade de proteção espiritual e consolo para tudo aquilo que a civilização não dá conta, se desfizermos a religião, o que fica no lugar dela? Segundo Freud, ficam a ciência e a arte. A ciência é o melhor recurso que a humanidade tem para, se não atender a todas as necessidades humanas, ao menos minorar seus sofrimentos, aliviar (tornar menos intensa) suas dores.

Nas palavras do próprio Freud (1913, p. 69):

> **Acreditamos ser possível ao trabalho científico conseguir um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida. Se essa crença for uma ilusão, então nos encontraremos na mesma posição que você. Mas a ciência, através de seus numerosos e importantes sucessos, já nos deu provas de não ser uma ilusão.**

Reflita

Em *Totem e Tabu*, Freud já havia descontruído o sagrado da religião e o apresentou como uma invenção social para satisfação ilusória das necessidades humanas não satisfeitas pela civilização. Aqui, em *O futuro de uma ilusão*, ele amplia essa ideia, apresentando a religião como meio de controle das massas e a ciência e as artes como substitutas adequadas. No lugar das ideias religiosas ficam as ideias de cultura e arte e a ciência. Essa posição de Freud é diretamente contrária à posição de Jung, que embora também reconheça a religião como um construto social, sustenta que a religião é, antes disso, uma construção psicológica arquetípica, fruto da capacidade humana de produzir símbolos afetivos que são projetados no coletivo na forma de religião. Por causa disso, segundo Jung, o ser humano irá sempre criar uma religião. Então, será que a religião pode ser substituída pela ciência? E se assim acontecer, será que a crença absoluta na ciência não fará com que, a partir dessa crença, se forme uma "religião científica"? O que você pensa a respeito?

4.2.3 O mal-estar na civilização

Como se estivesse fazendo uma réplica aos questionamentos que propusemos até aqui, Freud inicia este seu trabalho – *O mal-estar na civilização* – se propondo a descobrir qual é a origem ou a fonte dessa religiosidade arquetípica, que ele definiu como sendo um sentimento de união e pertencimento a um grande Todo, universal. Em outras palavras, de um sentimento religioso que denominou como "sentimento oceânico".

Ele propõe que esse sentimento é derivado das primeiras experiências afetivas de quando ainda somos bebês. Sabemos, graças à psicanálise, que de início o bebê não diferencia o mundo interno do externo.

Exemplificando

As naturais experiências de frustração pelas quais o bebê passa faz com que ele projete "para fora dele" tudo aquilo que é fonte de desprazer e mantenha para si o que é fonte de prazer. Esse processo cria no bebê a consciência do "Eu" e sua identidade; do que "está em mim" e do que está "fora de mim". Segundo Quinodoz (2007, p. 259) o bebê "[...] forma para si um 'ego-prazer' (*Lust-Ich*) ligado ao princípio do prazer, que se opõe a um mundo exterior ligado ao princípio da realidade".

E no mesmo parágrafo ainda esclarece: "Para Freud, a sensação de ilimitado que caracteriza o sentimento oceânico corresponderia à sobrevivência no adulto desse sentimento de união experimentado pelo bebê" (QUINODOZ, 2007, p. 259). Mas apenas esse sentimento é suficiente para ser a fonte da necessidade humana por vivência religiosa? Freud pensa que não e acrescenta que essa necessidade também tem origem na dependência infantil e na nostalgia de um pai protetor.

Continuando o caminho que foi trilhado em *O futuro de uma ilusão*, Freud faz a seguinte consideração: se a humanidade descartar a religião e em seu lugar colocar a arte e a ciência, então qual será o objetivo da existência humana?

Ele mesmo propõe uma resposta: o objetivo da existência humana é viver de acordo com o princípio do prazer, mas em civilização isso não é possível por causa da renúncia à satisfação pulsional que ela exige. E agora? Ele propõe uma saída simples: se não dá para obter todo o prazer que deseja, o homem vai procurar então evitar o desprazer e o sofrimento. E depois conclui, afirmando que compete a cada indivíduo buscar sua própria maneira de ser feliz.

Mais uma vez, Freud defende a tese de que a civilização humana não oferece à humanidade a felicidade que dela se espera. Ela não consegue evitar todo o sofrimento humano.

Em suas palavras (FREUD, 1930, p. 108):

> Parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão.

Se a civilização nos frustra, o que nos resta para dar sentido à vida? O amor? Essa é uma boa proposta. Freud esclarece que o amor entre homem e mulher é a base de qualquer civilização. É o que garante a continuidade da espécie ao longo

das eras. Então, nesse sentido, o amor é algo que é a favor da vida e, portanto, da civilização, uma vez que une os membros da família e nutre relações de amizade que tornam possível a vida comunitária. Mas também não é o que dá sentido à vida humana. O amor também age contra a civilização. Como ele fortalece o vínculo familiar, a família quer manter seus membros unidos, mas a civilização precisa e quer dividir as famílias. As filhas e filhos têm que sair de sua família para constituir outra. Ao mesmo tempo, a civilização impinge à monogamia, limitando assim a escolha do objeto de amor sexual; proíbe prazeres sexuais que considera "perversões", o que diminui o valor do amor e da sexualidade como fonte de prazer e objetivo de vida.

E não acredite que a civilização castra apenas o prazer sexual. Ela castra também a livre expressão da agressividade natural de nossa espécie (FREUD, 1930, p. 133):

> O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lupus*. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção?

Por essa razão, Freud ficou muito à vontade para afirmar que, conforme previsto na teoria psicanalítica, a civilização se equilibra para equacionar o balanço da pulsão de vida e da pulsão de morte. A impossibilidade de a civilização trazer a felicidade ao homem é intrínseca à natureza do próprio homem.

Novamente, em suas palavras (FREUD, 1930, p. 145):

> [...] deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser

> **simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. E é essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu.**

Aproximando-se do final de sua obra, Freud aborda os dois temas finais de sua consideração: a interiorização da autoridade externa (por meio do superego) e o futuro da civilização.

Em relação ao primeiro ponto, ele esclarece que por meio do superego o indivíduo introjeta a autoridade externa e desenvolve um sentimento consciente de culpa e, por consequência, sente necessidade de punição.

Segundo Quinodoz (2007, p. 261), "no início, [...] a severidade do superego provém sobretudo do temor em relação autoridade externa, mas com a evolução, a autoridade externa é interiorizada e contribui para estabelecer no psiquismo o superego individual".

Resta-nos, por fim, entrar no último tema proposto por Freud nesse trabalho: considerar se a civilização atual continuará e evitará sua autodestruição.

Já que todos os homens possuem um superego, todos desenvolverão culpa. Mas esta poderá não ser consciente. Em seu lugar, o ego vivenciará um mal-estar. Assim explica Freud (1930, p. 158):

> **Por conseguinte, é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça como uma espécie de mal-estar, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações.**

E como se resolve esse mal-estar? Freud não aponta solução. Diz apenas que caberá à civilização, a partir de seu desenvolvimento científico, tecnológico e humano, administrar esse mal-estar e aprimorar-se.

Por fim, Freud conclui (1930, p. 170):

> **A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal**

causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que [...] o eterno Eros desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?

Pesquise mais

O mal-estar na civilização foi publicado em 1930. Embora tenha sido criticado porque usava a psicanálise para explicar o mecanismo psicológico do suposto comportamento de autoaniquilação da civilização, a história comprovou que Freud tinha razão! Em outubro de 1962, aviões norte-americanos sobrevoaram Cuba e descobriram que a Rússia estava montando naquela ilha uma estrutura de lançamento de mísseis nucleares com o objetivo de atingir os Estados Unidos. Estava quase tudo pronto, faltando apenas a chegada dos mísseis que já estavam a meio caminho, transportados em navios da marinha de guerra soviética. Imediatamente, o presidente norte-americano John Kennedy autorizou o posicionamento de navios de guerra para impedir a chegada dos navios russos a Cuba e mandou um recado para o líder russo Nikita Khrushchev: se a marinha russa ultrapassasse a fronteira dos mares cubanos, teria sua frota atacada. Isso provavelmente daria início à Terceira Guerra Mundial. Uma guerra nuclear. Esse fato ficou conhecido como "a crise dos mísseis cubanos". Confira: Há 50 anos, crise dos Mísseis em Cuba quase detonou uma guerra nuclear. VEJA, 6 out. 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/mundo/ha-50-anos-crise-dos-misseis-em-cuba-quase-detonou-uma-guerra-nuclear>. Acesso em: 25 mar. 2017.

Sem medo de errar

Depois de ter feito a leitura desses textos, João estava de fato impressionado. A teoria psicanalítica realmente não foi apenas capaz de explicar e intervir junto ao comportamento de uma pessoa, como pode também explicar e prever

comportamentos de massas populares. Ele estava muito feliz com a compreensão que teve e logo foi anotando as respostas para as perguntas que sua tia lhe propôs.

Para responder à primeira delas, João registrou que a civilização equilibra as aspirações humanas para atender a suas pulsões com as regras e normas sociais a partir do interdito, ou seja, da proibição de comportamentos que podem ser prejudiciais à civilização. Como exemplo, ele anotou a proibição do homicídio e do incesto, que é encontrada em todos os povos. Ele também entendeu que a lei e a religião são a base para que o interdito seja respeitado. Se por um lado (pela lei) o indivíduo se submete ao interdito para evitar um castigo em vida, por outro (pela religião) ele respeita o interdito para ser merecedor, na vida eterna ou na vida pós-morte, de proteção e consolo pelos sofrimentos tidos na vida terrena.

Em relação à segunda pergunta – de como a ordem social é obtida –, ele logo respondeu que essa ordem foi conquistada pela humanidade a partir da herança do Complexo de Édipo. Ao experimentar o desejo por um genitor (simbolicamente, o incesto) e rivalizar com o outro genitor (simbolicamente, o parricídio), a consequência psicológica é a culpa (aqui a culpa é evidência da existência de um superego em desenvolvimento) e a vontade de dela se redimir. Para se redimir, o filho se aproxima então do genitor rivalizado. Isso redime a culpa, mas traz uma consequência: a consolidação do desenvolvimento do superego que atua a partir de então como uma autoridade interna, que "fiscaliza" a contribuição de cada um para a manutenção da ordem social.

E, por fim, para responder à última pergunta, João pode então escrever que a função de controle que atua na manutenção da ordem social é a função paterna, que advém do sentimento de fragilidade que todos vivenciamos quando crianças pequenas. Nessa época vivemos a sensação boa de nos sentirmos protegidos pelo pai, alguém maior e muito mais forte do que nós, e talvez até mais forte do que nossa mãe. Além disso, também vivemos o sentimento de medo quando esse pai nos castigava.

João concluiu escrevendo que, do ponto de vista social, quando o ser humano se sente novamente indefeso, dessa feita, ante os perigos da natureza, ele então aspira encontrar "um pai" ou "algo" que exerça esse tipo de "função paterna" protetora. Então "o pai" é projetado nas ideias religiosas e assume a forma de divindade; e o "algo" que exerce a função paterna é projetado na sociedade, no governante, na civilização. Por fim, João anotou que o homem primitivo, diante dessa aspiração por proteção, tornou-se gregário e firmou a civilização.

Avançando na prática

Eclosão da Primavera Árabe

Descrição da situação-problema

Por causa do agravamento da situação política e econômica de muitos países árabes, em 2011 os cidadãos do Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iémen e Barein saíram às ruas para derrubar ditaduras e promover melhorias na economia desses países, que estavam com alta taxas de desemprego e custo de vida elevado. Tunísia e Egito também estabeleceram um processo de transição para o estabelecimento de uma democracia (pesquise mais sobre esse movimento de massas. Leia o artigo *Primavera Árabe*, do site Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm> Acesso em: 25 mar. 2017).

Como a psicanálise pode explicar a eclosão desses movimentos e por que as massas populares tiveram tanta força?

Resolução da situação-problema

De acordo com o proposto por Freud nas obras que estudamos aqui, podemos afirmar que os movimentos populares eclodiram porque os governos dos respectivos países foram incapazes de garantir a proteção ou os recursos que as pessoas necessitam para viver. Em situações como essa, as massas de fato começam a questionar a relação custo/benefício da ordem social vigente. Se as pessoas têm a obrigação de seguir as leis e as normais sociais, têm também o direito de receber a proteção e os recursos de que necessitam. Mas se os governos não mais os oferecem, de que eles servem? Então, dá-se início a movimentos espontâneos que exigem a troca desses governantes.

A força desses movimentos provém da união das necessidades individuais não atendidas, que coletivamente cumulam vitalidade e expressividade. Então, simbolicamente, o drama primitivo se renova. Os cidadãos (simbolicamente, como filhos) saem reunidos para depor o governante (simbolicamente, o pai).

Daí essa expressividade manifestar-se em forma de movimentos sociais de grande intensidade. Diante dessa força, na Tunísia e no Egito os ditadores deixaram o poder sem oferecer resistência. Na Líbia, a dinâmica foi tão intensa que a morte do governante Muammar Kadafi chegou mesmo a termo. O presidente Saleh, do Iémen, transferiu o poder para um governo provisório depois de ter resistido por meses.

Faça valer a pena

1. Na obra *Totem e Tabu*, de 1913, Sigmund Freud, ao tecer considerações sobre a humanidade, discorre sobre como a civilização humana originou suas primeiras ideias religiosas. Em sua análise, Freud utilizou a contribuição científica de quais ciências?

Assinale a alternativa correta, conforme proposto pelo autor.

a) Etnologia e antropologia.

b) Estatística e arqueologia.

c) Sociologia e matemática.

d) Geologia e etnologia.

e) Sociologia e estatística.

2. Na obra *O futuro de uma ilusão*, de 1917, Sigmund Freud, ao tecer considerações sobre a humanidade, discorreu acerca de alguns temas. Nesse texto, Freud tratou de quais temas?

Assinale a alternativa correta, conforme proposto pelo autor.

a) Necessidades afetivas e parceiros sexuais.

b) Necessidades de alimento e socialização.

c) Necessidade de proteção e recursos naturais.

d) Necessidade de abrigo e integração social.

e) Necessidade de água e acesso a território.

3. Em *O mal-estar da civilização*, de 1930, Freud se propôs a explicar a origem da necessidade do homem, enquanto vivência no campo religioso, de estabelecer um sentimento de unidade com um algo ou um todo maior. Segundo Freud, esse tipo de sentimento tem origem:

Assinale a alternativa correta, conforme proposto pelo autor.

a) Na ideologia imposta por líderes religiosos.

b) Na ideologia imposta por governantes.

c) Nas experiências afetivas de quando ainda somos bebês.

d) Nas experiências afetivas da segunda infância.

e) Nas experiências de conflito do Complexo de Édipo.

Seção 4.3

Análise psicanalítica dos fenômenos atuais

Diálogo aberto

Evoluímos bastante em nossos estudos sobre a psicanálise! Nesta unidade, na Seção 4.1, pudemos conhecer alguns dos principais seguidores de Freud que, mesmo divergindo da psicanálise clássica por ele defendida, contribuíram para o franco desenvolvimento dela. Foi o caso de **Jung, Erikson, Adler, Anna Freud, Klein, Winnicott, Bion, Lacan e Kandel**.

Já na Seção 4.2, estudamos as obras de Freud *Totem e Tabu*, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização*, e aprendemos a compreensão psicanalítica do desenvolvimento das sociedades e como se deu o estabelecimento e a manutenção da ordem social, com os quais é possível a formação da civilização humana.

Nesta Seção 4.3, João Ismite se propôs um novo desafio. Tia Ludmila marcou um encontro com ele para retomar a conversa sobre psicanálise. Mas o que João poderá apresentar a ela? Pensou então em apresentar, de um lado, a visão psicanalítica dos fenômenos cultuais atuais: estética, literatura e cinema; e, de outro, a relação que existe entre a psicanálise e as neurociências.

João se colocou a pensar:

- A psicanálise poderia explicar a inspiração dos grandes artistas?
- Como Freud considerava a expressão da arte pelo artista?
- A interpretação psicanalítica das expressões artísticas trouxe algum benefício à psicanálise?
- Considerando que tanto a psicanálise quanto as neurociências trabalham com a "mente" humana, poderiam estar elas de alguma maneira vinculadas?

Vamos juntos com João nessa empreitada?

Bons estudos e mãos à obra!

Não pode faltar

Quando pensamos em estética, logo pensamos em beleza, naquilo que é belo, simétrico, harmonioso e criativo. A natureza é assim. Ela é bela. Pense na simetria dos cristais, na harmonia das espirais de uma concha marinha e na inesgotável diversidade criativa de cores e formas dos seres vivos.

Não é à toa que as primeiras considerações sobre a estética e o belo remontam aos homens primitivos, que, fascinados com a natureza e com a sua vida pulsante e inebriados pela cultura produzida pela civilização, produziram as primeiras pinturas em cavernas. Mas não se engane, os homens primevos não produziram apenas pinturas. A manifestação estética é criativa e clama por diversidade de expressão. Então, os homens produziram também esculturas em argila, pedra e metal. Ainda insatisfeito, o anseio humano pela expressão estética produziu mais. Com sua própria voz, o homem produziu o canto, e com o movimento do seu corpo, a dança e o encanto. A humanidade – em inglês, *humankind* (reinado dos homens) – criou culturalmente um outro tipo de reinado dos homens. Criou, de uma maneira mais ampla, o reinado da arte. O reinado da expressão cultural.

É claro que Freud não conseguiu ficar alheio a isso, nem se quisesse. Ele era um judeu europeu, em pleno vigor científico e artístico da transição do século XIX para o século XX. Havia recebido uma educação humanística e científica e estava perto – muito perto – de onde estão guardados os maiores tesouros artísticos da história humana, de todas as épocas: os museus e bibliotecas da Europa que fazia questão de visitar sempre que viajava.

Logo, ele foi exposto a toda sorte de expressão cultural disponível em sua época e aplicou a psicanálise na compreensão da expressão artística humana e na compreensão dos próprios artistas. Citamos como evidência *Escritores criativos e devaneio*, de 1907; *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância*, de 1910; e *O Moisés de Michelangelo*, de 1914.

Dessas obras, foi em *Escritores criativos e devaneio* que ele apresentou a seguinte questão: de onde vem a criatividade dos grandes escritores? Depois de fazer interessantes e arguciosas considerações, Freud propôs que o artista criativo resgata a seriedade que tinha quando criança, ao levar a cabo suas brincadeiras de imaginação lúdica. Uma criança imaginativa pode fantasiar que um galho de árvore é a "arma mais poderosa do universo" e leva essa imaginação até as últimas consequências: cria cenários, enredos, inimigos, aliados e todo um completo mundo que a entretém por uma tarde inteira. O artista, de mesmo modo, resgata esse poder de levar a imaginação a sério e faz com que sua ideia atinja o efeito máximo, produzindo assim as mais maravilhosas obras literárias, teatrais e de dança, música e artes plásticas que se pode conceber.

É muito útil lembrar que, embora a fotografia (técnica de registro de imagens)

já tivesse sido feita por meio do uso de câmara escura pelo italiano Giovanni Della Porta, por volta do ano de 1550, o cinema (fotografias projetadas em sequência de filmes fotográficos) e, posteriormente, a televisão, só seriam inventados na primeira metade do século XX. Por essa razão, Freud não apreciou naquela época o que hoje chamamos de cinema. Com essa exceção, Freud contemplou todas as demais formas de expressão artística. Em suas próprias palavras, Freud (1914, p. 253) registrou:

> **[...] as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura, e com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las a minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que deve o seu efeito.**

Em *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud aplicou a psicanálise para descrever a psicologia desse eminente artista. Sentiu-se a tal ponto seguro que afirmou a respeito do mau costume de Da Vinci de deixar obras incompletas (FREUD, 1910, p. 63):

> **Se compararmos esses relatos sobre o modo de trabalhar de Leonardo, com a evidência de inúmeros desenhos e estudos que deixou e que mostram todos os motivos que aparecem em suas pinturas sob os aspectos mais variados, somos compelidos a rejeitar o conceito de que sua impaciência e sua volubilidade possam, de algum modo, tê-lo influenciado com relação à sua arte.**

Após esse registro, Freud ainda saiu em defesa de Leonardo, afirmando que ele percebia tantas possibilidades de aprimorar suas obras que sempre as dava por "incompletas". E cita como prova de seu argumento a famosa *Monalisa*, de Giocondo. Muito embora a pintura estivesse feita, nunca fora enviada a seu encomendante porque Leonardo a considerava "inacabada" ou "imperfeita". Esses exemplos demonstram a intimidade que Freud tinha com as artes e como ele era atento a essas expressões da estética.

Em regra geral, para Freud, a arte era a expressão de desejos inconscientes, quer individuais de um artista, quer coletivos de uma sociedade – de uma determinada época. E era assim que ele aplicava sua psicanálise: como uma ferramenta ou estratégia para interpretar a produção artística e desvendar esses desejos, por exemplo, na cena de uma pintura, tal qual a psicanálise interpretava a cena de um sonho. Freud foi brilhante nessa abordagem, principalmente pelo desdobramento do benefício que ela trouxe para a psicanálise e para a humanidade.

Reflita

Ora, se a interpretação psicanalítica de uma produção artística pode ser benéfica à compreensão da psique de um artista, quão benéfica ela não poderá ser caso seja também aplicada à interpretação da produção artística de pacientes em análise? Como você pensa isso? Imagina a possibilidade de alguma aplicação?

A interpretação psicanalítica de produções artísticas foi tão impactante para a psicanálise de adultos quanto foi a técnica do brincar para a análise de crianças: deu fundamentação técnica, metodológica e científica para o que posteriormente foi denominado "arteterapia", uma área de atuação profissional que utiliza recursos artísticos com finalidade terapêutica (CARVALHO, 1995 apud REIS, 2014).

De acordo com Reis (2014, p. 149), "Margaret Naumburg foi pioneira no trabalho com arteterapia em um viés psicanalítico, desenvolvendo a arteterapia de orientação dinâmica". E depois, ainda na mesma página, esclarece:

> Baseada na concepção Freudiana do determinismo do inconsciente, cujos pensamentos e sentimentos se expressariam mais em imagens do que em palavras, como comprovado por Freud na teoria dos sonhos, Naumburg considera que a atividade pictórica favorece a projeção de conteúdos inconscientes, favorecendo por uma via simbólica, a comunicação entre paciente e terapeuta.

Dentro da teoria psicanalítica não podemos deixar de citar que a arte também pode ser aplicada pelo sujeito como forma de sublimação. Novamente, Reis (2014, p. 150) nos lembra:

> Na arteterapia psicanalítica, outro ponto fundamental é a concepção da arte como uma forma de sublimação, tal como postulado por Freud. A sublimação designa o processo no qual as pulsões são desviadas de seu objetivo original, de ordem sexual, e utilizadas em atividades culturais, tais como a criação artística ou a investigação intelectual, visando objetos socialmente valorizados.

Por outro lado, a psicanálise não foi a única a se beneficiar da arteterapia. Reis (2014) também relata, além da arteterapia psicanalítica, a arteterapia junguiana, baseada na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, e a arteterapia gestáltica, baseada na psicologia da Gestalt.

Uma vez que compreendemos o que fundamenta a aplicação da psicanálise na compreensão da expressão estética das artes plásticas, consideremos agora a outra forma de expressão artística que tanto encantou Freud: a literatura.

Villari (2000) afirma que há diferentes formas de relação entre a psicanálise e a literatura, a que denominou de "ações possíveis ou impossíveis" entre ambas. Ele explica que, entre as ações possíveis, está conceber a literatura como forma de exprimir o sentido daquilo que não é possível ser feito por intermédio de palavras ditas, faladas. É impossível aqui não recordarmos de Lacan em sua procura pelo sentido do significado da palavra. Villari ainda propõe a utilização do texto literário enquanto campo de pesquisa, no qual se pode procurar aquilo que está distante ou oculto ao campo psicanalítico – em outras palavras, se considerarmos "campo psicanalítico" enquanto teoria e técnica, aquilo que está distante ou oculto à técnica da livre associação de ideias.

Villari também afirma que Freud encontrou na relação psicanálise-literatura um caminho de duas mãos: em uma, a atribuição de sentidos ao texto literário a partir de uma interpretação psicanalítica; em outra, o resgate de algo na literatura que possa nutrir a psicanálise.

Reflita

Uma obra literária precisa estar escrita? Não necessariamente. Contos, estórias, mitos, folclores e tradições religiosas são obras que inicialmente foram transmitidas de pai para filhos de modo verbal. Posteriormente, com a invenção da escrita, foram por fim "escritas" e se tornaram então "literárias". Para você, o que é literatura?

Do mesmo modo que na produção das artes plásticas, Freud concebia a escritura como forma de expressão do inconsciente de quem escreve, mas com um nível maior de complexidade. Se há alguém que escreve, há aquele que lê, e este também tem um inconsciente. Então, se tratamos da literatura como forma de expressão de um inconsciente que se expressa pela escritura, temos que considerar que a interpretação do que está escrito também não é neutra: recebe a interferência do desejo inconsciente de quem lê – o inconsciente do leitor.

Assimile

De acordo com Villari (2000), na relação entre psicanálise e literatura é preciso considerar o trabalho inconsciente da escrita e o trabalho inconsciente da leitura.

Mas que benefício obtém a psicanálise ao discriminar o trabalho inconsciente de escrita do trabalho inconsciente de leitura? A resposta é: a compreensão de que o leitor encontra na literatura o compartilhar da expressão de um desejo.

Pesquise mais

Rosa Júnior apresenta no artigo *Literatura, perversão e psicanálise* a compreensão da perversão a partir da análise de textos literários. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2017.

A respeito da relação entre psicanálise e cinema, Rivera (2006) estabelece um diálogo entre ambos, considerando a relação da imagem traumática do cinema com a concepção psicanalítica de lembrança encobridora.

De acordo com Laplanche (1991, p. 264), a lembrança encobridora é uma:

> **Lembrança infantil que se caracteriza ao mesmo tempo pela sua especial nitidez e pela aparente insignificância do seu conteúdo. A sua análise conduz a experiências infantis marcantes e a fantasias inconscientes. Como o sintoma, a lembrança encobridora é uma formação de compromisso entre elementos recalcados e a defesa.**

Rivera (2006) explica que a lembrança é uma falsa lembrança – uma fantasia de caráter vivo e nítida – que se põe no lugar de uma lembrança de algo real.

Exemplificando

O próprio Freud traz como exemplo em seu texto *Lembranças encobridoras* um caso ocorrido consigo quando ainda criança: o momento do nascimento de sua irmã. Por causa de seu ciúme infantil em relação à nova irmã, ele não se recorda do nascimento propriamente, mas se lembra com grande nitidez de outros fatos ocorridos no mesmo dia, como a viagem que a família realizou justamente para fazer o parto. Esses fatos "encobriram" de modo fantasioso o nascimento de sua irmã, de modo que para ele, em fantasia, o nascimento não ocorrera.

Do mesmo modo que um filme nos traz uma falsa lembrança, decorrente das cenas que foram apresentadas, fazendo-nos ter recordações de algo que de fato não vivemos, na lembrança encobridora uma lembrança de algo doloroso ou reprovável

que foi vivido é substituída pela cena (de uma fantasia) de algo suportável para o ego. Em outras palavras: tanto o inconsciente quanto o cinema criam falsas lembranças.

Martins, Oliveira e Peixoto (2014, p. 161), por outro lado, encontraram – em particular nos filmes de suspense de Alfred Hitchcock – outra forma de aplicar a psicanálise na compreensão do cinema: defendem que o cinema pode oferecer visibilidade aos processos psíquicos, "que nos auxilia a vislumbrar as formações do inconsciente, demarcadas no texto freudiano". Isso ocorre porque a linguagem fílmica das cenas cinematográficas cria em nós ilusões, tal como ocorre nos sonhos. E não apenas isso: com as ilusões provocadas, o cinema promove também em nós o surgimento de afetos. Tal como no sonho, em que as imagens oníricas são carregadas de afeto, as imagens do cinema também o são.

Assim, um autor e um diretor competentes conseguem produzir no expectador toda sorte de representações psíquicas que desejar. Martins, Oliveira e Peixoto (2014, p. 165) apresentam uma descrição feita pelo próprio Hitchcock, em que ele declara como produz o suspense:

> Suponhamos que temos um grupo de homens sentados em volta de uma grande mesa redonda, coberta por um feltro verde. Eles estão, como você deve ter concluído, jogando pôquer. Então, uma bomba explode no meio deles. Isto é susto (ou surpresa). Agora, suponhamos que nós temos os mesmos homens, na mesma mesa jogando o mesmíssimo jogo. Mas desta vez, antes do jogo começar, nós focalizamos embaixo da mesa e vemos uma bomba relógio, e seus ponteiros funcionando. Agora nós voltamos a câmera para a mesa e as cartas já foram distribuídas. O relógio continua a fazer aquele barulho tão peculiar... Um dos jogadores descarta rapidamente suas cartas, levanta-se subitamente e deixa a sala. Ele sabe algo que os outros não sabem. O tique-taque do relógio fica mais alto e o espectador sabe disto também. Isto é suspense. (HITCHCOCK apud TRUFFAUT, 1986, p. 50)

Por fim, podemos concluir que a partir das evidências das artes plásticas, das obras literárias e do cinema que aqui foram apresentados, a arte é, além de uma expressão cultural de uma civilização, a expressão de inconscientes de indivíduos ou coletividades por primazia, e que hábeis artistas podem evocar representações psíquicas carregadas de afeto, que se tornam passíveis de serem interpretados e compreendidos à luz da teoria psicanalítica.

Isso tudo é possível porque **todos nós, humanos**, apesar de vivermos em diferentes épocas e em diferentes culturas, compartilhamos o mesmo equipamento neurológico

– parafraseando Freud, compartilhamos o mesmo aparelho psíquico.

E é justamente aqui que podemos então fazer a transição para o último tópico de nosso livro: a relação entre neurociência e psicanálise.

De acordo com Solms (2015), na história da psicanálise, o primeiro pesquisador que se preocupou em estabelecer as relações da psicanálise com as neurociências foi o próprio Sigmund Freud. Basta lembrar que ele era um médico neurologista alemão, portanto, treinado em neurologia pela tradicional escola de medicina alemã, que na época compartilhava com a escola de medicina francesa os louros da referência mundial em neurologia.

Destaca-se, não apenas de passagem, mas com a devida marca do reconhecimento, que nesse ínterim Freud foi um brilhante e competentíssimo neurologista, tendo sido ele próprio pesquisador e autor de artigos científicos em neurologia.

Contudo, um paradoxo se observa na história da psicanálise: apesar de tantos talentos na área e do já existente conhecimento em neurologia, a psicanálise desenvolveu-se de modo independente das neurociências. E isso se deve ao fato de que, naquele tempo, nem a neurologia alemã e nem a francesa davam conta de explicar doenças nervosas como a histeria, as psicoses e as neurastenias, simplesmente pelo fato de que essas doenças não se originam em danos ou lesões do tecido cerebral. Logo, para esses casos a neurologia era inútil. Servia apenas para descrever e classificar os sintomas dos pacientes e, na medida do possível, remediá-los com a tecnologia farmacêutica e cirúrgica da época. Essas doenças, então, deviam ser decorrentes de processos cerebrais que não tinham a possibilidade de serem estudados pela ciência tecnologia da época.

Não obstante, outros aspectos também contribuíram para o desenvolvimento independente da psicanálise e das neurociências. Segundo Solms (2015), afora a concepção filosófica da relação mente/corpo, psicanálise e neurociências possuem objetos de estudo diferentes e métodos de pesquisa diferentes, além do conhecimento que geram também ser diferente.

Mas isso não desanimou Freud. Embora formado pela escola alemã, ele se deixou influenciar fortemente pela escola francesa. Ficou tão bem impressionado com os trabalhos desenvolvidos em neurologia pelo professor Charcot, no hospital francês de Salpetrière, que quando retornou a Viena falava desses trabalhos com tanto prazer a ponto de deixar irritados antigos professores seus.

Assimile

Freud foi o primeiro interessado em estabelecer uma relação entre a psicanálise e as neurociências. Ele fez uma tentativa de estabelecer essa relação em *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895.

Freud também reconheceu os limites que a neurologia de sua época, baseada no método clínico-anatômico, possuía. Segundo Solms (2015, p. 48):

> Freud foi forçado a concluir que o método clínico-anatômico podia ser usado apenas para localizar as funções mais elementares, correspondendo, na esfera mental, às nossas modalidades sensoriais primárias (de visão, audição, paladar, entre outras), mas que era totalmente impossível localizar a organização neurológica do conjunto de faculdades mentais, que tem *princípios de organização supraordenados*, *baseados em sua própria construção interna, a qual muda constantemente no processo de seu desenvolvimento* em sua adaptação às variações das circunstâncias. (grifos nossos)

Quisemos demonstrar aqui que Freud adotou essa ideia, por exemplo, ao propor em sua teoria a tese das fases do desenvolvimento psicossexual, que ocorrem ao longo da infância e que fazem mudar constantemente a função da libido – em razão do processo de desenvolvimento –, como na fase oral, em que a libido está em um primeiro momento investida na boca para fins de comer (assimilar) e, depois, é apropriada de modos diferentes pelas demais fases. Para que se observe essas mudanças de fase no campo psicanalítico, há que ocorrer também uma mudança de função a nível cerebral. Eis aí uma evidência de estabelecimento de relação entre a psicanálise e as neurociências. Nessas mesmas bases, constatamos que Freud também adotou o mesmo método clínico-anatômico para explicar os fenômenos clínicos (neurológicos) em termos de forças e energias naturais subjacentes em termos físicos e químicos. Contudo, esse reconhecimento de que o cérebro possui uma energia física e química que o sustenta não nos faz lembrar do conceito de "energia psíquica" que sustenta seu "aparelho psíquico"? Eis aí novamente outra evidência de estabelecimento de relação entre a neurociência e a psicanálise.

Por fim, não podemos deixar de fazer a apresentação de Eric Richard Kandel, nascido em Viena, em 7 de novembro de 1929, hoje com 88 anos de idade. Foi ganhador do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 2000. Kandel é uma das maiores autoridades científicas em neurociências e tem devotado sua carreira ao estudo das neurociências aplicadas à memória e à psicanálise.

De acordo com o próprio Kandel (2003, p. 142), seu objetivo é demonstrar "como a biologia pode revigorar a exploração psicanalítica da mente. Devo dizer, de saída, que embora esboçamos o que poderia evoluir para uma significativa fundamentação biológica para a psicanálise, estamos recém nos primórdios deste processo".

Contudo, embora nos primórdios, já há caminhos viáveis para seguir. Segundo Kandel, é possível seguir a relação entre a psicanálise e as neurociências por meio

das seguintes linhas de pesquisa: 1) Natureza dos processos mentais inconscientes; 2) Natureza da causalidade psicológica; 3) Casualidade psicológica e psicopatologia; 4) Experiência precoce e predisposição à patologia mental; 5) O pré-consciente, o inconsciente e o córtex pré-frontal; 6) Orientação sexual e a biologia dos impulsos; 7) A psicoterapia e as mudanças estruturais na mente; e 8) A psicofarmacologia como tratamento combinado com a psicanálise.

Contudo, para que a psicanálise e as neurociências conversem, é necessário que se alcance uma compreensão coerente da mente, tanto do ponto de vista conceitual, quanto do ponto de vista experimental. Segundo o próprio Kandel (2003, p. 159) "os psicanalistas estão começando a aprender sobre a ciência neurológica e psicofarmacologia, um estimulante passo à frente, um passo que deve conduzir, por fim, a um novo currículo para os psicanalistas clínicos".

Estamos convictos de que é missão dos homens contemporâneos aplicar esforços para desenvolver essa relação, que não é só da psicanálise com as neurociências, mas das ciências biológicas com as humanas. Só assim teremos elementos para a verdadeira compreensão do ser humano.

Tratamos neste nosso estudo, de forma mais panorâmica do que específica, dos pontos mais importantes da teoria psicanalítica: de sua origem e seus principais conceitos e metodologia, aos principais expoentes clássicos e contemporâneos e perspectivas atuais. Continue pesquisando e aprendendo. Há, ainda, muito por fazer: tanto pela psicanálise, quanto pela civilização!

Sem medo de errar

No presente contexto de aprendizagem, João deseja levar à tia Ludmila elementos que ele considera importantes a respeito da teoria psicanalítica, mas ao mesmo tempo ele quer impressioná-la.

Com isso em mente, depois de ter pesquisado sobre as relações entre a psicanálise e a estética, a literatura, o cinema e as neurociências, rapidamente pegou seu caderno de anotações e escreveu:

- Freud era um grande e confesso apreciador de obras de arte, em especial, de literatura e escultura, com um interesse um pouco menor por pinturas. Chegou inclusive a escrever uma obra denominada *Escritores criativos e devaneio*, de 1907, em que propôs que a inspiração dos grandes escritores criativos se dava quando eles levavam a sério (ou até as últimas consequências) as brincadeiras de imaginação que as crianças fazem.

- A arte não é apenas a expressão de uma técnica artística. É, em primazia, a expressão de um inconsciente, quer individual (ao se considerar o artista que produz), quer coletiva (ao se considerar que esse artista reflete em suas obras os aspectos culturais de sua civilização).
- A aplicação da teoria psicanalítica trouxe como principal benefício para a psicanálise a compreensão de que, sendo a arte também a expressão de conteúdos do inconsciente, poderia ser útil como técnica de terapia, tal qual realizaram alguns psicanalistas, como Margarete Naumburg.
- Ao mesmo tempo em que se distanciam – psicanálise e neurociências, porque possuem objetos de estudos diferentes, utilizam métodos distintos de investigação e produzem, por consequência, conhecimentos de tipos diferentes –, elas também se aproximam, no sentido de que ambas trabalham com o conceito de mente e de que atualmente, por causa dos avanços científicos, pesquisadores como Eric Kandel já apontam uma vinculação entre psicanálise e neurociências.

Depois que escreveu, João sorriu. Havia um grande prazer em sua alma. Era um misto de sensação de dever cumprido com o autorreconhecimento de "mano, eu sou fera no que faço".

Novamente sorriu e o sorriso se transformou em uma alegre gargalhada. Imediatamente pegou novamente seu caderno e logo escreveu um pensamento, que foi o motivo da risadaria: "A psicanálise me conquistou de tal maneira que até quando sinto prazer por um trabalho bem-feito, vou logo pensando que estou sendo narcisista".

Avançando na prática

Quebrando barreiras

Descrição da situação-problema

A psicóloga clínica Anna estava atendendo uma adolescente de 15 anos, ainda em suas primeiras sessões. As poucas sessões realizadas até ali foram suficientes para estabelecer o contato com a paciente e formar o vínculo, de modo que as primeiras projeções transferenciais da paciente já se apresentavam na forma de resistência dessa adolescente em falar ou trazer sonhos para serem interpretados dentro do contexto da teoria psicanalítica.

Pensando que a arte pode facilitar a expressão de conteúdos inconscientes, o que Anna poderia propor para sua paciente, com o objetivo de facilitar a abordagem desses conteúdos inconscientes?

Resolução da situação-problema

Pensando que o inconsciente se manifesta, via projeção, nas expressões artísticas, e que, segundo Reis (2014), Naumburg – psicanalista que utilizava arteterapia no contexto psicanalítico – considerava que a atividade pictórica (de desenhos, ícones) favorece a projeção de conteúdos inconscientes, Anna poderia propor à sua paciente que, em vez de falar, pudesse fazer um desenho, ou, ainda, em vez de narrar um sonho, pudesse trazer um desenho feito em casa.

Embora a interpretação do desenho em si não seja parte da técnica da associação livre proposta por Freud, pode ser uma estratégia interessante, porque a produção do desenho (assim como a produção da fala) fica aberta ao livre fluxo de ideias da paciente e permite que ela, se quiser, eleja o desenho como motivo inicial de sua associação livre, superando assim a resistência transferencial que se estabeleceu.

Faça valer a pena

1. Ao tratar da expressão cultural por meio das artes, em especial, das artes plásticas e da literatura Freud produziu vários trabalhos em que aplicou a psicanálise como meio de análise dessas produções. Isto posto, qual foi a obra em que Freud explicou a origem da inspiração dos artistas?

Assinale a alternativa correta, conforme proposto pelo autor.

a) *O totem e o tabu*.

b) *Escritores criativos e devaneio*.

c) *O mal-estar na civilização*.

d) *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância*.

e) *O Moises de Michelangelo*.

2. Freud era um grande apreciador de artes e sempre que viajava visitava museus com o objetivo de conhecer as mais belas produções artísticas já feitas pela civilização humana. Considere as proposições a seguir:

I- Freud era um grande apreciador de pinturas.

II- Freud testemunhou que já chegou a passar horas observando esculturas, dentre elas, *Moisés*, de Michelangelo.

III- Freud era um grande apreciador de literatura.

Está correto que se se apresenta em:

Assinale a alternativa correta, conforme proposto pelo autor.

a) Está correta a afirmação I.

b) Está correta a afirmação II.

c) Está correta a afirmação III.

d) Estão corretas as afirmações I e II.

e) Estão corretas as afirmações II e III.

3. Freud era um grande apreciador de artes e encontrou em Leonardo Da Vinci a expressão de um grande artista que mereceu receber sua orientação e a análise psicanalítica de suas obras. Ao que se refere a Leonardo Da Vinci, considere as proposições a seguir a respeito do que Freud considerava a respeito desse eminente artista plástico:

I- Leonardo era um artista indolente e indulgente. Não gostava de trabalhar e não levava a sério seu trabalho.

II- Leonardo era um artista muito exigente e consciente de suas potencialidades, a tal ponto que atrasava com frequência a entrega de suas obras, porque as considerava incompletas e imperfeitas.

III- Leonardo era um artista que produzia pouco, pois dedicava seu tempo a relações amorosas eróticas.

Está correto que se se apresenta em:

Assinale a alternativa correta, conforme proposto pelo autor.

a) Está correta a afirmação I.

b) Está correta a afirmação II.

c) Está correta a afirmação III.

d) Estão corretas as afirmações I e II.

e) Estão corretas as afirmações II e III.

Referências

ARCANGIOLI, A. M. Introdução à obra de Winnicott. In: NASIO, J. D. (Org.). **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FOCHESATTO, W. P. F. Reflexões sobre a "teoria do pensar", de Bion. **Estud. Psicanal.**, Belo Horizonte, n. 40, p. 113-117, dez. 2013.

FREUD, S. **Lembranças encobridoras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **Escritores criativos e devaneio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **Totem e tabu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **O Moisés de Michelangelo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **O futuro de uma ilusão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

______. **O mal-estar na civilização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

HOPCKE, R. H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

JABOBI, J. **A psicologia de C. G. Jung**: uma introdução às obras completas. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

KANDEL, E. R. A Biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. **Revista de Psiquiatria do Rio grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 139-165, jan./abr., 2003.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIVRARIA DO PSICANALISTA. **A posição depressiva e a posição esquizo-paranoide**. 5 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ssi-6F6Anvw>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MARTINS, K. P. H.; OLIVEIRA, D. P. de; PEIXOTO, M. C. L. A cortina rasgada: o cinema de Alfred Hitchcock e a teoria da imagem em Sigmund Freud. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 161-175, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2017.

PENA, R. A. Primavera Árabe. **Brasil Escola**. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>. 25 mar. 2017.

QUINODOZ, J. M. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REIS, A. C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php? script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2017.

RIVERA, T. Cinema e pulsão: sobre "irreversível", o trauma e a imagem. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF, Niterói, v. 18, n. 1, p. 71-76, jan./jun. 2006 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232006000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ROSA JR., N. C. D. F. da; POLI, M. C. Literatura, perversão e psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 702-714, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALES, G. T. Psicanálise de Winnicott: um ninho confiável. In: ______. (Org.). **Clínica de psicologia para recém-formados**: a experiência inicial sob os cuidados de abordagens maduras. Campinas: Editora do Autor, 2015.

SCHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SCHULTZ, D. P. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.

SOLMS, M. Integração da psicanálise com as neurociências. In: EIZIRIK, C. L. **Psicoterapia de orientação analítica**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015, p. 41-61.

THOMAS, M. C. Introdução à obra de Melanie Klein. In: NASIO, J. D. (Org.). **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

TRUFFAUT, F. (1967). **Hitchcock-Truffaut**: entrevistas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VEJA. **Na beira do abismo**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/historia/crise-dos-misseis/especial-capa-eua-urss.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2017.

VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicologia**: Ciência e Profissão, Brasília, v. 20, n. 2, p. 2-7, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php? script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2017.

YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. **Manual de Cambridge para estudos jungianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ZIMERMAN, D. E. **Bion**: da teoria à prática uma leitura didática. Porto Alegre: Artmed, 2004.